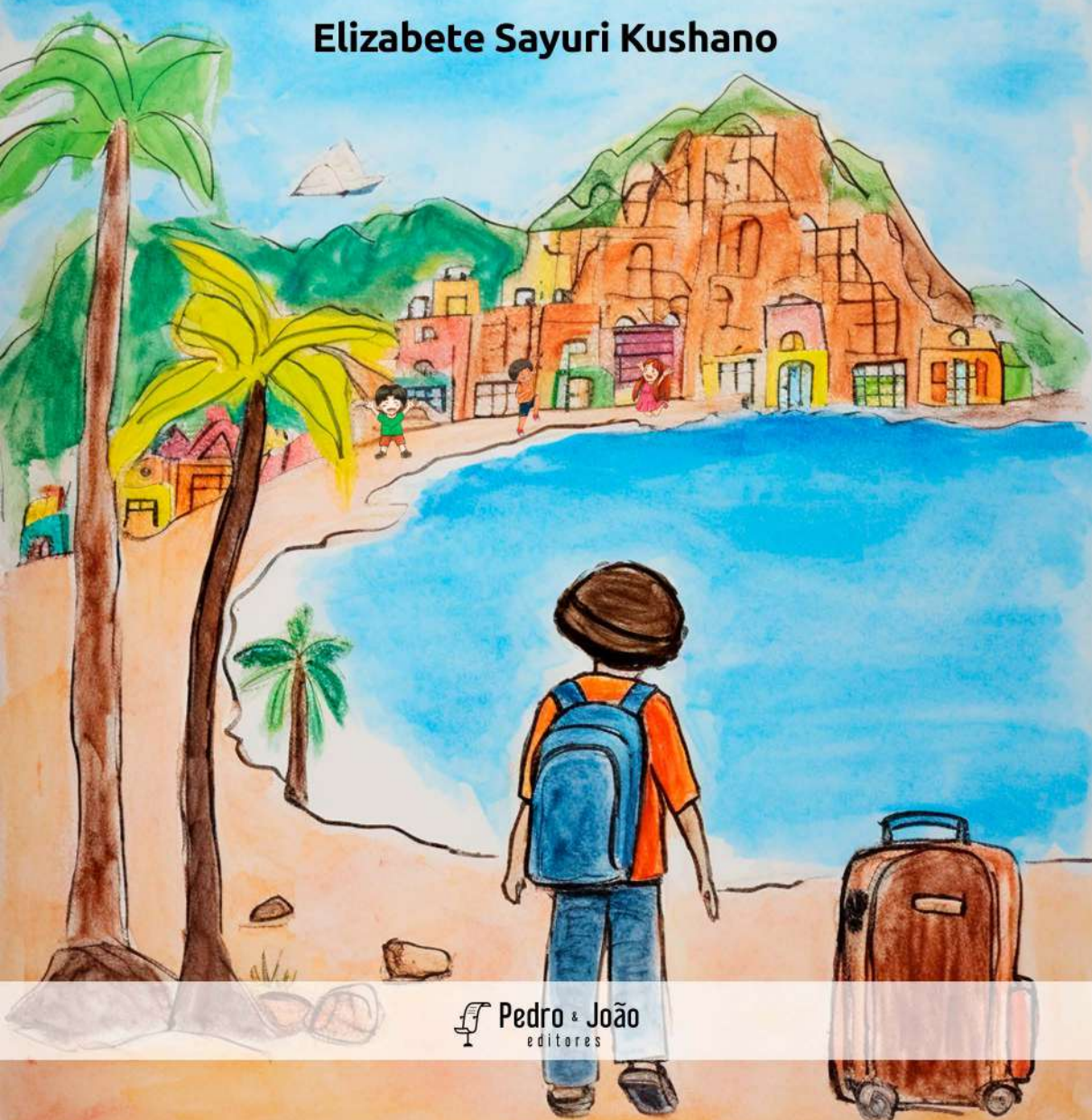


Turismo e Infância

Elizabeth Sayuri Kushano



Turismo e Infância

Elizabeth Sayuri Kushano

Turismo e Infância

Copyright © Elizabete Sayuri Kushano

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora.

Elizabete Sayuri Kushano

Turismo e infância. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 219p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-0664-6 [Digital]

1. Crianças anfitriãs. 2. Geografia da Infância. 3. Hospitalidade. 4. Turismo infantil. I. Título.

CDD – 370/900

Capa: Petricor Design

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2023

Ao meu filho, com amor. Benício: minha inspiração e
minha dedicação,
materializadas em impulsionamentos e hiatos
durante a caminhada acadêmica.
Às estimadas crianças que tive a honra de entrevistar,
bem como todas as demais crianças que ainda
entrevistarei. Vocês são a essência da resistência.

PREFÁCIO

O mar, o coração e as crianças: quando terras e gentes se encontram em enunciações infantis

Jader Janer Moreira Lopes

A menina não palavreava. Nenhuma vogal lhe saía, seus lábios se ocupavam só em sons que não somavam dois nem quatro. Era uma língua só dela, um dialecto pessoal e intransmixível? Por muito que se aplicassem, os pais não conseguiam percepção da menina. Quando lembrava as palavras ela esquecia o pensamento. Quando construía o raciocínio perdia o idioma. Não é que fosse muda. Falava em língua que nem há nesta actual humanidade. Havia quem pensasse que ela cantasse. Que se diga, sua voz era bela de encantar. Mesmo sem entender nada as pessoas ficavam presas na entonação. E era tão tocante que havia sempre quem chorasse.

Seu pai muito lhe dedicava afeição e aflição. Uma noite lhe apertou as mãozinhas e implorou, certo que falava sozinho:
— Fala comigo, filha!

Os olhos dele deslizaram. A menina beijou a lágrima. Gostoseou aquela água salgada e disse:
— Mar...

O pai espantou-se de boca e orelha. Ela falara? Deu um pulo e sacudiu os ombros da filha. Vês, tu falas, ela fala, ela fala! Gritava para que se ouvisse. Disse mar, ela disse mar, repetia o pai pelos aposentos. Acorreram os familiares e se debruçaram sobre ela. Mas mais nenhum som entendível se anunciou.

O pai não se conformou. Pensou e repensou e elaborou um plano. Levou a filha para onde havia mar e mar depois do mar. Se havia sido a única palavra que ela articulara em toda a sua vida seria, então, no mar que se descortinaria a razão da inabilidade.

(Mia Couto em “A menina sem palavra – Histórias de Mia Couto, 2013, p. 31-32)

Recebi o convite para fazer o prefácio deste livro intitulado por “Turismo e Infância”, escritura produzida por Elizabete Sayuri Kushano, originário de suas pesquisas ocorridas na interface da área de estudos da Infância e do Turismo, ambos enquanto campos de saberes acadêmicos. O convite veio da própria autora e, como qualquer obra escrita, esta não é diferente. As páginas aqui redigidas são sempre encontros entre muitas gentes que gestam as palavras, alcunhas de quem se dedica a grafar uma arquitetura cuja ilusão é de aparente solidão do autor, mas que, sempre, está presentificada pela arena de muitas vozes (Bakhtin, 2003)¹ que por nós ecoam. Pelo menos para mim, é assim: a escrita às vezes se torna um momento intenso e, até mesmo angustiante, há muitas negociações a serem feitas para as letras brotarem no papel, seja físico ou virtual, mas, no final, restam a certeza e a amorosidade do ser e estar em idiomas.

Por isso, sempre gosto, ao receber esse tipo de solicitação, de convocar, de forma generosa, outras pessoas para estarem comigo. Faço isso mesmo sem o consentimento do(a) autor(a), dos(as) autores(as), quer seja(m) da obra que está sendo prefaciada, quer seja(m) dos que conclamo para esse evento. É minha forma de ajuntar mais falas que podem trazer significativos diálogos que amplificam ou apaziguam esses conversatórios a que somos submetidos, quando estamos diante da página em branco.

Além do mais, esta é uma das belezas das palavras ditas. Apesar de todas terem seu *terroir* (Lopes, 2021)², carregam, para muito longe de suas origens, os gostos e os aromas de suas criações. É de Mia Couto, escritor nascido em Beira, cidade de Moçambique, no ano de 1955, a epígrafe que abre este texto. Ele, talvez, naquele momento, não poderia supor que essas suas linhas, surgidas em um continente do outro lado do Oceano Atlântico, em um país

¹ BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

² LOPES, Jader Janer M. Terreno Baldio. Um livro sobre balbuciar e criar os espaços para desacostumar geografias, Por uma teorização sobre a espacialização da vida. São Carlos: Pedro e João Editores. 2021

banhado pelo Índico, vivendo em uma cidade no centro do território desse estado-nação (aqui, claro, estou pressupondo que ele tenha escrito esse conto em sua cidade natal, mas disso não tenho nenhuma certeza), viesse encontrar um outro mar, uma outra praia: as águas que encharcam a da cidade de Matinhos, localizada no Brasil, no estado do Paraná.

Eis a maravilha deste ser languageiro que somos. O ser humano nasce, morre e se eterniza nas muitas linguagens em que estamos imersos, que, por serem andantes [nós e as linguagens], como os processos da vida, fazem, nas andanças, os encontros, as alegrias, as tristezas, o acalmar, o alvoroçar, mobilizando a completude do inacabamento humano pelo incidir, pelo ser em constante fronteira. E, já aqui, poderíamos nos perguntar: não é isso o que também faz o Turismo?

Essa pergunta, deixo para o(a) leitor(a) responder. Não desejo entrar nesse debate no prefácio, mas aviso, já, previamente, a quem for caminhar por estas páginas, que não terão como furtar-se dessa reflexão. Os argumentos aqui expressos nos forcem a isso. Nas frases construídas, há constantes provocações que desestabilizam o sabido, o pré-dito, para dele nascer o não saber. Fagulhas constantes dos que se aventuram a fazer o fogo de lascas das palavras colhidas em muitas áreas de estudos e delas degustarem as bodas do saber como júbilo.

Porém, meu anseio é voltar à epígrafe e encontrar essa menina que não palavreava, que não tinha vogal em seus lábios, que gramaticava uma língua desconhecida! Uma menina que deveria ser como qualquer outra, se é que podemos fazer essa afirmação quando falamos dos seres e das coisas. Mas, supondo que poderia, ela seria como outras crianças de sua idade desconhecida, caso não fosse esta singular situação: não proferir o conhecido. Mas não é que, em um certo momento, algo pingou de sua boca, era uma palavra pequena, de apenas três letras, mas era uma palavra: "Mar". Seu pai, rapidamente, moveu-se em gosto. A lágrima salgada nasceu-se em verbo. E lá foi a menina para o oceano, sentir no corpo a imensidão que havia lhe tocado a boca e singrado uma

palavra familiar. Seu pai não poderia perder essa oportunidade, não poderia se conformar. Correu para viver o litoral.

Esse conto não termina na epígrafe, há muito mais a ser lido. Ela é apenas a transcrição de sua parte inicial. O que está por vir, deve-se procurar no grande oceano em que a menina se fincou e desejou ser raiz. Uma raiz que vamos encontrar em outras meninas e meninos que também vivem com o mar em seus lábios, pronúncias constantes em suas narrativas e que, sensivelmente, a autora deste livro que se tem agora em mãos foi recolhendo como pedaços da lua que se estilhaça na superfície das águas e no quebrar das ondas. Assim como o pai, a autora também não poderia se conformar, afinal, havia (e há) não apenas uma menina, mas muitas, muitas crianças em sua vida dedicada a estudar o Turismo. Afinal, qualquer ciência, para fazer sentido em seu existir, deve-se banhar nos vários oceanos que se espalham pelo mundo.

Mas é preciso fazer um alerta: este não é um livro sobre Turismo Infantil, desses que encontramos em muitas prateleiras, sobre onde ir, levar, passear e andar com bebês e crianças, não que não tenham seu valor. Este livro é uma forma de os adultos, guardadores desse mundo velho, anunciar aos que chegam alguns locais que consideram interessantes, e até mesmo, adequados para eles. Mas este livro vai além. Aqui, Bete, como chamamos carinhosamente essa colega, que também conheci em uma cidade oceânica, traz algo extremamente original: busca compreender, a partir das vivências infantis, o significado do turismo no território que essas habitam.

É dissertando, em constante diálogo com várias crianças da cidade de Matinhos, um município de, aproximadamente, 36 000 habitantes, localizado no sudeste do estado do Paraná, Região Sul do Brasil, que encontramos não apenas o “Mar”, nas vozes infantis, mas suas impressões e emoções de viver em uma cidade, cuja população se transforma em algumas épocas do ano, em diferentes dias da semana. O ciclo do tempo se abate sobre o território e a vida dessas crianças. E, registrando de formas diversas os relatos infantis, a autora vai evidenciando algo inédito: a percepção das

crianças com a chegada “dos muitos”, as alterações em suas vidas, em suas rotinas e, sobretudo, em suas geografias. A cidade se altera, a vida se altera, o olhar infantil captura e transborda, em diferenciados sentimentos, essa ação humana que tem, na paisagem local, a força de atração de quem ali não vive.

Ouvir as crianças tem sido uma estratégia presente em pesquisas em várias partes da superfície terrestre. Trazer suas participações e protagonismos são dimensões que ganharam forças a partir dos anos 80, do então século XX, e se ampliaram a partir dos anos 2000 em muitas regiões do planeta. Mas a grande originalidade desta obra se pauta, exatamente, por estar na outra dobra desse processo: o que as crianças de Matinhos sentem ao vivenciar o turismo em seu espaço? Não são as crianças as turistas vivendo o espaço, mas os sentimentos daqueles que acolhem os novos que chegam. Há uma importante inversão que faz este livro ser único.

E existem muitas respostas nestas páginas para essa pergunta. Foi cartografando cuidadosamente cada uma delas que a pesquisadora criou um rico material a ser explorado, estudado e, sobretudo, refletido por todas as pessoas que são não só da área do Turismo, mas de muitas outras e, também, por gestores de políticas públicas. Tive a tentação de escrever várias delas aqui para exemplificar a quem lê minhas palavras a beleza deste material. Mas me contive e, assim, portando-me como a menina que não palavrava, fico em silêncio e só tenho um vocábulo a ser expressado: “Mar”. Que ele nos carregue para muitos lugares.

O livro de Bete é este convite: se jogar na palavra outra, nesse caso, nas palavras infantis outras e deixar seu corpo se embeber e encharcar dos muitos dizeres e sentimentos. Não há o que dizer, há que se ler, não tem como apenas molhar o pé. Deve-se molhar por inteiro, por dentro e por fora. Por isso, em sua sabedoria infantil, aquela criança lá do início de nossa escrita escolheu esse vocábulo e não outro.

E, como comecei com Mia Couto, creio que seria justo terminar com ele, afinal, coloquei no título um termo em que, até este

momento, ainda não toquei: coração. Esse vocábulo também está em um dos contos desse autor, não no mesmo, mas em outro que me autorizo a transcrever, novamente, um pedaço de seu início:

Aconteceu, certa vez, uma menina a quem o coração batia só de quando em enquanto. A mãe sabia que o sangue estava parado pelo roxo dos lábios, palidez nas unhas. Se o coração estancava por demasia de tempo a menina começava a esfriar e se cansava muito. A mãe, então, se afligia: roía o dedo e deixava a unha intacta. Até que o peito da filha voltava a dar sinal:

— Mãe, venha ouvir: está a bater!

A mãe acorria, debruçando a orelha sobre o peito estreito que soletrava pulsação. E pareciam, as duas, presenciando pingo de água em pleno deserto. Depois, o sangue dela voltava a calar, resina empurrando a arrastosa vida.

Até que, certa noite, a mulher ganhou para o susto. Foi quando ela escutou os pássaros. Sentou na cama: não eram só piores, chilreinações. Eram rumores de asas, brancos drapejos de plumas. A mãe se ergueu, pé descalço pelo corredor. Foi ao quarto da menina e joelhou-se junto ao leito. Sentiu a transpiração, reconheceu o seu próprio cheiro. Quando lhe ia tocar na fronte a menina despertou:

— Mãe, que bom, me acordou! Eu estava sonhar pássaros.

A mãe sortiu-se de medo, aconchegou o lençol como se protegesse a filha de uma maldição. Ao tocar no lençol uma pena se desprende e subiu, levinha, volteando pelo ar. A menina suspirou e a pluma, algodão em asa, de novo se ergueu, rodopiando por alturas do tecto. A mãe tentou apanhar a errante plumagem. Em vão, a pena saiu voando pela janela. A senhora ficou espreitando a noite, na ilusão de escutar a voz de um pássaro. Depois, retirou-se, adentrando-se na solidão do seu quarto. Dos pássaros selou-se o segredo, só entre as duas. (Mia Couto, obra citada, p. 87-88)

Este livro é isso. Sua leitura faz o coração bater em penas flutuantes, traz segredos em partilhas de palavras frequentemente esquecidas pelos adultos andarilhos deste extenso mundo os quais, muitas vezes, deslembram que há corações infantis que também pulsam nos espaços visitados. O mar está aqui, em cada palavra infantil, em cada página, em cada um de nós. Penas fogem pelas janelas para nos lembrarem da extensão do espaço que faz a humanidade, como pássaros que selam segredos do nosso existir no e com o espaço, ser gente em enunciações e, nelas, as crianças.

Há corações que precisam ser ouvidos, jamais esqueçamos de seus sons nas paisagens.

Boa leitura

Jader Janer

Inverno de 2023

Dos muitos morros de Minas Gerais,
cujo oceano consigo escutar pelo
desejo do afastado que deixa de ser recuado

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	17
2. A GEOGRAFIA HUMANISTA CULTURAL E A GEOGRAFIA DO TURISMO: CONTRIBUTOS PARA PENSAR O LUGAR TURÍSTICO E O COTIDIANO DO VISITANTE E DO VISITADO	23
2.1 A evolução histórica do enfoque humano e cultural na Geografia	23
2.2 A abordagem geográfica do turismo	27
2.3 O sentido de lugar e lugar turístico	31
2.4 O cotidiano	41
2.4.1 Por uma perspectiva geográfica do cotidiano	43
2.5 O Turismo como prática social e o cotidiano do visitante e do visitado	46
3. POR UMA HUMANIZAÇÃO DO TURISMO: OS SIGNIFICADOS DE UM TURISMO PARA TODOS	61
3.1 Humanizar o Turismo: concepções e significados	61
3.2 A importância da Hospitalidade para a humanização da atividade turística	64
3.3 Um Turismo para todos é possível?	67
4. INFÂNCIA SOCIOCULTURAL E GEOGRÁFICA	75
4.1 A ideia moderna de Infância	75
4.2 Contributos da Sociologia da Infância	79
4.3 Geografia da Infância	86
4.3.1 Crianças e os Estudos sobre Percepção Geográfica	91
4.4 Turismo e Infância	94
4.4.1 Os estudos da Infância e Turismo	96
4.4.2 Turismo Infantil	102

5. O QUE É TURISMO PARA MIM?	107
5.1 Procedimentos metodológicos da pesquisa	107
5.2 Caracterização da área de estudo	117
5.3 Apresentação dos participantes da pesquisa	121
5.4 Apresentação dos resultados e reflexões acerca do formulário “Diário”	124
5.4.1 Apresentação dos resultados do formulário “Diário” das turmas do 5º ano A e 5º ano B de escola pública	124
5.4.2 Apresentação dos resultados do formulário “Diário” das turmas do 5º ano de escola privada	130
5.4.3 Reflexões sobre os resultados obtidos no formulário “Diário”	134
5.5 Apresentação das entrevistas com as professoras responsáveis pelas turmas pesquisadas	137
5.6 Apresentação e análise dos resultados dos questionários	145
5.6.1 Apresentação dos resultados dos questionários das turmas do 5º ano B e do 5º ano A da Escola Municipal pesquisada	145
5.6.2 Apresentação dos resultados dos questionários da turma do 5º ano do Colégio particular	158
5.6.3 Análise dos resultados do Questionário	171
6. CONCLUSÃO	183
REFERÊNCIAS	191
APÊNDICES	207

1. INTRODUÇÃO

O pensamento em turismo vem evoluindo ao longo das últimas décadas, passando de uma visão pautada na defesa da atividade turística às questões de advertência, destacando seus possíveis malefícios.

Nesse sentido, a plataforma de adaptação (especialmente na década de 1980) ganhou força, com opções de turismo que fugiam à lógica do turismo de massa, como o turismo rural e o ecoturismo. Posteriormente, as plataformas de conhecimento (principalmente a partir da década de 1990), sobretudo o acadêmico e científico, bem como a plataforma pública (a partir dos anos 2000), ou seja, o turismo nas discussões da sociedade como um todo, se engendraram na complexidade do setor e do fenômeno social do Turismo (JAFARI, 2005).

Em que pese tal evolução, o discurso acadêmico a respeito do Turismo ainda tem sido pautado em seus efeitos positivos e negativos. Em se tratando dos efeitos positivos, destacam-se a questão da preservação ambiental; da autoestima da população local; da geração de trabalho, de emprego e de renda; do fortalecimento da identidade cultural; entre outros. Porém, evidencia-se que o turismo sem planejamento ou mal planejado acarreta justamente o contrário, tendo-se então os efeitos negativos, ou seja, antagônicos aos anteriormente elencados. Em se tratando da geração de trabalho, emprego e renda, muitas vezes se observam subempregos, sendo os melhores postos direcionados aos profissionais de outras regiões ou mesmo de outros países.

A título de exemplo, as relações entre visitados e visitantes podem ser consideradas positivas ou negativas e já foram pesquisadas em diversas culturas. Na medida em que cada lugar apresenta suas peculiaridades, salienta-se o cuidado de não ser contundente quanto a afirmar que o turismo é o desencadeador ou não de determinadas trocas culturais e de relações humanas.

Ademais, outro exemplo encontra-se no impacto da atividade turística em situações como as de exploração da mão de obra infanto-juvenil. Ou seja, crianças e adolescentes servindo aos turistas, muitas vezes em programas e projetos institucionalizados, como o de condutores mirins ou jovens guias. Em outros cenários, são pequenos trabalhadores informais ou desvalidos que mendigam em atrativos turísticos (UNWTO, 2023). Não se está aqui acenando para um quadro em que atividades vinculadas ao turismo ocasionam tais realidades, tampouco as eximindo de qualquer participação. No entanto, nota-se que há que se refletir o âmago do problema e não necessariamente apontar a atividade turística como “culpada”.

De fato, parece haver, em discursos em que prevalecem as polaridades, como ainda é recorrente nas pesquisas em Turismo, uma visão turva sobre as nuances que acompanham os efeitos de tal fenômeno social. Nesse sentido, o presente trabalho vislumbrou enfatizar as relações que se estabeleciam em uma faixa etária determinada de residentes locais de um município litorâneo paranaense, a partir de suas próprias percepções, sentimentos e opiniões quanto ao turismo e as possíveis alterações em seu cotidiano, objetivando, assim, ter uma visão mais clara sobre o proposto.

Tendo a infância como categoria social, em que se considera criança um estado psicobiológico e a infância um artefato histórico e sociocultural, na proposta do presente trabalho sob a ótica da Geografia, investigou-se grupos de crianças e suas infâncias em um mesmo lugar. Nesse sentido, a perspectiva foi a dos olhares das crianças anfitriãs (ou moradoras ou residentes) face ao turismo.

Deste modo, este trabalho insere-se na proposta de pesquisas as quais procuram subverter ao pensamento comumente estabelecido na Geografia do Turismo, que prioriza os estudos das transformações territoriais dos destinos turísticos, do planejamento urbano e/ou territorial ou da crítica ao consumo do turismo atrelado à lógica de mercado. Pretendeu-se uma visão mais pautada não na transformação do território frente ao turismo, mas

na transformação das pessoas face ao turismo em um mesmo território (ou espaço, ou lugar, ou região).

Ademais, como as crianças residentes percebiam o turismo? Na escola havia espaço para aulas ou outras atividades pedagógicas que visassem à reflexão sobre a opinião das crianças em um lugar turístico? As crianças residentes locais nutriam que tipo de sentimentos com relação ao turismo? O que elas estavam pensando sobre os turistas que visitam a cidade onde elas moravam? Essas são algumas das perguntas que se procurou desvelar.

Devido ao exposto anteriormente, surgiu o problema da pesquisa, a saber: quais seriam as percepções e os sentimentos de crianças residentes em Matinhos (PR), face ao binômio Turismo e Cotidiano? Para tanto, o objetivo geral da pesquisa foi investigar as relações existentes entre visitados e visitantes, a partir da perspectiva de grupos de crianças residentes em um lugar turístico de fluxo sazonal, face ao binômio Turismo e Cotidiano. Ademais, os objetivos específicos assim se estabeleceram:

a) Explorar, a partir de pesquisa bibliográfica, a perspectiva geográfica do cotidiano, o conceito de lugar e de lugar turístico, bem como as possíveis alterações no dia a dia dos visitados e dos visitantes, em face do fluxo turístico.

b) Refletir sobre a importância da humanização do turismo, bem como o chamado “turismo para todos”, procurando desvelar o que esse tema abarca.

c) Relacionar, a partir de pesquisa bibliográfica, a Sociologia da Infância, a Geografia da Infância, bem como a interface Infância e Turismo.

d) Esclarecer o que as crianças residentes pensavam a respeito do fluxo turístico em sua localidade, bem como dos próprios turistas, o que inclui as crianças turistas. Para tanto, foi aplicado questionário respondido por um grupo de crianças residentes em Matinhos (PR).

e) Analisar quais seriam as percepções e os sentimentos das crianças residentes com relação ao turismo, aos turistas e as

alterações no seu cotidiano, a partir de observação e de questionário aplicado pela pesquisadora e respondido por elas.

f) Observar, em espaço escolar, o que se estava refletindo junto às crianças sobre o turismo em sua localidade. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as professoras responsáveis pelas turmas selecionadas para a pesquisa.

Este trabalho é uma continuidade dos estudos da Infância e Turismo iniciados no ano de 2006, por meio de um projeto de pesquisa de Mestrado, intitulado “Adequação de produtos e serviços turísticos para a criança: um olhar para os meios de hospedagem”, que veio a ser o título da dissertação (KUSHANO, 2008). No referido trabalho, tratou-se sobre a criança turista, bem como a criação de um conceito e de categorias de análise do Turismo Infantil.

No trabalho atual, pretendeu-se o enfoque na criança anfitriã, ou seja, a criança que reside em localidades turísticas. Um dos motivos que contribuíram para desenvolver a pesquisa a partir desse viés foi a constatação da escassez de trabalhos sobre o tema da Infância e Turismo. Acredita-se que o mesmo poderá vir a contribuir para refletir a atividade turística como uma prática social presente no cotidiano dos residentes em lugares turísticos, sendo importante saber o que a população ou parte dela pensa sobre essa atividade, sem deixar de incluir as crianças nesse processo.

Com relação a Matinhos, foi delimitado pelo interesse científico da autora. Matinhos insere-se na região turística Litoral do Paraná e possui características relevantes como área do presente estudo, especialmente em se tratando de questões paradoxais, tais como a atração e o afugentamento de lugares turísticos de fluxo sazonal e massificado

Em suma, a constatação de que os aportes da epistemologia moderna da Geografia são alicerces para os estudos do Turismo e o diálogo interdisciplinar de um Território, de um Lugar, das relações socioespaciais e suas interfaces com o Turismo fazem com que o presente trabalho tenha a característica de dialogar com a Geografia, a Sociologia da Infância e o Turismo.

O trabalho está estruturado da seguinte forma:

A Introdução, em que se abarcou: a origem da pesquisa; a justificativa para a mesma; a exposição do problema; o objetivo geral, bem como os objetivos específicos.

O capítulo 2, intitulado “A Geografia Humanista Cultural e a Geografia do Turismo: contributos para pensar o lugar turístico e o cotidiano do visitante e do visitado”, faz-se uma abordagem sobre a evolução histórica do enfoque humano e cultural na Geografia. Posteriormente, expõe-se sobre o Turismo a partir de uma perspectiva geográfica, aprofundando os temas do sentido de lugar e lugar turístico, do cotidiano e do turismo como prática social e a sua relação com o cotidiano do visitante e do visitado.

O capítulo 3, intitulado “Por uma humanização do turismo: os significados de um turismo para todos”, o turismo é situado como fenômeno social e, sobretudo, humano. Enfoca-se a importância da humanização do turismo, observando o que esse termo abarca. E, pergunta-se: um turismo para todos é possível?

O capítulo 4, “Infância sociocultural e geográfica”, tratou-se a Infância a partir dos postulados da Sociologia da Infância, bem como da Geografia da Infância. Nesse sentido, creditando a criança como um ser sociocultural, histórico e geográfico. Estão contidos no capítulo os seguintes tópicos: a ideia moderna de infância; os contributos da Sociologia da Infância; as concepções da Geografia da Infância e os estudos sobre Infância e Turismo.

O capítulo 5, intitulado “O que é Turismo para mim?”, são apresentados os procedimentos metodológicos da pesquisa, nomeadamente, qualitativa; a caracterização da área de estudo; os resultados da aplicação dos instrumentos de coleta de dados e a análise de tais resultados.

Ao final do trabalho, faz-se uma retomada dos conceitos discutidos ao longo do texto, além das análises sobre o seu desenvolvimento e proposições a partir do tema Infância e Turismo.

2. A GEOGRAFIA HUMANISTA CULTURAL E A GEOGRAFIA DO TURISMO: CONTRIBUTOS PARA PENSAR O LUGAR TURÍSTICO E O COTIDIANO DO VISITANTE E DO VISITADO

Neste capítulo, faz-se uma abordagem sobre a evolução histórica do enfoque humano e cultural na Geografia. Posteriormente, se expõe sobre o Turismo a partir de uma perspectiva geográfica, aprofundando-se os temas do sentido de lugar e lugar turístico, do cotidiano e do turismo como prática social e a sua relação com o cotidiano do visitante e do visitado.

Considera-se que abordar a evolução histórica da Geografia, enfocando sua vertente humana e cultural, fez-se essencial para o diálogo com o Turismo, especialmente no que concerne ao estudo dos lugares turísticos, o imbricamento da relação visitado e visitante e as possíveis alterações no cotidiano de ambos atores sociais.

Assim sendo, por meio deste capítulo, pretendeu-se atender ao seguinte objetivo específico apontado na Introdução do trabalho, referente a explorar, a partir de pesquisa bibliográfica, a perspectiva geográfica do cotidiano, o conceito de lugar e de lugar turístico, bem como as possíveis alterações no dia a dia dos visitados e dos visitantes.

2.1 A evolução histórica do enfoque humano e cultural na Geografia

Para Tuan (1991, p. 89), a Geografia é “o estudo da Terra como lar das pessoas”. Nesse conceito, tem-se a amplitude da Ciência Geográfica, que em tempos contemporâneos encontra-se segmentada em especificidades (Geografia da Saúde, da Religião, Agrária, da Pobreza, das Paisagens litorâneas, entre outras).

Moraes (2012)¹ salienta que há uma grande divisão entre Geografia Física e Geografia Humana, uma vez que, na Geografia Humana, os três campos principais são: a Geografia Econômica, a Geografia Política e, cada vez [...] “com uma importância muito grande para a disciplina, a Geografia Cultural, que trabalha com os discursos sobre a superfície da terra, inclusive tomando o próprio discurso geográfico como um dos seus objetos de análise” (MORAES, 2012, comunicação verbal). MacDowell (1996, p. 159) também destaca a Geografia Cultural, como uma disciplina considerada “[...] atualmente uma das mais excitantes áreas de trabalho geográfico”.

Ainda, conforme Conti (2012)², não se pode dissociar a Geografia Física da Geografia Humana. “A Geografia é única e abrangente, interessando a esses dois domínios: o domínio da natureza e o domínio da sociedade, ou seja, a Geografia é indivisível” (CONTI, 2012, comunicação verbal).

Nessa linha de pensamento, Oliveira (2012)³ menciona que a Geografia estuda o espaço e nesse espaço os geógrafos estudam os movimentos e os fluxos que nele ocorrem. “Estudam o lugar, que é um ponto dentro do espaço. Estudam as relações. Por exemplo, como se relaciona o clima com a população de uma cidade”. (OLIVEIRA, 2012, comunicação verbal).

Aponta-se que a origem do enfoque cultural na Geografia tem raízes no conceito de antropogeografia de Friedrich Ratzel, na sua obra publicada em 1882 – ‘Landschaft’. Entretanto, o termo Geografia Cultural foi legitimado por autores da vertente geográfica alemã e posteriormente desenvolvido pelas vertentes francesas e norte-americanas (CLAVAL, 2003).

A Escola Francesa, conforme Claval (2003) é marcada por Vidal de La Blache (1845-1918), que defendia que os grupos

¹ Em entrevista ao UNESP TV (2012). Disponível em: <<http://youtu.be/YktYwin3sk0>>. Acesso em: 08/06/2023.

² Id.

³ Id.

humanos modelam o espaço em que vivem. Segundo o mesmo autor, são herdeiros diretos do pensamento de Vidal de La Blache:

– Albert Demangeon (1872 – 1940), que defendia que os geógrafos tinham que analisar a gênese e o papel das paisagens alteradas pela ação humana;

– Jean Brunhes (1889 – 1930), que assim como Vidal de La Blache, acreditava que o papel da Geografia era estudar as relações entre o ser humano e o meio ambiente (todavia, pensava a construção da geografia humana alicerçada em fatos observáveis e dados objetivos);

– Pierre Deffontaine (1894 – 1978), que dirigiu por mais de 20 anos uma coleção de geografia humana, em que os temas da tradição vidaliana foram tratados.

Segundo Claval (2003), a dimensão histórica esteve presente na geografia francesa, por meio de Roger Dion (1896 – 1981) e Xavier de Planhol (nascido em 1926), interessados em estudar a evolução específica de objetos geográficos. Ainda conforme o mesmo autor, embora Eric Dardel (1900 – 1968) fosse um historiador⁴, sua obra é considerada uma contribuição original, todavia isolada. A sua abordagem cultural encontra-se no livro *L'Homme Et La Terre* (1952), cuja ideia central era de que a geografia tinha de explorar o sentido da presença humana na superfície da Terra (CLAVAL, 2003).

No entanto, “os geógrafos franceses dos anos cinquenta ignoraram completamente o livro de Dardel” (CLAVAL, 2003, p. 157), que foi redescoberto no começo dos anos setenta pelo geógrafo canadense Edward Relph, e influenciou muito na nova corrente da Geografia Humanista, nos países de língua inglesa.

O marxismo, segundo Holzer (1992), nas décadas de 1950 e 1960, permeia a Geografia Francesa, com investigações sobre a relação cidade-campo, a análise da influência do imperialismo na geração das desigualdades mundiais, entre outros. Para Claval

⁴ Na época, a formação universitária de historiadores e geógrafos era semelhante na França (CLAVAL, 2003).

(2007), esta geografia marxista não se atinha a explicar as origens das formas que o espaço tomava, restringindo-se a estudar a sucessão de formações sociais de uma dada região.

Devido a questões de natureza idiomática, bem como por se tratar de correntes ideológicas diferentes, a Geografia Francesa tinha pouco contato com a escola norte-americana (HOLZER, 1992). Esta última se apoiou na escola alemã, sendo comum na bibliografia encontrá-las vinculadas dentro de uma vertente considerada anglo-saxônica, a qual se diferencia da outra de origem francesa (HOLZER, 1992).

A vertente norte-americana tem a Escola de Berkeley, fundada por Carl Ortwin Sauer, como seu principal representante (HOLZER, 1993). Para o autor, a Geografia Cultural é firmada como campo da Geografia no ano de 1925, através da obra de Carl Sauer, intitulada “The Morphology of Landscape⁵”, um estudo fenomenológico da paisagem.

Claval (2003, p. 145) considera que há duas dificuldades maiores para abarcar o assunto da abordagem cultural na Geografia Humana:

A primeira deriva do lugar da cultura no domínio da geografia humana: para a maioria dos geógrafos culturais, a geografia cultural aparece como um subcampo da geografia humana. Para eles, a sua natureza é semelhante à da geografia econômica ou da geografia política. Para uma minoria – e eu faço parte dela – todos os fatos geográficos são de natureza cultural. Esses geógrafos preferem falar de abordagem cultural na geografia e não de geografia cultural.

Para o grupo de trabalho sobre a abordagem cultural na geografia, todos os fatos de que a Geografia Humana trata são apreendidos por meio de mediações culturais. Nesse sentido, a cultura abarca “[...] um conjunto de gestos, práticas, comportamentos, técnicas, know-how, conhecimentos, regras,

⁵ SAUER, C. O. The Morphology of Landscape. **Publications in Geography**. n. 2, v.2, p.19-53. University of California, 1925.

normas e valores herdados dos pais e da vizinhança, e adaptados através da experiência a realidades sempre mutáveis” (CLAVAL, 2003, p. 163). Em suma, para o autor, a cultura é herança e experiência, além de projeção em direção ao futuro.

Claval (2004, p. 37, grifos nossos) salienta a importância do enfoque cultural para entender a dinâmica nas sociedades multiculturais de um mundo globalizado face à compreensão de mundo e experiências dos indivíduos:

O enfoque cultural se recusa a considerar a natureza, a sociedade, a cultura, o espaço como realidades prontas, dados que se impõem aos homens como do exterior. Julga que o mundo é mais complexo. Para mostra-lo, **parte dos indivíduos e se debruça nas suas experiências**. O que lhe importa é compreender o sentido que as pessoas dão à sua existência.

Pensamento semelhante expressa Teles (2009, p.14, grifos nossos) ao dizer que:

Pode-se pensar na geografia cultural como sendo aquela que considera os **sentimentos e as ideias de um grupo** ou povo sobre o espaço a partir da **experiência vivida**. É uma geografia do lugar e sua relevância será estabelecida à medida que as referências culturais determinem as ações da sociedade sobre a natureza.

Uma das experiências mais significativas para o ser humano diz respeito à prática turística, intrinsecamente relacionada pela busca, necessidade e/ou desejo de fuga do cotidiano. A prática turística suscita uma visão do mundo vivido pelos indivíduos, turistas e residentes locais, debruçando-se em suas experiências. No próximo tópico tratar-se-á do assunto à luz da Geografia.

2.2 A abordagem geográfica do turismo

O turismo é, por excelência, uma atividade voltada para satisfazer as necessidades do homem em sua integridade física, mental e espiritual (BAHL, 2003). Pode-se dizer que é inerente ao

ser humano a vontade de conhecer novos lugares, novas culturas. Em suma, o sentimento de ir para ou sair de que permeia os fluxos turísticos.

Acerenza (2002, p. 96) destaca que o turismo surgiu como:

[...] Consequência do grau de desenvolvimento que a humanidade foi adquirindo no transcurso do tempo. Sua origem está na progressiva industrialização, nas aglomerações humanas e na psicologia da vida cotidiana, e sua ampliação tem sido amplamente favorecida pelo desenvolvimento das comunicações e do transporte, pelo aumento do nível de vida da sociedade, pela disponibilidade de tempo livre e pela conquista paulatina das férias pagas (ACERENZA, 2002, p. 96).

O conceito anteriormente citado apresenta o desenvolvimento do turismo relacionado à sociedade pós-industrial, bem como a conquista dos direitos do trabalhador. Além do que, identifica-se a existência de inúmeros conceitos de Turismo pautados na Economia, na Antropologia, na Geografia, entre outras, que buscam direcionar o complexo fenômeno turístico às suas respectivas áreas de conhecimento. Porém, as definições holísticas (do grego *holus*, que significa “todo”, ou seja, visão do todo) costumam ser mais completas, como é o caso da definição a seguir, em que se observa o Turismo como:

Uma atividade complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integra-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório desta dinâmica sociocultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/subjectividade, consumido por milhões de pessoas, como síntese: o produto turístico (MOESCH, 2000, p. 9).

Nessa definição, verifica-se que os aspectos sociológicos, antropológicos, geográficos, comunicacionais e econômicos estão alicerçados. Por exemplo, expressões como “consumido por milhões de pessoas” e “atividade complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços” remontam à

atividade econômica; do mesmo modo que “troca de informações interculturais” ressalta aspectos comunicacionais e socioculturais.

No anseio de procurar por novas paisagens culturais, novos lugares e, conseqüentemente, novas experiências, as pessoas deixam o aconchego e a segurança de seus lares e se aventuram para um novo espaço, com o intuito de, talvez com um olhar apaixonado, tê-lo como o seu mais novo lugar, um lugar turístico.

Estudos apontam que desde o século XIX o fenômeno turístico vem despertando interesse nos geógrafos, e as teorias do espaço turístico foram surgindo a partir dos anos 1950 do século XX (CASTRO, 2006).

Para Gonçalves (2008), a Geografia é importante para o estudo do turismo devido ao caráter espacial da atividade turística. Da mesma forma, o turismo tende a se beneficiar da capacidade de análise espacial peculiar nos estudos geográficos. Ainda segundo o autor, a Geografia Humanística pode contribuir para um enfoque humanista aplicado à epistemologia do Turismo, bem como para a humanização das viagens. Nesse mesmo sentido, Nitsche (2012, p. 51, grifos nossos) reflete que:

A geografia humanista, como um dos pilares da pesquisa, pode contribuir para o campo de conhecimento do turismo na medida em que procura desvendar e compreender a visão de mundo das pessoas, considerando as subjetividades, a dimensão psicológica e mental da cultura, **as percepções**, a experiência vivida, a intuição, a imaginação e **os sentimentos das pessoas como sujeitos**.

A citação anteposta atesta a contribuição da Geografia Humanista para o campo de conhecimento do Turismo. Ademais, assim como outras citações já expostas e destacadas em negrito (CLAVAL, 2004, p. 37; TELES, 2009, p. 14), abarca dois pilares que estão sendo construídos no presente trabalho, quais sejam: a percepção e os sentimentos das pessoas como sujeitos.

No entanto, alguns autores são céticos com relação aos diálogos entre a Geografia Humana, sobretudo a Geografia

Cultural e a Geografia do Turismo. Conforme Sarmiento (1999, p. 163), que salienta:

No quadro da Geografia Humana, entre a Geografia Cultural e a Geografia do Turismo, de um modo geral, tem havido uma ausência de diálogo. Por um lado, a Geografia do Turismo tem-se mantido à margem dos mais recentes desenvolvimentos da 'nova' Geografia Cultural, como sejam a importância dada a relação de poder e intertextualidade, representações e desconstruções de paisagens e lugares, desigualdades sociais, raciais ou sexuais. Por outro lado, a Geografia Cultural não tem explorado devidamente a importância de práticas turísticas com agentes chave na construção e moldagem de identidades e de espaços (SARMENTO, 1999, p. 163).

Após mais de uma década, observa-se que tal afirmativa continua tendo sua verdade, haja vista, entre outros, que os estudos atrelados à Geografia e ao Turismo costumam ser pautados na transformação espacial/territorial face à atividade turística, muitas vezes sem enfatizar o humano diante dessa transformação.

O referido autor faz uma contextualização contemporânea do seu pensamento registrado em 1999:

A Geografia Cultural deixou de ser 'nova' e abraçou muitas ideias novas e muitas direcções: o quotidiano, a experiência, as emoções, a afectividade...largou um pouco as representações e passou a dedicar-se mais aos acontecimentos. O turismo como experiência significativa tornou-se importante no estudo da geografia cultural. Ao mesmo tempo o estudo do turismo amadureceu e tem havido um uso maior dos desenvolvimentos teóricos na geografia cultural e da geografia humana como um todo. Ainda assim, a geografia do turismo continua a ser dominada por estudos de caso, muitas vezes ateorico (SARMENTO, 2013, mensagem de trabalho).

A análise exposta remete a pensar sobre outras áreas do conhecimento, tais como: a Sociologia do Turismo, a Economia do Turismo, entre outras subáreas das Ciências Humanas e Sociais, quando se debruçam no Turismo como objeto de estudos e pesquisas.

Entre as suas especificidades, a Geografia do Turismo permite que sejam direcionadas para si as categorias de análise geográfica, dentre elas: o espaço – espaço turístico, a região – região turística, o território – territórios turísticos, a paisagem – paisagem turística e o lugar – lugar turístico (CASTRO, 2006), permitindo a interpretação do turismo enquanto fenômeno sociocultural e atividade econômica.

2.3 O sentido de lugar e lugar turístico

Conforme Mello (1990, p. 106), o termo lugar é a categoria de maior apelo da Geografia Humanista e “corresponde ao trecho da superfície terrestre no qual o homem se completa”. Em outras palavras, a Geografia Humanista seria a geografia dos lugares. Nesse mesmo sentido, para Lew (2003) a epistemologia fundamental da Geografia Humana é que o homem estrutura a sua experiência de mundo através da criação de lugares.

Para Diniz Filho (2012), na geografia tradicional a palavra ‘lugar’ não constituía um conceito científico, sendo utilizada com frequência como sinônimo de localização. Desta forma, segundo o autor, quando usada no plural, servia geralmente para fazer referência à variabilidade das combinações de elementos na superfície da Terra e, por conseguinte, ao conjunto de características naturais e humanas que particularizam uma determinada porção da superfície terrestre. Para exemplificar, Diniz Filho (2012) cita autores, como Paul Vidal de La Blache, que afirmava: “a geografia é a ciência dos lugares, não dos homens”; e Richard Hartshorne, que dizia: “os lugares são únicos”.

Segundo Diniz Filho (2012), para os estudiosos da geografia quantitativa interessados em estudar a organização espacial, a palavra ‘lugar’ tinha o sentido de localização, em virtude de os conceitos de organização espacial, região homogênea, polo de crescimento, entre outros, serem mais apropriados para enfoques nomeadamente morfológicos, isto é, interessados em explicar os

padrões de distribuição e de relações espaciais estabelecidos pelos agentes econômicos e sociais.

Ainda conforme o mesmo autor, coube à Geografia Humanista a primeira vertente da Geografia a fazer uso da palavra 'lugar' como um conceito científico. De fato, esse foi um dos conceitos fundamentais para os geógrafos humanistas, interessados em pesquisar as relações subjetivas do homem com o espaço e o ambiente, nisto implicando o estudo do cotidiano como forma de compreender os valores e as atitudes que as pessoas comuns elaboram a respeito do espaço e do ambiente em que vivem (DINIZ FILHO, 2012).

O conceito de lugar, segundo Diniz Filho (2012), é apropriado para esse tipo de pesquisa por dizer respeito aos espaços vivenciados pelas pessoas em suas atividades cotidianas de trabalho, lazer, estudo, convivência familiar, etc. Nesse sentido, o autor afirma que tem conteúdo similar ao que os fenomenologistas atribuem ao conceito de mundo, ou seja, o conjunto das vivências individuais e subjetivas dos sujeitos.

Mello (1990, p. 105, grifos nossos) salienta que "o sentido do lugar envolve **enraizamento, amizade e simbolismo**", e acrescenta:

As experiências nos locais de habitação, trabalho, divertimento, estudo e dos fluxos transformam os espaços em lugares, carregam em si experiência, logo, poesia, emoção, sensação de paz e segurança dos indivíduos que estão entre os "seus", tem uma conotação de pertinência por pertencer à pessoa e esta a ele, o que confere uma identidade mútua, particular aos indivíduos. Assim o lugar é recortado emocionalmente nas experiências cotidianas. [...] A criatividade humana constrói igualmente lugares míticos, terras fantásticas, espécie de paraíso ou eldorado. [...] Os geógrafos humanísticos insistem que o lugar é o lar, podendo ser a casa, a rua, o bairro, cidade ou a nação. Enfim, qualquer ponto de referência e identidade (MELLO, 1990, p. 102).

Nessa linha de raciocínio, Tuan (1980) afirma que a estima das pessoas por seu bairro depende mais da amizade e do respeito que cultivam com os vizinhos do que das características físicas do

local. Para o autor, ser um bom vizinho requer atitudes de solidariedade e reconhecimento do lugar onde se vive.

A partir do exposto por Mello (1990) e por Tuan (1980), evidencia-se o caráter emocional atrelado a um determinado lugar. Ademais, salienta-se a dimensão espacial de lugar, podendo ser a microesfera do lar ou mesmo a macroesfera de uma nação. Nesse sentido, Tuan vai mais além ao analisar essa dimensão.

Há diferentes maneiras como as pessoas sentem e conhecem o espaço e o lugar; o lugar é segurança – começando pela segurança do bebê no ventre materno – e espaço é liberdade (TUAN, 1983). Nesse sentido, o autor afirma que os seres humanos se sentem apegados ao lugar, mas desejam a liberdade sugerida pela ideia de espaço. Também, que ao se definir o lugar de maneira ampla como um centro de valor, de alimento e apoio, a mãe é o primeiro lugar da criança. Ademais, ela é reconhecida pela criança como o seu abrigo essencial e fonte segura de bem-estar físico e psicológico, e que um homem sai de casa ou da cidade natal para explorar o mundo. A criança que engatinha sai de perto da mãe para explorar o mundo (TUAN, 1983).

Há que se notar que os próprios geógrafos, mesmo entendendo-o como categoria analítica fundamental à sua Ciência, divergem nas linhas de pensamento ao definir uma epistemologia de lugar (GONÇALVES, 2008). Comumente, os estudiosos da Geografia sincronizam a ideia de lugar com as questões não somente físico-materiais como, também, e, principalmente, de simbolismo cultural, de expressão de vivência, produto da experiência humana e das relações humanas, entre o homem e natureza (CRAVIDÃO, 2006; CARLOS,1999; TUAN,1983); a que se denomina sentido de lugar ou construção do sentimento local.

Para outros geógrafos, como Adams, Hoelsche e Till (2001), a multiplicidade do termo lugar transpõe a tentativa de definir ou mesmo conceituar o que é lugar:

Many scholars across the humanities and social sciences no longer trust the search for universal definitions; in geography one finds a shift in emphasis from theorizing place in terms of lifeworlds and dwelling (in a Heideggerian sense) to explorations that avoid such universalistic concepts. This has led some to question whether "humanistic geography" still exists. Tuan, for one, has noted that for very good reasons this term has not been used with much frequency since the late 1980s. Many of the younger scholars [...] consider themselves cultural and/or historical geographers (albeit working within a humanities tradition) rather than humanistic geographers per se⁶ (ADAMS; HOELSCHE; TILL, 2001, p. xvi).

No sentido anteriormente apontado, a 'essência do lugar' dá vazão à 'multiplicidade' do lugar; da mesma forma, ao invés de 'existência humana', há o descobrir as muitas maneiras de lugar face às identidades em torno de raça, etnia, classe, gênero e sexualidade. Uma interpretação humanista crítica do lugar é igualmente preocupada com a forma como a criatividade humana é cercada por grande escala social, política e estruturas econômicas (ADAMS; HOELSCHE; TILL, 2001).

Ao chamar a atenção para as conexões entre a Geografia e as Ciências Humanas, que reconhecem explicitamente a natureza cada vez mais fluida e interdisciplinar de estudos sobre lugar, Adams, Hoelsche e Till (2001) comentam que a Geografia é apaixonadamente pluralista na abordagem e tolerante com divergentes pontos de vista; em nenhum lugar este interesse sintético sentiu mais profundamente do que no estudo do lugar. Também, observam que esses estudos são explorados com frequência cada vez maior e que estão firmemente de volta na

⁶ Muitos estudiosos de todas as ciências sociais e humanas não confiam mais na busca de definições universais. Na geografia encontra-se uma mudança de ênfase da teorização lugar em termos de modos de vida e habitação (em um sentido heideggeriano) para explorações que evitem conceitos universais. Isto levou alguns a questionar se a "geografia humanista" ainda existe. Tuan, por exemplo, observou que por razões muito boas este termo não tem sido utilizado com muito frequência desde o final dos anos 80. Muitos dos mais jovens estudiosos consideram-se geógrafos culturais ou históricos (embora trabalhando dentro de uma tradição humanista), ao invés de propriamente geógrafos humanistas (tradução nossa).

agenda acadêmica. Depois de décadas de desvalorização na ciência social ortodoxa - e dentro da própria Geografia Humana – “o lugar ressurgiu com um vigor intelectual que poucos teriam previsto” (ADAMS; HOELSCHKE; TILL, 2001, p. xviii)⁷.

Tuan (1985, p. 149) afirma que:

Como um mero espaço se torna um lugar intensamente humano é uma tarefa para um geógrafo humanista; para tanto, ele apela a interesses distintamente humanísticos, como a natureza da experiência, a qualidade da ligação emocional aos objetos físicos, as funções dos conceitos e símbolos na criação da identidade do lugar.

No sentido anteriormente exposto, o lugar também pode ser percebido como um espaço que possui valor e significados dentro de uma cultura, ou seja, é um centro de significados construído pela experiência (TUAN, 1983), e “as pessoas sonham com lugares ideais” (TUAN, 1980, p. 130).

Aufere-se o lugar como constituído por três elementos: a) local: fronteira onde são estabelecidas as relações sociais; b) localização: área geográfica que abrange o limite para a interação social definido por processos sociais e econômicos mais vastos; c) sentido de lugar: construção do sentimento local (AGNEW, 1987⁸ *apud* MARUJO; CRAVIDÃO, 2012).

O sentido de lugar está intimamente associado à capacidade de reconhecer e responder às diversas identidades de um lugar. “O senso de lugar surge quando as pessoas sentem uma ligação especial ou relação pessoal com uma área na qual o conhecimento local e **os contatos humanos são significativamente mantidos**” (SHARMA, 2004⁹, p. 278 *apud* MARUJO; CRAVIDÃO, 2012, grifos nossos).

Precursor na ampliação da abordagem humanista em Geografia, Tuan dedicou-se, especialmente, ao estudo do termo

⁷ Originalmente, “Place has reemerged with an intellectual vigor that few would have predicted”.

⁸ AGNEW, J. **Place and politics**: the geographical mediation of state and society. Boston: Allew & Unwin, 1987.

⁹ SHARMA, K. **Tourism and regional development**. New Delphi: Sarup & Sons, 2004.

“topofilia”, criado por ele. A topofilia refere-se aos vínculos de afetividade que o homem estabelece com o lugar (TUAN, 1980). Tuan encontra nas variáveis da percepção e da experiência humana as respostas para tecer suas reflexões a respeito do mundo vivido.

De acordo com Tuan (1980, p. 286), a topofilia varia em amplitude emocional e em intensidade, estando relacionada, entre outros, aos prazeres visuais efêmeros, ao deleite sensual do contato físico ou, simplesmente, ao apego pelo lugar, seja por sua familiaridade, por seu passado representativo ou por evocar algum tipo de orgulho de posse.

Ao citar, por exemplo, os laços com determinada cidade, Tuan (1983) assegura que a cidade natal é um lugar íntimo. Pode ser simples, carecer de elegância arquitetônica e de encontro histórico, no entanto, seus moradores geralmente se sentem ofendidos se um estranho a critica. “Não importa sua feiúra; não importávamos quando éramos crianças, subíamos nas arvores, pedalávamos nossas bicicletas em seus asfaltos rachados e nadávamos na sua lagoa” (TUAN, 1983, p. 160).

Para o autor, as pessoas, em geral, estão satisfeitas com sua área residencial e para aqueles que viveram muitos anos em um lugar, a familiaridade engendra aceitação e até afeição. Já os recém-chegados estão mais inclinados a manifestar descontentamento; “[...] por outro lado, é difícil para elas admitir que ao se mudarem por razões econômicas, de fato cometeram uma tolice” (TUAN, 1980, p. 249).

Nesse direcionamento, Gonçalves (2002) salienta que os laços com um lugar são construídos a partir da cultura e geografia, das relações sociais e ambientais que nele se desenvolvem. É esse conjunto de fatores que constitui a diferenciação entre “morar” e “habitar”, pois quando o sujeito estabelece apenas uma relação funcional com determinado lugar, configura-se o “morar”; mas ele, de fato, o “habita” quando se apropria de seus aspectos físico, simbólico, emocional e cultural (GONÇALVES, 2002). O habitar

abarca uma interação com os lugares, as pessoas, às coisas do mundo significativo do sujeito.

A questão temporal perpassa os estudos de lugar. Nesse sentido, conforme Gonçalves (2008, p. 56): “seria incorreto pensar que apenas a duração do tempo é capaz de conferir ao espaço um envolvimento afetivo de lugar. O que dita tal condição é a qualidade e a intensidade das experiências que se cultivam nos lugares, e essas podem levar dias, anos ou a vida inteira”.

Devido à característica efêmera da experiência turística, a afirmativa anterior contribui para se pensar a construção do termo “lugar turístico”, com diferentes interpretações e abordagens.

O conceito de lugar turístico é entendido como um aglomerado de lugares que produz experiências para as diferentes tipologias de turistas; onde há uma troca de experiências pessoais entre residentes e turistas (CROUCH, 2004; ALMEIDA, 2006). Williams (2009) salienta que os lugares turísticos precisam servir como locais de diversão, de emoção e desafio, de espetáculo ou então de lugares de memória.

Para Knafou (2001, p. 64), “os lugares turísticos são lugares em que há turistas [...]”. Ele destaca o turista como o instaurador do lugar turístico, assegurando que o processo de turistificação não vem do próprio lugar, mas sim das práticas do turista, ou seja, os turistas estão na origem do turismo.

Para Urry (1999), os lugares são escolhidos para serem contemplados porque existe uma expectativa, sobretudo através dos devaneios e da fantasia, em relação a prazeres intensos, seja em escala diferente, seja envolvendo sentidos diferentes daqueles com que habitualmente os turistas se deparam. Também comenta que tal expectativa é construída e mantida por uma variedade de práticas não-turísticas, tais como o cinema, a televisão, a literatura, as revistas, os vídeos, que constroem e reforçam o olhar.

Boullón (2004) considera que a relação turista-lugar é quase inexistente, porque falta a permanência do sujeito no objeto, impossível quando o calendário da viagem impõe uma presença

efêmera em cada ponto do itinerário. No entanto, a experiência do turista que volta todos os anos para o mesmo lugar é diferente:

Sua compreensão do espaço é mais fácil e rápida. Primeiro, porque a estada é mais prolongada e, segundo, porque as estadas se repetem. As características do lugar e das coisas que o compõem são familiares a ele. Isso lhe permite frequentar assiduamente ambientes que mais lhe agradam e usufruí-los. [...] ao final de cada temporada a lembrança do lugar acompanha esse tipo de turista, que, ao voltar a cada ano, reconhece cada local e nota as mudanças quer negativas, quer positivas. (BOULLÓN, 2004, p. 116).

Nota-se que a relação do turista com um lugar não se limita às coisas. A sensação de bem-estar torna-se completa quando o ambiente humano também se apresenta propício. “O ambiente físico continua o mesmo, mas, ao mudar o conteúdo humano, o lugar já não permanece o mesmo” (BOULLÓN, 2004, p. 116).

Ao se tratar do tema lugares, há que se apontar a teoria dos não-lugares. Para Augé (1996, p. 74), “o lugar e o não-lugar são, antes, polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente”. Ainda conforme o autor, “[...] Lugares e não-lugares correspondem aos espaços muito concretos, mas também a atitudes, a posturas, à relação que os indivíduos entretêm com os espaços onde eles vivem ou que percorrem” (AUGÉ, 1996, p. 145).

Carlos (1999) discorre sobre o poder subversivo do turismo, que transforma tudo o que toca em artificial, criando um mundo fictício e mistificado de lazer (não-lugares). Holzer (1993, p. 127), baseado nos princípios da Geografia Humanística, recorda o geógrafo humanístico Edward Relph (1979),¹⁰ ao citar que a compreensão dos lugares a partir da experiência cotidiana poderia deter a marcha da geografia do não-lugar, ligada à inautenticidade das experiências refletidas nas atitudes ou ações de massa, referentes ao domínio do outro, e que são típicas das sociedades industrializadas.

¹⁰ RELPH, E. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1-25, abr. 1979.

Destoando da visão de Carlos (1999), observa-se que Willians (2009) salienta que o turismo pode ser um meio pelo qual os seres humanos desenvolvem vínculos pessoais com um lugar e para os quais o lugar se torna um local com significado, locais de memórias para muitos turistas, sendo o turismo um dos principais meios através do qual é possível construir e manter a identidade de um lugar.

Por sua vez, Fratucci (2001, p. 130) assevera que: “o turismo não produz um não-lugar como nos coloca Carlos (1996)¹¹, mas sim permite a construção de um lugar onde a marca principal está na troca de experiências pessoais, entre o seu habitante e o turista”. O autor faz uma consideração sobre lugar turístico:

[...] é o território onde o turismo se realiza, e onde há a ocorrência de interações e inter-relações temporárias entre o anfitrião e o turista, aos quais irão permitir um contato direto, sem barreiras (físicas ou simbólicas) entre eles e o reconhecimento da existência do outro, recíproca e simultaneamente. Para o turista essa experiência irá trazer um crescimento pessoal e a satisfação das expectativas, sonhos e ansiedades que o levaram a estabelecer sua viagem. A viagem torna-se um momento de aprendizado, de crescimento. Para o habitante, o anfitrião, a experiência irá propiciar, além do seu crescimento pessoal interior, a consolidação da sua identidade com o seu lugar e a consciência de todas as possibilidades do seu cotidiano. A interação com o turista, nômade, torna-se um fator de fortalecimento e de recriação da sua noção de pertencimento ao lugar. Para o turista o lugar turístico é o espaço e o momento efêmero de uma experiência, real e direta, de descoberta de si e do outro. Não há aqui a idéia do espaço de lazer dissociado do espaço de vida, como proposto por Carlos (1996). Pelo contrário, no lugar turístico, ambos, o espaço de lazer e de vida, ocorrem simultaneamente para o turista. Para o habitante é o lugar permanente onde estão suas experiências vividas; é a sua dimensão de vida, definida a partir das suas relações interativas com o outro – o turista. Desse modo, o lugar turístico passa a existir enquanto um espaço relacional turista-habitante, sendo efêmero para o primeiro e permanente para o segundo. (FRATUCCI, 2001, p. 130).

¹¹ CARLOS, A. F. A. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

A abordagem exposta leva à reflexão, também, sobre o encontro entre turistas e residentes locais em um mesmo espaço, o que, segundo o autor, é uma experiência significativa para ambos.

Ainda em uma abordagem com viés mercadológico, Willians (2009, p. 172) salienta que:

Places, and images of places, are fundamental to the practice of tourism. The demand for tourism commonly emanates from individual or collective perceptions of tourist experiences that are usually firmly rooted in associations with particular places, whilst the promotion and marketing of tourism depends heavily upon the formation and dissemination of positive and attractive images of destinations as places.¹²

De fato, o turismo pode ser visto como um consumidor de lugares, mas também um potencial agente de destruição de lugares, devido, sobretudo, a massificação e/ou saturação dos destinos.

Paradoxalmente, conforme Wainberg (2002), ao mesmo tempo em que o turismo tem o poder de aproximar as populações e suas culturas, também o tem de fragmentar, de (im) possibilitar a comunicação humana. O autor observa que isso não ocorre devido a questões de barreiras idiomáticas, mas sim pelo fato de a hospitalidade comercial, muitas vezes, sobrepujar a hospitalidade doméstica. Afinal, muitos turistas simplesmente não estão interessados em trocas culturais ou conhecerem novas culturas, tendo o hábito de fazer comparações desnecessárias, cantando somente o seu rincão, ou seja, supervalorizando os seus costumes, a sua cultura e/ ou desvalorizando os aspectos culturais do destino visitado (WAINBERG, 2002).

Todavia, como se pôde observar, o lugar reveste-se de novos significados a partir do enfoque humanista; e o turismo,

¹² Lugares e imagens de lugares são fundamentais para a prática do turismo. A demanda para o turismo geralmente emana do indivíduo ou percepções coletivas de experiências turísticas que são, geralmente, firmemente enraizadas em associações com determinados locais, enquanto que a promoção e comercialização do turismo depende muito da formação e difusão de imagens positivas e atraentes dos destinos como lugares (tradução nossa).

redimensionado a uma escala mais humanizada, renova os valores dimensionados pela experiência turística, que envolve o encontro com as pessoas do lugar visitado (GONÇALVES, 2008; CROUCH, 2004)¹³.

Os conceitos de lugar e lugar turístico ora apresentados levam à reflexão de como as pessoas que vivem em lugares turísticos percebem o turismo e se o turismo exerce algum tipo de alteração no cotidiano dos residentes locais; visto que compreender os lugares, conforme as palavras a seguir, implica compreender a vida cotidiana:

A vida cotidiana dos lugares é uma fábrica de aproximações, estranhamentos, emoções, afetividades, subjetividades. A vida cotidiana nos lugares, por sua vez, faz emergir o que é comum, desenvolvido pela comunicação entre os sujeitos da vida, fortalecidos pelos laços de identidade (HISSA; CORGOSINHO, 2006, p. 17).

No próximo tópico, busca-se elucidar sobre o termo cotidiano a partir de uma abordagem geográfica do tema.

2.4 O cotidiano

Cidadezinha Qualquer
Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar
Um homem vai devagar
Um cachorro vai devagar
Um burro vai devagar
Devagar... as janelas olham
Eta vida besta, meu Deus.

(Carlos Drummond de Andrade, 1969)¹⁴

¹³ Esse parágrafo é essencial para creditar o próximo capítulo, referente à humanização do turismo, bem como para destacar a importância dos estudos sobre lugares.

¹⁴ Originalmente escrito por Carlos Drummond de Andrade, em seu primeiro livro, intitulado **Alguma Poesia**, datado de 1930.

“Cidadezinha qualquer”, de Carlos Drummond de Andrade, reflete o dia a dia de uma pacata cidade que poderia estar localizada em várias regiões do Brasil. Nela, parece não haver nada que surpreenda o olhar de quem a observa. Ao contrário, a paisagem retratada é de alguém que sabe o que está por vir, alguém porventura enfadado com o seu cotidiano, bem como com o cotidiano de sua cidade, expressando, assim, uma monotonia.

Porém, em muitos casos, o cotidiano é o inverso ao retratado pelo poeta. Especialmente nas grandes metrópoles, o ritmo frenético do dia a dia faz com que as pessoas se apressem para conseguir embarcar em sua condução “casa-trabalho-trabalho-casa”; comumente, muitas desempenham vários papéis sociais, tais como os de profissional, de cônjuge, de pai ou mãe, de filho ou filha, entre outros, o que faz a rotina do cotidiano se tornar estressante.

Há casos, contudo, que a rotina do cotidiano apraz àquelas pessoas que gostam de planejar suas vidas e se sentem satisfeitas com as atividades diárias, sejam de trabalho, de estudo, de tarefas domésticas, de obrigações religiosas, de lazer, entre outras. Um pouco da rotina do cotidiano que agrada está expressa na composição (música e letra) de Chico Buarque de Hollanda, escrita em 1971 (HOLLANDA, 2014), intitulada “Cotidiano”:

Todo dia ela faz tudo sempre igual
Me sacode às seis horas da manhã
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca de hortelã

Todo dia ela diz que é pra eu me cuidar
E essas coisas que diz toda mulher
Diz que está me esperando pro jantar
E me beija com a boca de café

Todo dia eu só penso em poder parar
Meio dia eu só penso em dizer não
Depois penso na vida pra levar
E me calo com a boca de feijão

Seis da tarde como era de se esperar
Ela pega e me espera no portão
Diz que está muito louca pra beijar
E me beija com a boca de paixão

Toda noite ela diz pra eu não me afastar
Meia-noite ela jura eterno amor
E me aperta pra eu quase sufocar
E me morde com a boca de pavor

Todo dia ela faz tudo sempre igual
Me sacode às seis horas da manhã
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca de hortelã

Qualquer que seja o modo como as pessoas encaram o seu dia a dia, pode-se dizer que é inerente ao ser humano o anseio por uma escapadela da rotina do cotidiano.

De fato, uma das motivações principais dos turistas é fugir do seu cotidiano. O movimento do “sair de” e “ir para” causa uma sensação de aventura, prazer e busca pelo diferente (WAIMBERG, 2002), que movimenta o fluxo turístico ao redor do mundo.

2.4.1 Por uma perspectiva geográfica do cotidiano

O cotidiano se realiza em tudo o que acontece diariamente na vida das pessoas. Para Certeau (1994), na arte do fazer cotidiano, não há seres passivos, mas indivíduos que operam comumente sobre o contexto e constroem variações, pois o cotidiano se inventa de maneiras diversas.

O estudo do cotidiano envolve a análise do indivíduo de modo geral e as suas relações com outros indivíduos (GIL; GIL FILHO, 2008). Ademais, como objeto de análise das ciências humanas e sociais, verifica-se estar em grande expansão. Para Bittencourt (2004), o cotidiano deve ser utilizado como objeto de estudo, pois possibilita visualizar as transformações possíveis realizadas por homens comuns, ultrapassando a ideia de que a vida cotidiana é

repleta e permeada de alienação. E, Maffesoli (2008), reafirma a necessidade de uma sociologia mais atenta às questões do cotidiano. Para este autor:

Nunca é demais insistir na nobreza da vida cotidiana. Pode-se dizer que é a partir do “ordinário” que é elaborado o conhecimento do social. É conveniente insistir nisso, pois, por um lado, tal como um ponto cego, trata-se de um domínio que era estranhamente ignorado pelos intelectuais, e por outro, esse cotidiano parece ser uma das principais características do estilo estético do qual nos ocupamos aqui (MAFFESOLI, 1995, p. 63).

O estilo em sobreposição ao conceito de cotidiano é argumentado por Maffesoli, a partir das seguintes palavras:

O cotidiano não é um conceito que se pode, mais ou menos utilizar na área intelectual. É um estilo no sentido de [...] algo mais abrangente, de ambiente, que é a causa e o efeito, em determinado momento, das relações sociais em seu conjunto. De tudo o que foi dito, deve-se lembrar que o estilo pode ser considerado, *stricto sensu*, uma “encarnação” ou ainda a projeção concreta de todas as atitudes emocionais, maneiras de pensar e agir, em suma, de todas as relações com o outro, pelas quais se define uma cultura (MAFFESOLI, 1995, p. 64).

Deste modo, a vida diária é considerada como reveladora de estilos de cada época geracional (KUSHANO et al, 2016).

A questão do cotidiano e da História, perpassando a Geografia, bem como os problemas do cotidiano, não são menores, sendo a História uma construção do dia a dia de atores comuns, que são a maioria (DEL PRIORE, 1997). Nesse sentido, cotidiano e história não são noções contraditórias. Precisa-se, pois, analisar de que maneira se operam as relações entre ambos, relações que colocam “[...] muitas perguntas ao historiador, ao geógrafo ou a outros cientistas sociais preocupados em recuperar os laços entre o social e o individual, o social e o histórico” (LASTÓRIA; MELLO, 2008, p. 3).

Ao se pensar um conceito para cotidiano, Heller (1985, p. 17) a ele acrescenta a ideia de vida, discorrendo a vida cotidiana como:

[...] a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se 'em funcionamento' todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias.

Para Barbosa (2000), o cotidiano é o tempo vivido pelas pessoas, enquanto a rotina é uma construção que se faz para organizar o cotidiano. Essa distinção é válida, pois usualmente se observa o emprego de rotina como sinônimo de cotidiano. Assim, "a rotina é apenas um dos elementos que integra o cotidiano" (BARBOSA, 2000, p. 43).

Conforme Lefebvre (1984), o cotidiano é abrangente e refere-se a um espaço-tempo fundamental para a vida humana. Nele acontecem as atividades repetitivas, rotineiras, triviais, como também a possibilidade de encontrar o inesperado, onde há margem para a inovação, onde se pode alcançar o "extraordinário do ordinário" (LEFEBVRE, 1984, p. 51).

Gil e Gil Filho (2008, p. 7) conceituam a geografia do cotidiano como: "[...] a geografia do modo de ser, fazer, representar, numa visão do olhar das pessoas que vivem, passam ou habitam um bairro de uma cidade". Ainda segundo os autores, "é o estudo do 'mundo vivido' de indivíduos ou pequenos grupos" (p. 7). Por sua vez, devido ao seu uso habitual, para Certeau, Giard e Mayol (1997) o significado de bairro pode ser considerado como a privatização progressiva do espaço. O espaço de um bairro é entendido como um palco onde ocorrem diferentes práticas realizadas pelos indivíduos e grupos sociais (GIL; GIL FILHO, 2008).

Para Souza (2009, p. 1), a geografia está no cotidiano e o cotidiano está na geografia:

[...] pois produzimos geografia diariamente, mesmo de forma inconsciente, em cada atividade efetuada no espaço geográfico: ir ao trabalho ou à escola, mapeando mentalmente o caminho (mapas mentais/localização/orientação); fazer compras na feira livre ou supermercado e perguntar/olhar o rótulo sobre a origem dos produtos (agricultura/indústria/comércio/circulação e transporte); assistindo a um telejornal e observando

os mapas apresentados nas reportagens ou na previsão do tempo (escala/clima); torcendo pelo time preferido na televisão ou num estádio (território/geopolítica/geoestratégia), dentre outras atividades comuns/cotidianas, mas que a geografia se faz presente e pode/deve nos auxiliar na apreensão da realidade.

Perceber a geografia no cotidiano e, sobretudo, analisar a importância do estudo do cotidiano na apreensão da realidade, requer um olhar atento aos atores sociais e como esses se relacionam com o mundo por eles vivido. Nesse sentido, qual a apreensão da realidade face à influência da prática turística no cotidiano das pessoas?

2.5 O Turismo como prática social e o cotidiano do visitante e do visitado

A partir de uma perspectiva da prática, o turismo é um encontro. Um encontro entre pessoas, pessoas e espaço, no meio de pessoas [...] que engendra expectativas, desejos, contextos e representações, imaginação e sentimento (CROUCH, 2004, p. 117).

Nessa perspectiva, se apresenta a palavra que se quer destacar neste texto, qual seja: 'encontro'. Refletir sobre esta palavra no âmbito do turismo enquanto fenômeno social traz à tona se, efetivamente, o turista viaja com predisposição a interagir/encontrar-se com pessoas e, até mesmo, consigo mesmo. Ora, pois não raro escutam-se expressões como "preciso me encontrar", ou "preciso viajar para esquecer os problemas", entre outras.

Para Krippendorf (2000), a necessidade de viajar é, sobretudo, marcada pelo cotidiano: "as pessoas viajam porque não se sentem mais à vontade onde se encontram, seja nos locais de trabalho, seja onde moram. Sentem necessidade urgente de se desfazer temporariamente da rotina massificante do dia a dia [...]"(KRIPPENDORF, 2000, p. 14-15).

De fato, o turismo tem sido apontado como um "escape da monotonia cotidiana" (YÁZIGI, 2001, p. 288), sendo o turista uma "espécie de peregrino contemporâneo, procurando autenticidade

em outras 'épocas' e em outros 'lugares', distanciados de sua vida cotidiana" (URRY, 1999, p. 24-25). Nesse sentido, Urry (p. 28) salienta que "o turismo resulta de uma divisão binária básica entre o ordinário/cotidiano e o extraordinário". Para o referido autor, a motivação turística é construída e alimentada durante a rotina (o ordinário), ao passo que a prática turística é um período momentâneo de ruptura espacial e social dos laços cotidianos, em que o turista presencia no destino turístico as situações extraordinárias.

As situações extraordinárias são o que causam, no turista, em maior ou menor grau, a busca pelo diferente; e o impulsiona a querer conhecer e colecionar lugares, desbravar paisagens e adentrar culturas.

Todavia, há um paradoxo nessa busca pelo diferente, pois conforme Harvey (1992, p. 188):

Os movimentos cíclicos e repetitivos (do café da manhã a ida ao trabalho a rituais sazonais como festas populares, aniversários, férias, abertura das temporadas esportivas) oferecem uma sensação de segurança num mundo em que o impulso geral do progresso parece ser sempre para a frente e para o alto - na direção ao firmamento e ao desconhecido.

Para o autor, os rituais sazonais, dentre os quais as férias, fazem parte de movimentos cíclicos e repetitivos, que ao contrário de ter uma conotação de busca pelo desconhecido, promovem, em realidade, sensação de segurança.

Em uma análise das representações de turistas sobre a Lisboa contemporânea, Barreira (2010, p. 24) colheu entrevistas, tais como uma que se apresenta a seguir:

Enquanto turista, acordo no hotel, é-me servido o pequeno almoço ao mesmo tempo em que penso no percurso do dia. Já em casa, tenho que preparar o pequeno almoço, ver se minha filha tem tudo na mochila, levá-la na escola, só então paro para pensar no dia (turista belga, 38 anos, sexo feminino).

Para a autora supracitada, que denomina os turistas de ‘narradores do mundo contemporâneo’, é factível “[...] pensar o cotidiano e o turismo não como oposições, e sim como zonas fronteiriças e articuladas” (BARREIRA, 2010, p. 24), o que remete ao pensamento de que os visitantes são portadores de sentidos e interpretações sobre o tempo vivido em suas cidades de origem.

Krippendorf (2000, p. 55) apresenta outro paradoxo ao discorrer que “[...] fugindo-se do cotidiano pelo anticotidiano, a pessoa, fatalmente, se descobre no cotidiano”. Tal fato pode vir a acontecer quando não se deseja abandonar por completo os hábitos que confortam uma pessoa, ou seja, que são habituais em seu cotidiano, como por exemplo, os relacionados à alimentação, ao lazer, entre outros.

Além das questões anteriormente expostas, há que se notar o tipo de influência que o turista pode ocasionar no destino turístico. O turista não chega a uma terra ausente de história e não se pode negar o seu papel de agente a intervir na história dos lugares, indivíduos e grupos sociais.

O turista é também parte integrante da história dos destinos que visita, reconstruindo-os e transformando-os; o turista é um fator reestruturante das práticas cotidianas; ele agrega novas memórias ao imaginário popular dos lugares (BEDIM; PAULA, 2007, p. 3).

Além disso, o turista

[...] participa de um cotidiano desconhecido, que apresenta manifestações diversas, soma de toda uma cultura, manifestada por meio das artes, do folclore, da gastronomia, do artesanato, do comércio e indústria, dos contatos humanos e materiais, do comportamento em geral da localidade (SARTOR, 1977, p. 29, citada por BAHL, 2006)¹⁵.

Nessa mesma direção, para Fratucci (2001, p. 57), a importância do turismo para o habitante de uma destinação é a

¹⁵ SARTOR, L. F. **Introdução ao turismo**. Caxias do Sul/Porto Alegre, Universidade de Caxias do Sul/Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1977.

consolidação de sua identidade com o seu lugar, pois “a interação com o turista, torna-se fator de fortalecimento e de recriação da sua noção de pertencimento ao seu lugar”.

Todavia, conforme Krippendorf (2000, p. 85), “o turista esquece que [...] a experiência única que ele vive representa, para o autóctone, a repetição contínua das mesmas situações”. Além do que, o turista não consegue perceber o lugar com a mesma magnitude de uma pessoa que ali reside há muito tempo. Tuan (1980) analisa que o visitante e o nativo focalizam aspectos bem diferentes do meio ambiente:

Em uma sociedade tradicional estável os visitantes e as pessoas de passagem constituem uma minoria da população total; suas visões do ambiente não têm, talvez, muita importância. [...] em geral, podemos dizer que somente o visitante (e especialmente o turista) tem um ponto de vista; sua percepção frequentemente se reduz a usar seus olhos para compor quadros. Ao contrário, o nativo tem uma atitude complexa derivada de sua emersão na totalidade de seu meio ambiente (TUAN, 1980, p. 72).

Pelo exposto, afirma-se que cotidiano e turismo mesclam-se no mesmo lugar e ambos se povoam de espetáculo e fantasias que se exteriorizam na organização do território (YÁZIGI, 2001). Ainda segundo o autor:

Muitos podem ser os significados da paisagem para o morador e para o turista. Entre tantas possibilidades para um e outro, a expectativa do espetáculo costuma ocupar importante papel no repertório turístico. Mas espetáculo não significa, necessariamente, artificialidade ou megaproduções, embora isto ocorra. A experiência do cotidiano das cidades, uma floresta ou um simples pôr do sol são espetáculos. Logo, a autenticidade do que é produzido em função do dia a dia pode se converter em repertório turístico, desde que na perspectiva da ascensão social e da dignificação do mundo material. (YÁZIGI, 2001, p. 290).

Nesse mesmo sentido, Castrogiovani (2001) analisa que os visitantes de uma cidade podem ter uma leitura muito tênue daquilo que um determinado espaço urbano pode significar em termos de prazer cotidiano para os residentes permanentes. Assim,

muitas vezes, os visitantes fazem uma leitura de que muito do que existe no espaço urbano, como por exemplo, os equipamentos de lazer público, estão lá com o intuito maior de atendê-los (KUSHANO; MONTEIRO; MEIRA, 2010).

As reflexões anteriormente expostas remetem a duas questões: a primeira, que o planejamento turístico das localidades não deve estar dissociado das práticas do cotidiano; ao contrário, podem ser singulares e fator decisivo na escolha por um destino. No entanto, como salienta Bahl (2003), algumas localidades receptoras são alteradas, criando cenários artificiais que podem descaracterizar o cotidiano preexistente.

Parece haver um modo relativamente superficial mediante o qual as culturas nativas têm de ser, necessariamente, apresentadas ao turista. Em relação a Bali, por exemplo, muitas características da arte e da cultura balinesa são: “[...] desconcertantemente complexos e alheios à maneira de ser ocidental que não se prestam com facilidade a um excesso de simplificação e à produção em massa, que converte formas de arte nativa em kitsch para turistas”. (TURNER; ASH, 1975, p. 159¹⁶ citados por URRY, p. 24).

A segunda questão refere-se ao olhar do visitado. Ao expor o seu cotidiano no repertório turístico, também precede que a própria atividade interfere no seu dia a dia. Assim, a perspectiva da ascensão social e da dignificação do mundo material proposta pelo autor acontece na prática?

Para Krippendorff (2000, p. 69), “a voz da população local continua praticamente inaudível”. Ele cita que, nas montanhas suíças, por exemplo, os habitantes das localidades turísticas aprenderam a viver com o turismo, e eles satisfazem quase todos os desejos de seus visitantes. Todavia, também lhes apraz o fato de o fluxo turístico não durar o ano todo. “Eles têm necessidades desses meses que se estendem entre as épocas de alta e baixa estação para se refazerem do turismo, para restabelecer o contato

¹⁶ TURNER, V.; ASH, J. **The Golden Horders**. London: Constable, 1975.

com os vizinhos e amigos da aldeia e reencontrar o espírito comunitário” (KRIPPENDORF, 2000, p. 69-70).

Por sua vez, grande parte das regiões litorâneas do Brasil convive com a sobrecarga do turismo sem planejamento, que pode acabar por inviabilizar a própria atividade (MENDONÇA, 2001). Segundo o autor:

As localidades turísticas têm dificuldades em solucionar os problemas de saneamento básico, pois a demanda sobre estes serviços é multiplicada, às vezes, por cem, em épocas de temporada e fins de semana prolongados. Nesses períodos, os efluentes domésticos chegam a atingir níveis muito superiores à capacidade de saturação: os despejos de fossas e esgotos acabam contaminando as praias, comprometendo a balneabilidade de suas águas. É também difícil organizar a coleta de lixo, e muitas vezes é impossível estabelecer um local apropriado para o seu despejo que, ou fica disperso por várias áreas sem um tratamento adequado, ou a municipalidade deve negociar a sua deposição em algum município vizinho [...] (MENDONÇA, 2001, p. 22).

A citação tem relação com diversos estudos sobre a percepção de moradores de localidades turísticas. Como exemplo, de acordo com Carvalho (2010), uma pesquisa realizada no município de Cajueiro da Praia (PI) junto aos moradores de Barra Grande, um de seus povoados, apontou que 90% dos pesquisados afirmaram que a atividade turística local trouxe efeitos negativos para o município, enquanto 5% disseram que não, e outros 5% não souberam responder.

O autor menciona que, na mesma pesquisa, 42% dos pesquisados afirmaram que houve especulação imobiliária e elevação dos preços de produtos e serviços; 30% apontaram poluição de praias, rios e lagoas; 14% apontaram poluição sonora; 11% apontaram destruição da vegetação local, e 16% citaram outros impactos negativos, como o aumento da violência e do consumo de drogas. No entanto, entre os aspectos positivos apontados, destacam-se o aumento de empregos e renda (32%), bem como o aumento na oferta de serviços (27%). (CARVALHO, 2010).

Outro estudo, realizado por Costa (2011) nos balneários de Praia de Leste, Santa Teresinha e Ipanema, no litoral paranaense, destacou os impactos causados pelo turismo na temporada, relatando que os moradores dos três balneários pesquisados lamentaram a precária educação e a indiferença do turista com relação à manutenção da limpeza e conservação local, o que afeta negativamente o cotidiano dos moradores.

Quanto ao turismo de massa em destinos litorâneos, Tuan (1980, p. 131) analisa que não é difícil entender a atração que exercem as orlas marinhas sobre os seres humanos:

Para começar, sua forma tem dupla atração: por um lado, as reentrâncias das praias e dos vales sugerem segurança; por outro lado, o horizonte aberto para o mar sugere aventura. Além disso, o corpo humano, que normalmente desfruta apenas do ar e da terra, entra em contato com a água e a areia.

Em se tratando da aversão dos moradores a lugares litorâneos, cita-se a pesquisa que utilizou o modelo de Doxey (1975)¹⁷ e foi realizada em Ponta Negra (RN), para analisar a atitude da população residente naquela localidade em relação aos turistas. Foram distribuídos 73 questionários com perguntas

¹⁷ A pesquisa realizada por Doxey (1975) identifica a existência de impactos recíprocos entre turistas e residentes, os quais são medidos em graus de “irritação”, tendo como correlação os estágios de desenvolvimento da destinação turística na qual ambos os atores estão inseridos. Os quatro estágios no índice de irritabilidade sustentados são: euforia, apatia, irritação, antagonismo. Conforme Doxey (1975), o estágio da euforia está associado com a fase inicial do desenvolvimento turístico em determinada localidade. O turismo é visto de forma idealizada, com vistas a gerar desenvolvimento, lucros. O segundo estágio, a apatia, é caracterizado pela relação de formalidade entre residentes e visitantes. Na fase seguinte, surge o sentimento de irritação, que ocorre quando o local atingiu o ponto de saturação. O questionamento dos residentes acerca da presença dos turistas e a preocupação das autoridades locais em aumentar a infraestrutura para melhor receber os visitantes marcam essa fase. A última fase é a ascensão da irritabilidade, o antagonismo, em que os residentes se manifestam abertamente contra os turistas, enquanto as autoridades locais buscam formas de aumentar o nível de promoção da região para superar qualquer imagem negativa que tenha sido criada. (DOXEY, J. **Development of tourism destinations**. London: Torbay, 1975).

abertas e fechadas entre os moradores, com pelo menos três anos de residência no bairro.

Os resultados da pesquisa apontaram que 65% dos entrevistados disseram ser muito frequente o contato com turistas, envolvendo, na maioria dos casos relatados, conversas e bate-papos. Todos os entrevistados, sem exceção, mencionaram que o turismo contribui para a geração de renda, mas também contribui para o aumento do custo de vida. No entanto, não apresentaram expressão de indiferença, irritação, revolta ou saturação em relação aos turistas, visto que, na maioria das vezes, eles parecem ser mais desejáveis ao destino do que o contrário (AIRES; FORTES, 2011).

Quanto à percepção dos residentes sobre os impactos negativos do turismo, 87,7% dos entrevistados mencionaram o governo e autoridades locais como os principais responsáveis pela infraestrutura inadequada e a falta de banheiros públicos no calçadão e pela falta de segurança e o aumento de preços e custo de vida (AIRES; FORTES, 2011).

Os turistas foram considerados responsáveis por alguns efeitos negativos do turismo por 50 entrevistados, o que correspondeu a 68,5% da amostra. Os problemas relacionados com o aumento da prostituição, o aumento do consumo de drogas e a especulação imobiliária foram os mais mencionados (AIRES; FORTES, 2011).

A pesquisa anteriormente mencionada aponta para a percepção de efeitos positivos e negativos do turismo naquela localidade. Tais exemplificações vão ao encontro do que MacCannel (1973), citado por Urry (1996, p. 26-27),¹⁸ assevera, ao dizer que muitas vezes o turismo praticado dispensa as pessoas das obrigações cotidianas, ou as mesmas são suspensas ou invertidas. “Existe uma licença para um comportamento permissivo, alegre, ‘não-sério’ e o encorajamento de uma

¹⁸ MacCANNELL, D. **Staged authenticity**: arrangements of social space in tourist settings. *American Sociological Review*, 79, 1973. p. 589-603.

‘comunitas’ relativamente livre de restrições, bem como de uma proximidade social”.

Nessa linha de pensamento, Barretto (2004, p. 133, grifos nossos) salienta que:

[...] a relação entre visitantes e visitados, apesar de ter uma característica comum, qual seja a efemeridade, difere em função de vários fatores condicionantes, tais como diferença social, econômica, cultural e étnica. Também varia em função do **comportamento dos turistas**, que, por sua vez, está condicionado a outros fatores, como nível educacional e motivação para viajar, e da atitude dos diversos setores da população local, que também está subordinada aos **efeitos que o turismo provoca na sua vida cotidiana ao longo do tempo**.

Ainda, é mister destacar as questões econômicas e, sobretudo, ambientais, que engendram a relação visitados e visitantes. Nesse sentido, Lage e Milone (1998, p. 18) opinam que:

É comum que a percepção do turismo pelos residentes dos países receptores altere-se ao longo do tempo. Historicamente, o turismo começa sem qualquer planejamento formal e é bem visto pelos cidadãos dos países de destinação por causa da promessa de benefícios econômicos e em virtude da curiosidade humana. Em muitos casos, todavia, o entusiasmo desaparece quando o número de turistas aumenta, as facilidades tornam-se insuficientes e a pobreza é agravada. A população local passa a compreender a sua dependência econômica do turismo e que não mais controla ou mesmo é consultada sobre o destino de seu meio ambiente [...] (LAGE; MILONE, 1998, p. 18).

Pode-se citar outro exemplo que reflete os sentimentos da população local frente ao turismo a partir do artigo “A visão endógena dos extrativistas da Reserva Extrativista Marinha de Pirajubaé (Florianópolis, Santa Catarina, Brasil) sobre o turismo” (RIBAS; ZUCULOTO, 2012), em que os autores condensam os aspectos positivos e negativos que podem vir a ocorrer no cotidiano dos moradores locais, com a influência da atividade turística.

Segundo Ribas e Zuculoto (2012, p. 26), quando questionados sobre o que achavam do turismo em Florianópolis (SC), “todos os extrativistas entrevistados foram unânimes em considerar sua

relevância para a cidade – enfatizando que é a maior fonte de renda do município”. Porém, os mesmos apontaram as modificações do modo de vida da comunidade alavancadas pela atividade. Conforme as palavras de um extrativista (RIBAS; ZUCULOTO, 2012, p. 26-27):

[...] eu, nativo, me criei em Floripa, e digo pra você que mudou muito aí a cidade onde eu cresci, aonde eu vivi, aonde eu vivo até hoje, e assim, eu não sou contra esta questão do turismo, mas tem que ser uma coisa meio que ordenada [...] aqui são dois Florianópolis, né, uma na temporada – turístico, verão, e outra no inverno. E às vezes a questão é complicada do turismo porque às vezes no verão você vai no mercadinho é um preço, e aí vai no inverno é outro. E a questão assim é que Florianópolis ter feito tanta propaganda de turismo, a gente é uma ilha, e a gente suporta uma certa quantidade de pessoas. Tá certo que governo tenta fazer infraestrutura, duplicar estrada, só que tem que ter um certo limite. E às vezes vem muita gente pra cá, muitas pessoas, e acaba que o preço das coisas pra nós vai lá em cima, e questão de trânsito, e engarrafamento, questão é que é tudo mais complicado. Aí eu vejo um lado positivo do turismo, da gente conseguir, assim... apresentar o nosso lugar, né. Trazer as pessoas pra cá, só que ter também um certo controle limitação pra não sobrecarregar – que aí é mais pessoas poluindo, é mais pessoas jogando lixo... E aí tem a questão boa do turismo, de você fazer um intercâmbio, de você vir conhecer um lugar e conhecer outro, mas também tem esta questão de controle [...]

As palavras do entrevistado remetem aos sentimentos de quem vem acompanhando a transformação territorial advinda por meio da atividade turística, bem como as relações sociais entre visitado e visitante. No entanto, há que se ter cautela, evitando estereótipos que culminam na figura do turista como ‘vilão’ e da população local como o ‘mocinho’. Nesse sentido, Barretto (2004, p.134) argumenta que: “o relacionamento entre visitantes e visitados varia de caso para caso, em função de uma série de circunstâncias favoráveis ou desfavoráveis, o que obriga os pesquisadores a terem muita cautela na hora das inferências, evitando generalizações”.

Determinados estudos apontam aspectos positivos no encontro entre visitantes e visitados. Um exemplo pode ser visto, conforme Gamradt (1995), na pesquisa realizada com crianças jamaicanas, para saber o sentimento delas com relação ao turismo e aos turistas estrangeiros.

Conforme o autor da referida pesquisa, crianças jamaicanas de seis diferentes escolas¹⁹ foram estudadas. A essas crianças foi pedido que desenhassem uma figura de um visitante que veio de muito longe. Para a análise das respostas, foi aplicado o método indutivo. Somente 18, de 319 participantes, expressaram opiniões negativas sobre os visitantes (turistas). Essas 18 crianças disseram que os turistas são algumas vezes ruins, chatos e que podem trazer doenças. Mas para a maioria dos participantes, os turistas são legais, bondosos, amorosos.

Elas apontaram que os jamaicanos são pessoas do bem, que querem que os turistas se desloquem a Jamaica para se divertirem. As mensagens escritas e os desenhos resumiram-se em um pensamento: “todos são bem-vindos” (GAMRADT, 1995). Essas palavras demonstram o exercício de alteridade possível para uma relação harmônica entre turistas e moradores locais, pelo menos para uma parcela da população jamaicana.

Como se pôde observar, o encontro entre turistas e residentes locais ocasionam mudanças no cotidiano da localidade visitada. Todavia, muitas questões levantadas não são cabíveis de resolução pelos turistas, mas sim aos dirigentes públicos e empresários do setor, na tentativa de estabelecer políticas públicas que visem à qualidade de vida da comunidade local, bem como a segurança e o conforto para os turistas. Indo ao encontro dessa afirmativa, Urry (1999) analisa que existem inúmeros determinantes de certas relações sociais que se criam entre “hospedeiros” e “hóspedes”, entre os quais:

¹⁹ Em séries equivalentes ao Ensino Fundamental no Brasil.

a) O número de turistas que visitam um lugar em relação ao tamanho da população hospedeira e à escala dos objetos que estão sendo contemplados;

b) O objeto predominante do olhar do turista, que pode ser uma paisagem campestre, uma paisagem urbana, um grupo étnico, um estilo de vida, artefatos históricos, locais de recreação. As atividades turísticas que envolvem a observação dos objetos físicos são menos invasivas do que as que envolvem a observação de indivíduos e grupos;

c) O caráter do olhar envolvido e o resultante “acúmulo” de visitantes, espacial e temporal. O olhar pode ser algo que ocorra de forma rápida, como tirar fotos da Serra do Mar. Ou pode necessitar de uma apreensão maior, como ver/vivenciar o “romance” em Paris;

d) Até que ponto os turistas podem ser identificados como culpados por certas implicações econômicas, sociais e ambientais, com efeito, indesejáveis. Parece mais fácil culpar o visitante, sem rosto e sem nome, pelos problemas locais, relacionados com a desigualdade econômica e social. Ademais, algumas objeções locais ao turismo são, de fato, objeções à modernidade ou à própria sociedade moderna, à mobilidade e à mudança, a novos tipos de relacionamentos pessoais, entre outras. (URRY, 1999).

Ainda, conforme Barretto (2004), turistas e população local têm diversos graus de empatia, dentro de um leque que vai da simpatia à hostilidade, passando pela cordialidade, profissionalmente trabalhada. Para a autora, há uma tendência de que os relacionamentos entre visitantes e visitados sejam cada vez mais profissionais, à medida que os serviços turísticos e os próprios turistas se profissionalizam (BARRETTO, 2004).

A partir de todo o exposto, reafirma-se que o tensionamento entre visitado e visitante existe. Todavia, muitas vezes as objeções dos visitados não são específicas para com o visitante, mas sim a questões ambientais, devido à saturação do destino/lugar turístico.

Em suma, o presente capítulo ressaltou que a Geografia está no cotidiano e o cotidiano está na Geografia. Nesse sentido, estudos sobre o cotidiano são válidos e extrapolam a ideia das amenidades e fatos supérfluos. Ao contrário, o cotidiano revela hábitos, costumes, consumo, pensamentos e nele é inerente a linha tênue entre o ordinário e o extraordinário.

Lugar, cotidiano e turismo estão imbricados no âmago da Geografia Humana, sobretudo da Geografia Cultural. Por meio de uma análise bibliográfica do cotidiano dos visitantes e dos visitados, observa-se que as visões de Fratucci (2001) e de Willians (2009) podem estar carregadas de certo romantismo quanto à questão das trocas simbólicas e do elo afetivo entre turistas e residentes locais (chamados por Fratucci de anfitriões). Todavia, também há que se discordar da visão de Carlos (1999) sobre o turismo transformar tudo o que toca em artificial, criando os chamados não-lugares.

Em que pese tais colocações, há que se destacar a importância do estudo do cotidiano e de como turismo e cotidiano estão imbricados, perfazendo uma relação de interdependência (KUSHANO et al, 2016).

Muitas vezes, enquanto turistas, viagens são realizadas sem sequer se ter contato com os residentes locais. Outras vezes, pode-se ter tal contato sem se saber quem realmente é de tal lugar. Como exemplo, cita-se o caso de um turista que vai a Paris - França, mas não tem domínio do idioma francês. Nesse caso, poderá perguntar algo para determinado transeunte, no idioma inglês; e ficará em dúvida sobre a nacionalidade da pessoa abordada, já que, ao viajar pelo mundo, o inglês costuma ser o idioma universal.

A abordagem anteriormente citada também remete a outra questão de cunho qualitativo. Que tipo de trocas culturais há com os visitados? (se é que os turistas vão a determinados lugares para visitar as pessoas dos lugares). Os residentes locais são vistos e abordados como se fossem guias de turismo ou manuais de sobrevivência local? Ou há, efetivamente, trocas culturais? Nesse

sentido, resta discordar ou mesmo sinalizar com um ponto de interrogação a legitimidade do termo “lugar turístico”, no que diz respeito ao entendimento de que a essência de um lugar é onde os contatos humanos são mantidos.

Se para a Geografia, o estudo do lugar continua na agenda como algo complexo, também para a Geografia do Turismo, ao estudo do lugar turístico há que se ter maior profundidade epistemológica.

Uma hipótese possível é de que o lugar turístico é elaborado a partir do imaginário fértil do futuro turista, que, geralmente, vai ao lugar com expectativas criadas a partir de estereótipos do lugar, que envolvem campanhas publicitárias, conversas com amigos e familiares, leituras, vídeos, *sites*, entre outros. O lugar turístico é carregado de anseios, de sonhos, do querer extravasar. Ao turista parece não ser prioridade conhecer a “real” realidade do lugar. Ele quer conhecer o lugar turístico, ou seja, aquilo pelo que se propôs ao sair de casa.

Isso não significa dizer que o turista está em busca, unicamente, do que é belo, circulando em área delimitada pela atividade turística. Como exemplo, cita-se o turismo de devastação ou turismo catástrofe e até mesmo o turismo macabro ou mórbido.

Com efeito, os estudos ora apresentados remetem a se pensar o turismo com padrões humanizados, em que a voz da população de um local seja ouvida, além de oportunizar a todos os cidadãos a experiência turística. Ainda, os aportes da Geografia Humana, especialmente a Geografia Cultural, contribuem para uma agenda que permita enfatizar o turismo por um viés humanizado.

No próximo capítulo, busca-se desvelar a chamada humanização do turismo, bem como o turismo para todos.

3. POR UMA HUMANIZAÇÃO DO TURISMO: OS SIGNIFICADOS DE UM TURISMO PARA TODOS

Os aportes da Geografia Humana, especialmente os da Geografia Cultural, apresentados no Capítulo 2, anunciam a reflexão de um viés mais humanizado nas próprias Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas. Destarte, o estudo das relações sociais entre visitados e visitantes, bem como as implicações no cotidiano de ambos sinalizam para a busca de um desvelamento da chamada humanização do turismo e do turismo para todos.

No presente capítulo, o intuito é o de situar o turismo como fenômeno social e, sobretudo, humano. Para tanto, enfoca-se a importância da humanização do turismo, o que abarca, dentre outros, a hospitalidade, em todos os seus tempos e espaços; e, o cumprimento dos princípios e valores, tais como os descritos no Código de Ética Mundial para o Turismo. Além disso, ressalta-se que a partir desse capítulo pretende-se atingir ao objetivo específico citado na Introdução do presente escrito, que consiste em refletir sobre a importância da humanização do turismo, bem como o chamado “turismo para todos”, procurando pôr à vista o que esse tema abarca.

3.1 Humanizar o Turismo: concepções e significados

Pode-se afirmar que, ao verificar pelas mídias presentes no dia a dia da sociedade contemporânea, se atesta a onipresença do Turismo. Os telejornais “enchem os olhos” dos potenciais turistas telespectadores com imagens de destinos, sejam domésticos ou internacionais. Nas redes sociais, as pessoas exibem, orgulhosas, seus melhores ângulos, tendo como cenário os lugares em que estão visitando. Os *sites* de compra de produtos e serviços turísticos são

constantemente requeridos. Todavia, como esse importante fenômeno é analisado nas pesquisas acadêmicas?

Para Moesch (2000, p.13):

O turismo é analisado, na maioria dos trabalhos, sob os cânones da especialização de cada disciplina que o constitui – economia, antropologia, geografia, planejamento, administração, marketing, sociologia, comunicação, entre outras. Consequentemente estudos fragmentados, desarticulados, unilaterais e com insuficiência metodológica, apresentando, salvo exceções pontuais, ausência de um espírito crítico passível de autonomia intelectual, que possibilite a construção de um campo teórico.

Nesse sentido, as perspectivas holísticas parecem ser apropriadas para a apreensão do fenômeno turístico. Ademais, os conceitos de turismo que o destacam como fenômeno social são adequados para o seu entendimento no que concerne aos seus efeitos em escala mundial, conforme Barreto (2005, p. 1) destaca:

O turismo é um fenômeno que abrange o mundo inteiro, pois a partir do processo de globalização das economias e da cultura, assim como da melhora nos meios de comunicação e transporte, são poucos os lugares que não recebem a visita de turistas. Do mesmo modo, abrange todas as camadas e grupos sociais, não porque todos possam, algum dia, ser turistas neste mundo desigual, mas porque tal fenômeno atinge, de alguma maneira, também aqueles que não o praticam. Trata-se de algo que chamaremos, provisoriamente de “efeito cascata”, que consiste na dispersão das consequências sócio-econômicas, culturais e ambientais em diferentes níveis.

Principalmente quando são enfocados os aspectos socioeconômicos do turismo, talvez soe paradoxal pensar sobre a sua humanização. Afinal, ainda figura na sociedade que o fazer turismo é privilégio de poucos e *status* para muitos. Em vários lugares do mundo, a atividade turística, mal planejada ou isenta de planejamento, contribui para a degradação do meio ambiente e para a aculturação, só para citar algumas problemáticas.

No Nepal, por exemplo, montanhistas de várias partes do mundo, ao escalarem o Monte Everest, têm sido considerados

degradadores do lugar, deixando entulhos espalhados em locais de acampamento, além de influenciar negativamente os nepalenses, que se sentem inferiorizados socioeconomicamente em relação a esses turistas (SWARBROOKE, 2000). O exemplo mencionado remete a que tipo de contatos humanos a sociedade contemporânea está proporcionando com o advento das viagens e do turismo, seja em nível doméstico ou internacional.

Conforme o Dicionário Aurélio (2010), a humanização é a ação ou efeito de humanizar, de tornar humano ou mais humano, tornar benévolo, tornar afável. A humanização é um processo que pode ocorrer em várias áreas, como as Ciências da Saúde e as Ciências Sociais Aplicadas. Espera-se que, quando ocorre, a humanização crie condições melhores e mais humanas para os trabalhadores de uma empresa ou utilizadores de um serviço ou sistema.

Nos estudos referentes ao turismo, a palavra humanização é mais usual quando se trata o tema da hotelaria hospitalar. Na área da saúde, maiores avanços foram observados a partir do Política Nacional de Humanização (BRASIL, 2013), que entende a humanização como valor, na medida em que resgata o respeito à vida humana, levando-se em conta circunstâncias sociais, éticas, educacionais e psíquicas, presentes em todo o relacionamento humano.

A polissemia do conceito de humanização já foi amplamente debatida, conforme destacam Benevides e Passos (2005),²⁰ citados por Deslandes (2005 p. 401), que asseveram suas possibilidades de interpretação variando desde o senso comum do “ser bom com o outro que sofre”, perpassando o “altruísmo caritativo”, além de “leituras essencialistas da busca do que seria o fundante do Humano”, como também, “leituras de um humanismo revisitado, aberto sinergicamente ao singular de cada experiência humana em suas necessidades e ao mesmo tempo ancorado numa ética da vida, portanto universal”.

²⁰ BENEVIDES, R.; PASSOS, E. A humanização como dimensão pública das políticas de saúde. *Ciência Saúde Coletiva*, v. 10, n. 3, 2005.

Pelo exposto, há que se notar que o turismo, enquanto atividade econômica, bem como fenômeno social, despende maior atenção quanto à importância e aos processos para humanizá-lo, não o restringindo apenas à área da hotelaria hospitalar.

O turismo como processo humano ultrapassa o entendimento como função de um sistema econômico (MOESCH, 2000), pois “[...] o epicentro do fenômeno é de caráter humano” (MOESCH, 2000, p. 13). Tal afirmativa se confirma especialmente quando se observam as séries de inter-relações humanas que derivam do comportamento consumidor-turista com os grupos de habitantes de um local visitado.

Há que se permitir novos modos de sensibilidade humana, de relação com o outro, que coincidam aos desejos, ao gosto de viver, à vontade de conhecer o mundo, criar novas relações, sentidos e representações, na busca da transversalidade entre os grupos humanos (MOESCH, 2000). Nesse sentido, nota-se que a humanização está imbricada em outra palavra mais usual nos estudos e pesquisas do turismo: a hospitalidade.

3.2 A importância da Hospitalidade para a humanização da atividade turística

O termo Hospitalitas vem do substantivo hospitalis, ele mesmo derivado de hospes, “aquele que recebe o outro” (GRASSI, 2011, p. 45). A hospitalidade pode ser definida como o ato humano, exercido em contexto doméstico, público e profissional, de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter pessoas temporariamente deslocadas de seu *habitat* natural (CAMARGO, 2005).

Selwyn (2004, p. 26) vaticina que “a função básica da hospitalidade é estabelecer um relacionamento ou promover um relacionamento já estabelecido”. Para o autor, as regras e as práticas de hospitalidade alcançam profundamente as ocasiões mais íntimas e casuais da vida social cotidiana. Ademais, a hospitalidade não é voluntária ou mesmo altruísta, mas sim, necessária e compulsória, especialmente quando se precisa criar ou consolidar

relacionamentos com estranhos (SELWYN, 2004). Nessa mesma direção, Mondanton (2011, p.31) afirma que “a hospitalidade é uma maneira de viver em conjunto, regida por regras, ritos e leis”.

Para Grassi (2011, p. 45) hospitalidade é um gesto de compensação e de autorização:

Gesto de compensação, a hospitalidade implica, portanto, obrigatoriamente, a penetração num espaço e a instalação de um ritual de acolhida. Para o *hospitus*, o hóspede de passagem, trata-se de ser admitido na soleira e, depois, no interior. O espaço a ser penetrado pode ser um espaço geográfico – em seus dois componentes, urbano e doméstico – ou um espaço psíquico – a penetração num território, o território do outro. Os dois são ligados, pois, no mais das vezes, todo território geográfico implica um território de alteridade.

Grinover (2006) discorre que a hospitalidade supõe a acolhida; é uma das leis superiores da humanidade, é uma lei universal. Para o autor, acolher é permitir, sob certas condições, a inclusão do outro no próprio espaço, nesse sentido, a cidade deixa de ser um conceito geográfico, para transformar-se em um símbolo complexo de experiência humana. Considera que é uma relação espacializada entre dois atores: aquele que recebe e aquele que é recebido; a relação entre um, ou mais hóspedes, e uma instituição, uma organização social, isto é, uma organização integrada em um sistema que pode ser institucional, público ou privado, ou familiar. Além disso, a hospitalidade é uma qualidade social antes de ser uma qualidade individual: é um fenômeno que implica uma organização, um ordenamento de lugares coletivos e, portanto, a observação das regras de uso desses lugares.

Em se tratando da hospitalidade pública, no âmbito da cidadania, é fundamental que seja garantido o acesso à cidade, que engloba a possibilidade de o homem viver nela de acordo com as exigências da vida moderna, tendo a seu alcance um lugar seguro, com água, rede de esgotos, drenagem, acessos, serviços, transportes adequados, educação, saúde, trabalho, lazer (GRINOVER, 2006). O autor afirma que uma boa qualidade de

vida, e, portanto, de hospitalidade, é condição para o desenvolvimento urbano e é condição estratégica de uma cidade (GRINOVER, 2006).

Na TABELA 1, a seguir, apresenta-se a dimensão da hospitalidade em seus tempos (recepcionar, hospedar, alimentar e entreter) e espaços (doméstica, pública, comercial e virtual). Além desses tempos, soma-se o “despedir”, ou seja, tão importante quanto uma boa recepção/acolhida (seja bem-vindo!), também o é o “volte sempre”!

TABELA 1 - OS TEMPOS/ESPAÇOS DA HOSPITALIDADE HUMANA

	RECEPCIONAR	HOSPEDAR	ALIMENTAR	ENTRETER
DOMÉSTICA	Recebimento das pessoas em casa, de forma intencional ou casual.	Fornecimento de pouso e abrigo em casa para pessoas.	Recebimento, em casa, para refeições e banquetes.	Recebimento para recepções e festas.
PÚBLICA	A recepção em espaços e órgãos públicos de livre acesso.	A hospedagem proporcionada pela cidade e pelo país, incluindo hospitais, casas de saúde, presídios.	A gastronomia local.	Espaços públicos de lazer e eventos.
COMERCIAL	Os serviços profissionais de recepção.	Hotéis.	A restauração.	Eventos e espetáculos. Espaços privados de lazer.
VIRTUAL	Folhetos, cartazes, <i>folders</i> , internet, telefone, <i>e-mail</i> .	Sites e hospedeiros de <i>sites</i> .	Programas na mídia e <i>sites</i> de gastronomia.	Jogos e entretenimento na mídia.

FONTE: Camargo, 2005.

De fato, para uma humanização do turismo, pode-se apontar que um dos elementos-chave é a hospitalidade, em todos os seus tempos e espaços. Destarte, a ação de humanizar abarca um olhar ainda mais atento para temas relacionados à ética, à qualidade de

vida da comunidade receptora, à sustentabilidade dos destinos visitados, aos direitos do trabalhador, às empresas e instituições com processos de acolhimento e ao chamado 'turismo para todos'.

3.3 Um Turismo para todos é possível?

Turismo é um setor que impacta um grande número de indivíduos. Conforme Wainberg (2002), não só o governo ou os empresários são os atores decisivos do fenômeno, mas gente. "Gente de carne e osso" (WAINBERG, 2002, p. 1).

A expressão "gente de carne e osso" remete à responsabilidade social de empresas e organizações, ao envolvimento da comunidade, como também, ao turismo para todos, que mostra o caminho para a integração plena das pessoas que, muitas vezes, não podem usufruir determinadas propostas de lazer ou turismo porque os espaços não estão adequados 'para todos'. Segundo Aguirre *et al.* (2003), o "para todos" não se refere somente a pessoas com deficiências permanentes, mas a pessoas com limitações temporárias, como crianças e idosos.

Para Souza (2011, p. 21), o turismo é capaz de contribuir para tornar as relações mais humanas, "[...] destacando-se o movimento de reciprocidade que acontece dentro da produção cultural de uma sociedade, o turismo poderá contribuir para a construção da cidadania".

A cidadania implica na (re) afirmação de valores éticos, como a isonomia, a liberdade, a dignidade, a proteção legal dos direitos, a democracia e a justiça (HERKHENHOFF, 2000), citado por Lima (2003)²¹.

Ainda, cidadania pressupõe a igualdade de todos perante a lei e o reconhecimento de que a pessoa humana e a sociedade são

²¹ HERKHENHOFF, J. B. **A cidadania**. Manaus: Valer, 2000.

detentoras inalienáveis de direitos e deveres (DEMO, 1998) citado por Lima (2003)²².

Dentre os direitos do cidadão, estão a saúde, a educação, a moradia e o transporte. Todavia, tais direitos alargam-se, também, para outras esferas que não são consideradas necessidades básicas do ser humano. Nesse sentido, relacionado à cidadania, está o preceito do chamado turismo social.

O turismo social busca democratizar o acesso ao descanso às classes com recursos limitados (FALCÃO, 2006). Os seus princípios são assim elencados pelo autor: a) Tornar as viagens mais acessíveis ao maior número de pessoas possível; b) Criar iniciativas turísticas que permitam a realização plena das potencialidades de cada indivíduo como pessoa e como cidadão; c) Buscar não só benefício econômico, mas também um valor agregado que confira benefícios sociais, educativos, desportivos e de saúde ao turista; d) Fomentar o respeito pela região turística, a não-discriminação, o desenvolvimento da pessoa e preços justos e acessíveis; e) Criar um ambiente de inserção e respeito às legislações sem deixar de ser rentável.

A concepção mais tradicional do turismo social está sendo aclarada para uma noção de turismo para todos, que engloba democracia, equidade, inclusão, acessibilidade, solidariedade e um efeito positivo para as comunidades locais (FALCÃO, 2006). O autor ainda menciona que, nessa noção, os turistas são considerados mais exigentes, conscientes e cosmopolitas.

Considera-se ser importante mencionar que, segundo o mesmo autor, o acesso ao turismo não está mais unicamente relacionado aos visitantes, como também aos anfitriões, que devem ter tanto acesso aos recursos turísticos como aos benefícios do turismo, direcionando para a conservação dos bens patrimoniais. Assim, faz-se mister uma relação de solidariedade entre os turistas

²² DEMO, P. **Participação é conquista**: noções de política social participativa. São Paulo: Cortez, 1998.

e a população local, visando ao desenvolvimento sustentável (FALCÃO, 2006).

No Brasil, as iniciativas para o turismo social²³ ainda são restritas a entidades como o Serviço Social do Comércio – SESC, que realiza excursões rodoviárias, principalmente para o público da terceira idade. Porém, muitos turistas com necessidades especiais, como os surdos, os cegos, os obesos, entre outros, ainda não são assistidos.

Para Krippendorf (2000), caberia a um turismo suave e humano desenvolver formas que trouxessem a maior satisfação possível a todos os interessados – população local, turistas e empresários do setor, mas que não estivessem ligadas a inconveniências inaceitáveis, sobretudo nos níveis ecológico e social:

Uma política do turismo que respeite o ser humano e o meio ambiente deve buscar o seguinte objetivo principal: assegurar e otimizar a satisfação das múltiplas necessidades turísticas dos indivíduos de todas as camadas sociais no âmbito das instalações adequadas e num meio ambiente intacto, levando em consideração os interesses da população autóctone. (KRIPPENDORF, 2000, p.138).

O autor assevera que a humanização do turismo é instaurar um novo turismo, um turismo melhor:

O turismo só deve ser encorajado na medida em que proporcionar à população local uma vantagem de ordem econômica antes de tudo sob a forma de lucros e empregos. Que a mesma tenha desejado que essa vantagem seja de natureza duradoura e não traga prejuízos aos outros aspectos da qualidade de vida. As implicações de um projeto (custos e benefícios econômicos, compatibilidades sociais e ecológicas) devem ser bem esclarecidas antes da execução (KRIPPENDORF, 2000, p. 148).

²³ O Ministério do Turismo, em seu “Programa de Segmentação” (BRASIL, 2005, p. 6), define o Turismo Social como “a forma de conduzir e praticar a atividade turística promovendo a igualdade de oportunidades, a equidade, a solidariedade e o exercício da cidadania na perspectiva da inclusão”.

Ao pensamento acima, pode-se mencionar o que Urry (1999, p. 181) comenta, advertindo sobre a complexidade do turismo e fazendo uma reflexão sobre a importância do olhar do turista:

Apreender a essência do turismo é um aspecto muito complexo, pois o turismo é multifacetado e particularmente ligado a muitos outros elementos sociais e culturais nas sociedades contemporâneas. Não é apropriado pensar que é possível planejar uma teoria do comportamento do turista. Em vez disso, o que se requer é uma gama de conceitos e argumentos que captem aquilo que é específico do turismo e comum às práticas sociais do turismo e a certas práticas não-turísticas.

A observação citada pode sugerir uma investigação sobre o comportamento dos turistas, bem como as adequações necessárias para atender tal público, todavia sem definições estanques e estereótipos. Dessa forma, contribui também para um turismo mais humano, que satisfaça os desejos e as necessidades do turista. Não ver esse turista apenas como um número, um mal necessário ou um forasteiro, ainda é um dos desafios da atividade.

A título de esclarecimento em relação ao termo turista, para Baptista (1997), trata-se de um indivíduo em viagem, cuja decisão para o deslocamento foi tomada com base em percepções, interpretações, motivações, restrições e incentivos, representando manifestações, atitudes e atividades relacionadas a fatores psicológicos, educacionais, culturais, técnicos, econômicos, sociais e políticos.

Outrossim, a humanização do turismo está intrinsecamente relacionada a princípios e valores, tais como os descritos no Código de Ética Mundial para o Turismo (UNWTO, 2014).

O Código de Ética Mundial para o Turismo foi criado por membros da Organização Mundial do Turismo (OMT), representantes do *trade* turístico mundial, delegados dos Estados, territórios, empresas, instituições e organismos que se reuniram em Assembleia Geral, em Santiago do Chile, em outubro de 1999 (UNWTO, 2023).

A seguir, serão descritos alguns parágrafos de determinados artigos do Código de Ética Mundial para o Turismo que salientam a importância de um turismo responsável e para todos.

O Artigo 1º, Contribuição do turismo para a compreensão e o respeito mútuo entre homens e sociedades, em seu item 1, descreve que:

1 A compreensão e a promoção dos valores éticos comuns à humanidade, num espírito de tolerância e de respeito pela diversidade das crenças religiosas, filosóficas e morais, são, ao mesmo tempo, fundamento e consequência de um turismo responsável. Os agentes do desenvolvimento e os próprios turistas devem ter em conta as tradições e práticas sociais e culturais de todos os povos, incluindo as de minorias e populações autóctones, reconhecendo a sua riqueza. (UNWTO, 2014, p. 4).

A seleção deste item indica o turismo como promotor de paz e tolerância entre os povos e salienta que tanto os agentes de desenvolvimento quanto os turistas devem ser partícipes no reconhecimento das práticas sociais e culturais que incluem as minorias e populações autóctones.

No Artigo 2, denominado “Turismo, instrumento de desenvolvimento individual e coletivo”, os itens 2 e 3 mencionam que:

2 As atividades turísticas devem respeitar a igualdade entre homens e mulheres, devem tender a promover os direitos humanos e especialmente os direitos particulares dos grupos mais vulneráveis, especialmente as crianças, os idosos, os deficientes, as minorias étnicas e os povos autóctones.

3 A exploração de seres humanos sob todas as suas formas, principalmente sexual e especialmente no caso das crianças, vai contra os objetivos fundamentais do turismo e constitui a sua própria negação. Portanto, e em conformidade com o Direito Internacional, deve ser rigorosamente combatida com a cooperação de todos os Estados envolvidos e sancionada sem concessões pelas legislações adicionais, quer dos países visitados, quer dos países de origens dos atores desses atos, mesmo quando estes são executados no estrangeiro (UNWTO, 2023, p. 4).

O item 2 foi exposto em função de enfatizar a igualdade entre homens e mulheres, salvaguardando os direitos humanos, em

particular de grupos vulneráveis, tais como as crianças, os idosos e os deficientes.

Já no item 3, é salientado que a exploração de seres humanos, especialmente no caso de crianças, deve ser rigorosamente combatida.

O Artigo 3 “O turismo, fator de desenvolvimento sustentável”, em seu item 1, diz que:

1 É dever de todos os agentes envolvidos no desenvolvimento turístico, salvaguardar o ambiente e os recursos naturais, na perspectiva de um crescimento econômico sadio, contínuo e sustentável, capaz de satisfazer equitativamente as necessidades e as aspirações das gerações presentes e futuras (UNWTO, 2023, p. 5).

O item 1 do Artigo 3 foi selecionado com o intuito principal de mencionar que as questões ambientais estão presentes no Código de Ética Mundial para o Turismo, visando esforços para o desenvolvimento sustentável das nações.

No artigo 7, intitulado “Direito ao turismo”, nos seus itens 3 e 4, se menciona que:

3 O turismo social, sobretudo o turismo associativo, que permite o acesso da maioria dos cidadãos ao lazer, às viagens e às férias, deverá ser desenvolvido com o apoio das autoridades públicas.

4 O turismo das famílias, dos jovens e estudantes, das pessoas idosas e dos deficientes deverá ser encorajado e facilitado (UNWTO, 2023, p. 7).

Por fim, no artigo 7, os itens 4 e 5 foram selecionados nesta pesquisa para refletir, no âmbito na humanização, o significado do “turismo para todos”, que permita o acesso da maioria dos cidadãos ao direito ao lazer, às viagens e às férias. Segundo o Código, o turismo das famílias, dos jovens, dentre outros, deve ser encorajado e facilitado.

Conforme o exposto, ao menos em termos teóricos, a humanização do turismo é uma preocupação. Mecanismos para que se cumpram os artigos dispostos no Código de Ética Mundial para o Turismo são frágeis. Todavia, percebem-se esforços em

determinadas frentes, como a do combate à exploração sexual infanto-juvenil.

Inaugurado no Brasil em 2004, no Programa Turismo Sustentável & Infância (TSI), vinculado ao Ministério do Turismo, realizam-se pesquisas, seminários e oficinas para buscar soluções plausíveis para contornar o alto índice de exploração sexual infanto-juvenil atrelado à atividade turística, bem como ações de denúncia e combate (BRASIL, 2023). A partir das considerações expostas no presente capítulo, evidenciou-se que o epicentro da atividade turística é de caráter humano, fazendo-se, assim, inerente que os processos de humanização estejam presentes em toda a amplitude que envolve o turismo.

A humanização pressupõe direitos e deveres. A hospitalidade pressupõe um código moral, uma dádiva e um dom. Uma das formas para que os processos de humanização do turismo sejam operacionalizados é a atenção à hospitalidade, em todos os seus tempos e espaços.

Julga-se importante observar que, para a humanização do turismo, parece haver elementos essenciais que antecedem à viagem. Como exemplos, a realidade vivida, a rotina do cotidiano costuma oprimir ou entediar as pessoas. O turismo, como válvula de escape, propicia a fuga da realidade. Entretanto, uma vida mais humanizada, mais completa, faria do turismo uma experiência menos de fuga (sair de) e mais de interesse pelo lugar visitado (ir para). Da mesma forma, cidades mais humanizadas proporcionariam aos cidadãos uma rotina mais agradável, com espaços para o cidadão. Nesse sentido, outro efeito do turismo mais humanizado é a própria humanização das cidades e conseqüentemente, residentes com probabilidade de serem mais hospitaleiros para com os turistas.

O turismo é considerado 'para todos' quando é includente. A inclusão está relacionada a questões econômicas, porém, não unicamente. Como exposto, o turismo para todos significa o planejamento e a gestão de produtos e serviços turísticos para toda

a população humana, com necessidades permanentes ou temporárias.

As crianças possuem necessidades temporárias. Independentemente do tipo de infância que cada criança vivencia, suas necessidades temporárias são de ordem fisiológica, social e emocional.

Ademais, surge uma reflexão a partir dos sujeitos que realizam suas vidas em determinados lugares turísticos. O lugar, bem como o lugar turístico, é percebido diferentemente pelas crianças?

Sendo o espaço onde se constrói uma cidade, ele convida para o reconhecimento de um espectro infinito de relações. É nesse plano intrincado que homens, mulheres, crianças, idosos e idosas estabelecem, projetam, realizam suas vidas (MONTENEGRO, 1992). Assim, cabe uma reflexão complementar: como as crianças realizam suas vidas?

O capítulo seguinte é sobre esse viés. Nele, busca-se desvelar a concepção de Infância na sociedade contemporânea a partir do referencial da Sociologia da Infância, bem como destacar os aportes da Geografia da Infância. Ambos são considerados alicerces para os estudos das Crianças e suas Infâncias no presente trabalho.

4. INFÂNCIA SOCIOCULTURAL E GEOGRÁFICA

Em linhas gerais, no presente capítulo tratar-se-á sobre Infância, embasada nos estudos da Sociologia da Infância, bem como nos da Geografia da Infância, que foram considerados alicerces para os estudos das Crianças e suas Infâncias no presente trabalho. Nesses estudos, a criança é um ser sociocultural e histórico, “[...], contudo também é geográfico, assim como é geográfico seu processo de humanização, seu ser e estar no mundo” (GEOGRAFIA DA INFÂNCIA, 2023, s. p.).

Estarão contidos no presente capítulo: a ideia moderna de infância; os contributos da Sociologia da Infância; as concepções da Geografia da Infância e os estudos sobre Infância e Turismo.

Pretende-se atingir ao seguinte objetivo específico destacado na Introdução: relacionar, a partir de pesquisa bibliográfica, a Sociologia da Infância, a Geografia da Infância, bem como a interface Infância e Turismo.

4.1 A ideia moderna de Infância

A história social das crianças indica a construção do termo “criança”, de acordo com o limiar do tempo e suas transformações na sociedade (ARIÈS, 1981; SARMENTO; PINTO, 1997). De forma geral, nesses estudos se esclarece que o sentimento de infância, de preocupação e investimento da sociedade e dos adultos sobre as crianças, de criar direitos, deveres e, principalmente, o papel social da infância e da família são ideias que surgem com a modernidade. Neste sentido, a infância como categoria social é uma ideia moderna (SARMENTO, 2003; 2004).

Conforme Ariès (1981), na sociedade medieval, o sentimento da infância não existia. Esse sentimento corresponde à consciência da particularidade infantil, que distingue a criança do adulto. Assim sendo, quando “[...] a criança tinha condições de viver sem

a solicitude de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes” (ARIÈS, 1981, p. 99).

O estudo do historiador francês Ariès constata a ausência do sentido de “infância”, tal como um estágio específico do desenvolvimento do ser humano, até o fim da Idade Média, quando a criança era considerada um adulto em miniatura. A perda de uma criança causava tristeza, mas era encarada como algo substituível (ARIÈS, 1981). De acordo com o autor, naquela época, o índice de mortalidade infantil era grande e se acreditava que o nascimento de outra criança substituiria a que tinha partido.

Segundo Ariès (1981), a construção do conceito de infância, como é conhecido nas sociedades atuais, transita nos séculos XVII e XVIII, quando ela passa a ser definida como um período ingênuo e frágil do ser humano, que deve receber todos os incentivos possíveis para ser feliz. A morte da criança também passa a ser recebida com muito pesar, dor e sofrimento (ARIÈS, 1981). O autor observa que as expressões desse novo sentimento podem ser percebidas nas pinturas que retratam esses séculos, quando a imagem de crianças, representadas até então como figuras adultas ou inexistentes começam a surgir, primeiro num caráter religioso para depois ceder, lentamente, lugar a uma infância burguesa.

Em que pese às críticas ao método utilizado por Ariès²⁴, no Brasil, as afirmações do referido autor instigam os historiadores a procurar a realidade nacional, haja vista as particularidades em relação aos demais países ocidentais:

Tanto a escolarização quanto a emergência da vida privada chegaram com grande atraso. Comparado aos países ocidentais, onde o capitalismo instalou-se no alvorecer da Idade Moderna, o Brasil, país pobre, apoiado inicialmente no antigo sistema colonial e posteriormente numa tardia industrialização, deixou sobrar pouco espaço para tais questões. Sem a

²⁴ Heywood (2004), por exemplo, critica a fragilidade da metodologia empregada por Ariès (1981), que analisou a iconografia de época, concluindo que, até o século XII, a arte medieval não tentou retratar a infância e que tal fato significa que não havia lugar para ela em sua civilização. (HEYWOOD, C. **Uma História da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2004).

presença de um sistema econômico que exigisse a adequação física e mental dos indivíduos a uma nova forma de trabalho, os instrumentos que permitiram tal adaptação não foram implementados com a mesma eficácia. (DEL PRIORE, 2000, p. 10).

Conforme Del Priore (2000), no início da colonização, as escolas jesuíticas eram poucas e para poucos e o ensino público só foi instalado no governo de Marquês de Pombal, na segunda metade do século XVIII, porém, de forma precária. Ainda segundo a autora, no século XIX, os filhos dos pobres, em vez de educação escolar, recebiam a educação para o trabalho, tornando-se cidadãos úteis e produtivos na lavoura. Também discorre que aos filhos de uma pequena elite havia professores particulares.

Uma característica marcante da história da infância no Brasil diz respeito ao tratamento dispensado às crianças. Há relatos de sofrimento e violência, porém, destacam-se as passagens que retratam as dolorosas separações entre pais e filhos (DEL PRIORE, 2000). “Os viajantes estrangeiros não cessaram de descrever o demasiado zelo com que, numa sociedade pobre e escravista, os adultos tratavam as crianças”, comenta Del Priore (2000, p. 11). A autora complementa que:

[...] nos dias de hoje, educadores e psicólogos perguntam-se atônitos, de onde vem o excesso de mimos e falta de limites da criança brasileira já definida, segundo os resmungos de um europeu de passagem pelo Brasil em 1886, como ‘pior do que um mosquito hostil’ (DEL PRIORE, 2000, p. 11).

“Criança” e “infância” continuam sendo palavras complexas na sociedade atual. Uma sociedade dita pós-moderna, consumista, capitalista e com pensamento em rede. Assim sendo, Kuhlmann Jr. e Fernandes (2004) apontam que a palavra “infância” evoca um período da vida humana no limite da significação, o período de construção/apropriação de um sistema pessoal de comunicação, de signos e de sinais destinados a fazer-se ouvir. Para os autores, o vocábulo “criança” indica uma realidade psicobiológica referenciada ao indivíduo. Que nesse

sentido, a infância envolve aspectos socioculturais e históricos, não se restringindo a uma condição biológica.

Na atualidade, distingue-se o indivíduo criança do indivíduo adolescente e do adulto, de acordo com a faixa etária. No Brasil, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente²⁵, considera-se criança o indivíduo entre 0 e 12 anos de idade incompletos.

Para Lopes (2008), as crianças compreendem suas infâncias na perspectiva da negatividade. Conforme Postman (1999), a própria origem latina do termo, “in-fans”, que significa o que não fala, além de outros rótulos, tais como: a idade da não razão, a idade do não trabalho e, devido às questões da pós-modernidade, a idade da não infância, devido ao desaparecimento da infância, no sentido do encurtamento da mesma diante às pressões sociais (POSTMAN, 1999). Ainda, “mais uma negatividade seria a do espaço e do tempo, a noção de uma infância percebida como sujeitos ‘a-topos’, ou seja, de lugar nenhum, como sujeitos a-temporais, de tempo nenhum (LOPES, 2008).

No entanto, conforme Sarmiento (2005, p. 25):

[...] a infância não é a idade da não-fala: todas as crianças, desde bebês, têm múltiplas linguagens (gestuais, corporais, plásticas e verbais) por que se expressam. A infância não é a idade da não-razão: para além da racionalidade técnico-instrumental, hegemônica na sociedade industrial, com a incorporação de afectos, da fantasia e da vinculação ao real. A infância não é a idade do não-trabalho: todas as crianças trabalham, nas múltiplas tarefas que preenchem os seus quotidianos, na escola, no espaço doméstico e, para muitas, também, nos campos, nas oficinas ou na rua. A infância não vive a idade da não-infância: está aí, presente nas múltiplas dimensões que a vida das crianças (na sua heterogeneidade) continuamente preenche.

James e Prout (1997) comentam que, em diferentes décadas do final do século 20, sinalizaram-se alguns princípios que marcam um novo paradigma para se refletir sobre a infância, em

²⁵ Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em: 02/04/2022.

síntese: a infância deve ser compreendida e interpretada como uma construção social, distanciando-se de suas concepções naturalistas e biológicas e aproximando-se da dimensão cultural de cada sociedade.

A infância é potente, não capturável, resistente a tentativa de formatação e prescrição, significando novidade, inquietação, imprevisibilidade, mudança (Larrosa, 1998).

Nessa mesma direção, Borba et al (2020, p. 4) refletem que:

A infância, ao contrário dos sentidos de essência, imaturidade, falta, irracionalidade, deve assumir seus verdadeiros sentidos de brincadeira, criação, imaginação, ruptura e descontinuidade. A infância é experiência humana, de produção de significados, de criação de cultura, de compreensão do já “velho”, instituído, e de criação do novo. Compreender a infância exige dialogar com as crianças, escutar atentamente o que falam, pensam e sentem sobre o mundo em que vivem, dando credibilidade ao que têm de singular e próprio.

Como dimensão social e cultural, marcada por variedades, é possível falar em infâncias e não apenas numa infância; as crianças devem ser percebidas como ativas na construção da sociedade e enquanto sujeitos repletos de relações sociais, merecendo estudos a partir de si mesmos. Nessa perspectiva dos estudos a partir de si mesmos é que surge a essência da Sociologia da Infância (SARMENTO, 2013a).

4.2 Contributos da Sociologia da Infância

Os pesquisadores que desenvolvem estudos sobre crianças procuram compreender a criança como um ser biopsicossocial e a infância como categoria estrutural da sociedade, procurando fazê-lo numa perspectiva totalizante, não fragmentária e, por consequência, interdisciplinar (SARMENTO, 2013a).

Para Sarmiento (2013a, p. 18), “[...] há razões epistemológicas para que a sociologia da infância tenha assumido um papel determinante na gênese dos Estudos da Criança”, visto que

durante muitas décadas, a psicologia do desenvolvimento constituiu a disciplina central na abordagem da infância.

Ainda, segundo o autor, as próprias ciências da educação, enquanto campo interdisciplinar de estudo e formação pedagógica, se constituíram em torno da ideia da adequação do ensino às etapas de desenvolvimento e aos processos genéticos da epistemologia da infância, conforme eles foram identificados e propostos por Jean Piaget (1896-1980) e sua equipe de investigadores da Universidade de Genebra (SARMENTO, 2013a).

A psicologia do desenvolvimento criou uma concepção de criança: um ser humano, em desenvolvimento, percorrendo várias etapas e fases, decorrentes de sua natureza biopsicológica, num processo contínuo de aprendizagem e acomodação²⁶ de conhecimento, destreza, capacidade relacional e consciência moral (SARMENTO, 2013a). Esta concepção, de acordo com o autor, constitui objeto central da crítica sociológica: a criança é um ser em desenvolvimento, mas é errado assumir que é, por excelência, o ser em desenvolvimento, pois “o processo de transformação e maturação é incondicionalmente humano e faz pouco sentido confiná-lo exclusivamente a uma etapa da vida” (SARMENTO, 2013a, p. 18).

Para Prout (2005, p. 144), a infância tem múltiplos significados que, em uníssono, a caracterizam em um amplo, porém, denso sentido:

Childhood should be seen as [...] a multiplicity of ‘nature-cultures’, that is a variety of complex hybrids constituted from heterogeneous materials and emergent through time. It is cultural, biological, social, individual, historical, technological, spatial, material, discursive... and more. Childhood is not to see as a unitary phenomenon but a multiple set of

²⁶ Acomodação é um conceito desenvolvido por Jean Piaget (1996), que descreve mecanismos da adaptação do indivíduo, com o objetivo de estruturar e impulsionar seu desenvolvimento cognitivo. (PIAGET, J. **Biologia e Conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1996).

constructions emergent from the connection and disconnection, fusion and separation of these heterogeneous materials²⁷.

Ademais, Corsaro (1997) concebe as crianças como responsáveis por suas infâncias e, logo, agentes que afetam e são afetados pela sociedade. Esse entendimento sinaliza que a Sociologia da Infância assume as crianças como agentes ativos, que constroem suas próprias culturas e contribuem para a produção do mundo adulto.

A Sociologia da Infância assume um papel determinante nos novos “Estudos da Criança”, visto que “[...] sinaliza o (s) lugar (es) social (is) da criança e enuncia uma orientação epistemológica distinta face ao conhecimento pericial hegemônico durante décadas” (SARMENTO, 2013a, p. 20). A Sociologia da Infância não totaliza os Estudos da Criança. Não constitui uma nova teoria substitutiva da psicologia do desenvolvimento de inspiração piagetiana (SARMENTO, 2013a). É uma disciplina científica, filiada à Sociologia, que objetiva conhecer a infância como categoria social e as crianças enquanto membros da sociedade, atores sociais e agentes de cultura (SARMENTO, 2013a). Ademais, os estudos em Sociologia da Infância apontam para a “construção de um saber não adultocêntrico e não etnocêntrico acerca das crianças” (SARMENTO, 2013b, comunicação verbal).

Há três correntes fundamentais em Sociologia da Infância, que se diferenciam pelo objeto, pelos construtos dominantes, pelas metodologias de pesquisa e pelas temáticas que selecionam (SARMENTO, 2013a).

Conforme Sarmiento (2013a), na perspectiva estruturalista, a infância é categoria estrutural da sociedade. Nessa dimensão

²⁷ A infância deve ser vista como [...] uma multiplicidade de 'natureza-culturas', que é uma variedade de híbridos complexos constituída a partir de materiais heterogêneos e emergentes ao longo do tempo. Ela é cultural, biológica, social, individual, histórica, tecnológica, espacial, material, discursiva... e muito mais. A infância não é para ser vista como um fenômeno unitário, mas como um conjunto múltiplo de construções emergentes da conexão e desconexão, de fusão e separação destes materiais heterogêneos (tradução nossa).

macroestrutural, o impacto da infância na economia, o “custo” da infância e as relações com o mercado de trabalho, os processos legislativos e políticos da regulação social são alguns dos estudos abordados. Para tais estudos, a estatística e a análise de documentos são os recursos metodológicos principais. Os temas principais são: as imagens históricas da infância, a infância e a lei, a demografia, a economia e as desigualdades geracionais, geração e desigualdades de gênero, as políticas públicas da infância (SARMENTO, 2013a).

Já a corrente interpretativa enfatiza a construção social e o papel das crianças como sujeitos ativos nessa construção. Nela se analisa a ação das crianças na sua concretude e diversidade. Investiga-se a capacidade das crianças em receberem a tradição cultural transmitida pela família e pela escola e em transformá-la, adequando-a a suas práticas sociais, no âmbito das relações entre pares (SARMENTO, 2013a). Pesquisar a ação das crianças implica o uso de metodologias atentas ao cotidiano, ao interativo, aos fenômenos e acontecimentos concretos, sendo a etnografia com crianças comumente utilizada nesses estudos. Os temas usuais são as relações sociais, as culturas da infância, os rituais e as práticas sociais, as brincadeiras e jogos (SARMENTO, 2013a).

A corrente crítica preocupa-se em analisar a infância enquanto categoria social sobre a qual se exprime a dominação social; nela se partilha com a corrente estruturalista da análise macrossocial; e com a corrente interpretativa da análise concreta das práticas sociais das crianças (SARMENTO, 2013a). Alguns temas dessa corrente são: as crianças pobres, o trabalho infantil, os meninos de rua, as crianças institucionalizadas, as crianças migrantes ou pertencentes a grupos étnicos minoritários (SARMENTO, 2013a).

Embora as correntes apresentadas estejam definidas, há temas mais usuais em uma corrente que são pesquisados a partir de pressupostos teóricos e metodológicos de outra, sendo possível realizar pesquisa pluriparadigmática, em que, por exemplo, há o

interpretativismo crítico ou o estruturalismo crítico (SARMENTO, 2013a).

Para Sarmiento (2013a), mesmo que a abordagem interdisciplinar da infância tenha conhecido, nas duas últimas décadas, um considerável progresso, sua visibilidade pública não é equivalente a esse progresso, e seu reconhecimento como campo de estudos autônomo e diferenciado percorreu um caminho de muitos obstáculos. Assim, não é raro presenciar a invisibilidade da infância e das crianças em várias esferas, e um dos maiores agravantes é a exclusão social.

Ao pensamento anterior, Kuhlmann Jr. e Fernandes (2004, p. 30) corroboram, ao incluírem a questão da inclusão e da exclusão nas concepções de infância:

A modernidade faz da denominação infância um guarda-chuva a abrigar um conjunto de distribuições sociais, relacionadas a diferentes condições: as classes sociais, os grupos etários, os grupos culturais, a raça, o gênero; bem como as diferentes situações: a deficiência, o abandono, a vida no lar, na escola (a criança e o aluno) e na rua (como espaço de sobrevivência e/ou de convivência/brincadeira). É nessa distribuição que as concepções de infância se amoldam às condições específicas que resultam na inclusão e na **exclusão de sentimentos, valores e direitos** (grifo nosso).

Diante do exposto, anunciam-se as diferentes infâncias existentes na sociedade contemporânea, como enfatiza Smolka (2002) ao retratar as muitas infâncias existentes, levando à reflexão sobre o ser criança e estar criança, além do que é ter infância e para quais indivíduos é permitido tal “privilegio”:

Imagens de crianças que brincam, que trabalham, que estudam, que aprendem (ou não). Imagens de crianças amáveis e amadas; crianças bem comportadas; crianças diferenciadas; crianças confinadas ou abandonadas, subjugadas, autônomas, libertadas. Imagens de crianças que crescem e que deixam de ser crianças. Imagens de crianças quase adultas nos seus modos de ser. Imagens que participam do imaginário social de nossa época (SMOLKA, 2002, p. 100).

A realidade brasileira aponta, conforme dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF (2023), que o Brasil possui uma população que mesmo com o envelhecimento, crianças e adolescentes ainda representam um percentual grande dos brasileiros. São 53,7 milhões de meninos e meninas que precisam ter seus direitos garantidos.

Em relação à questão educacional, de 1990 a 2019, o percentual de crianças com idade escolar obrigatória fora da escola caiu de 19,6% para 3,7% (PNAD, 2019). No entanto, mesmo com tantos avanços, em 2019, 1,5 milhão de meninos e meninas ainda estavam fora da escola (PNAD, 2019). E essa exclusão escolar, ou seja, quem está fora da escola, são, em sua grande maioria, os pobres, negros, indígenas e quilombolas. Ademais, uma parcela tem algum tipo de deficiência. E grande parte vive nas periferias dos grandes centros urbanos, no Semiárido, na Amazônia e na zona rural. Muitos deixam a escola para trabalhar e contribuir com a renda familiar (UNICEF, 2023).

Além do desafio de acesso escolar, há quem esteja na escola sem aprender. O sistema de educação brasileiro não tem sido capaz de garantir oportunidades de aprendizagem a todas as crianças, que ao ser reprovadas diversas vezes, deixam a escola. Em 2018, 6,4 milhões de estudantes das escolas estaduais e municipais tinham dois ou mais anos de atraso escolar (UNICEF, 2023).

Em contrapartida a tais estudos, observa-se que as crianças ditas como incluídas economicamente, ou seja, que não passam por dificuldades financeiras e têm alimentação, vestimentas, moradia e educação, também costumam ter seus próprios problemas. Os pensamentos de Souza e Pereira (2005, p. 37) exprimem a angústia do ser criança (incluída economicamente):

Criança pequena com agenda lotada. A televisão que se transforma em babá. Os pais ausentes. Carinho transformado em objeto. O tamagoshi e a afetividade objetificada. Erotização da infância. Sexualidade. Publicidade. Cultura do consumo... Individualismo desencadeado pela ausência do outro. Apagamento da relação de alteridade. Criança sozinha. Criança que manda nos pais.

As crianças com agenda lotada, a quem a sociedade furta o lúdico, parece algo tão evidente que, muitos, isolados ou coletivamente, vêm desmotivando os pais ou responsáveis a tal comportamento, para que promovam uma infância com mais equilíbrio entre o dever e o lazer. Tanto que, em *Dicionário do Futuro*, Popcorn e Hanft (2002) mencionam as “crianças de vida livre”, ou seja, uma nova geração de crianças criadas sem excesso de programação.

Contextualizando o texto acima mencionado de Perroti (2004), há que se notar que as crianças contemporâneas possuem muito contato com a *internet*, talvez representando o papel de “babá” dos tempos modernos, ultrapassando a própria televisão.

Embora não seja assunto central do presente trabalho, o debate que pode ser realizado a partir do exposto diz respeito à aceleração da infância, tendo as crianças contato precoce com o mundo adulto. Além disso, sobre a restrição do tempo livre para as brincadeiras de crianças e demais “coisas de crianças”.

Para Marcellino (2006), uma das maiores problemáticas da restrição de tempo e espaço para a criança é que ela acaba reduzindo a sua cultura infantil praticamente ao consumo de bens culturais produzidos não por ela, mas para ela, seguindo critérios de adultos, incentivando a transformação do brinquedo em mercadoria e comprometendo a evasão do real, que possibilita a imaginação de novas realidades. Em suma: um desrespeito à cultura da criança (MARCELLINO, 2006).

Na mesma linha de pensamento, Perrotti (1990, p. 18) avalia que:

Nossa organização social é de tal modo ‘adultocêntrica’, que nossas reflexões sobre a criança e seu universo cultural correm sempre o risco de, repetindo a organização social, situar a criança em condição passiva face à cultura. Pensamos sempre na criança recebendo (ou não recebendo) cultura, e nunca na criança fazendo cultura ou, ainda, na criança recebendo e fazendo cultura ao mesmo tempo.

No entanto, a criança influencia o meio em que vive e é influenciada por ele (PERROTTI, 1990). Mas, qual o lugar das crianças e suas infâncias no mundo? A Geografia da Infância, tema do tópico a seguir, tem como um dos objetivos responder a essa pergunta.

4.3 Geografia da Infância

Conforme Lopes (2008), a Geografia é uma ciência que, numa instância mais elementar, tem sua configuração na ideia de “presença”; ou seja, na presença de “um” que inicialmente contemplava e descrevia a superfície terrestre e seus atributos e que, lentamente, desvelava a existência de formas, e de “outros” que ocupavam essas formas. Na presença de “um” e de “outros”, que agora buscam compreender a configuração das paisagens, dos territórios, dos lugares, do espaço e de como esses “uns e outros” participam desses processos (LOPES, 2008).

A profundidade da apreensão de mundo vivido das crianças costuma surpreender os adultos. Tal afirmativa tem respaldo nos estudos da Geografia da Infância (2013, s.p.), que aborda a interface Geografia, Infância e Espaço, do seguinte modo:

[...] o espaço é uma dimensão significativa nos estudos que buscam colocar as crianças como sujeitos protagonistas nas sociedades em que vivem; [...] a forma como nós, individual ou socialmente, concebemos a espacialidade e suas categorias (tais como território, lugar, local, região...) interferem nas novas formas de ver, compreender, agir com as crianças e na produção de suas infâncias.

Ver a criança como mais um que participa dos processos, na elaboração das dimensões sociais, é uma das grandes contribuições que a ciência geográfica pode trazer para o estudo das crianças e suas infâncias, buscando desvelar toda a complexidade que envolve seus processos de atuação perante o mundo e materializá-las como sujeitos reais na construção do território e da sociedade brasileira (LOPES, 2008).

Lopes e Vasconcellos (2005) comentam que o termo 'Geografia da Infância' não tem o intuito de trazer mais uma divisão no campo temático da ciência geográfica, mas, sim, demonstrar as contribuições da Geografia para os estudos da infância (como já o fazem algumas áreas de conhecimento, como a Sociologia da Infância, a Antropologia da Infância e outras). Nesse sentido, na Geografia da Infância se busca compreender as crianças como "[...] agentes produtores do espaço que gestam e dão significados as suas espacialidades, construindo lugares, territórios e paisagens" (LOPES, 2008, p. 68).

Conforme Lopes (2008), a infância se dá num amplo espaço de negociação, que implica a produção de culturas de criança, do lugar, dos lugares destinados às crianças pelo mundo adulto e suas instituições e das territorialidades de criança, resultando desse embate uma configuração à qual o autor chama de territorialidades infantis, cujo campo de reflexão é a Geografia da Infância (LOPES, 2008).

Porém, tal campo de reflexão apresenta desafios, conforme Holloway e Valentine (2000, p. 7) asseguram: "children have not been a traditional focus of concern in geography, as in many other social science disciplines"²⁸. Nesse sentido, as autoras analisam que:

The growing interest in this area may be traced in part from William Bunge's geographical expeditions in Detroit and Toronto which focused upon the spatial oppression of children. The central thesis of this work posits children as the ultimate victims of the political, social and economic forces which contrive the geography of our built environment. At about the same time, James Blaut and David Stea founded the 'Place Perception Project' at Clark University. Although their work was not as polemical as Bunge's, these two researches established an agenda for research in children's geographic learning generated some new theory and conducted some provocative empirical research on the early mapping abilities of children²⁹ (HOLLOWAY; VALENTINE, 2000, p. 7-8).

²⁸ As crianças não têm sido um foco tradicional de preocupação em geografia, como em muitas outras disciplinas das ciências sociais (tradução nossa).

²⁹ O crescente interesse nesta área pode ser atribuído, em parte, a partir de expedições geográficas de William Bunge em Detroit e Toronto, que incidiu sobre

Em se tratando das crianças, para Claval (2007, p. 14-15), elas “[...] assimilam conhecimentos, atitudes e valores observando o que há à sua volta e imitando-os; as lições recebidas dos adultos destacam os símbolos dos quais são portadores os lugares. A paisagem torna-se, assim, uma das matrizes da cultura”.

Isso significa dizer que o desenvolvimento é algo socialmente construído no contato com o outro, pois “as relações do indivíduo com o espaço fazem parte dos primeiros aprendizados culturais e não cessam de se desenvolver” (CLAVALL, 2007, p.189). Ainda, o mesmo autor afirma que é no seio do grupo familiar que as crianças aprendem que não estão sozinhas.

Na apropriação do espaço pelas crianças está presente a tensão entre o singular e o coletivo, pois essas podem desenvolver sentimentos ambivalentes por certos lugares que lhes pertencem:

[...] Por exemplo, a cadeira de bebê é seu lugar, mas também lhe dão de comer coisas de que não gosta e está preso em sua cadeira. A criança vê seu berço com ambivalência. O berço é seu aconchegante pequeno mundo, mas quase todas as noites vai para ele com relutância; precisa dormir mas tem medo do escuro e de ficar sozinha (TUAN, 1983, p. 51).

A fala acima, de Tuan, remete a lugares presentes no cotidiano das crianças em suas fases iniciais de vida, e também remete à presença do outro, que ajuda a construir significados para esses espaços. “[...] lhes dão de comer”, “[...] tem medo do escuro e de ficar sozinha” são falas que remetem à presença de sujeitos que, mesmo implícitos, se fazem presentes. O próprio Tuan, em mesma obra, afirma que, provavelmente, o primeiro “objeto” permanente

a opressão espacial das crianças. A tese central deste trabalho postula filhos como as vítimas finais das forças políticas, sociais e econômicas, que fez surgir a geografia do nosso ambiente construído. Mais ou menos ao mesmo tempo, James Blaut e David Stea fundaram o “Projeto de Percepção de Lugares” da Universidade de Clark. Embora seu trabalho não fosse tão polêmico como o de Bunge, estas duas pesquisas estabeleceram uma agenda de pesquisa em aprendizagem geográfica das crianças, gerando alguns novas teorias, e realizou uma pesquisa empírica provocante sobre as habilidades de mapeamento precoces de crianças (tradução nossa).

que um bebê reconhece não é, em realidade, um objeto, mas um sujeito, uma outra pessoa, em suas próprias palavras:

Os adultos são necessários, não somente para a sobrevivência biológica da criança, mas também para desenvolver seu sentido de mundo objetivo. Uma criança de poucas semanas já aprendeu a prestar atenção à presença de gente. Ela começa a adquirir o sentido de distância e direção através da necessidade de julgar onde possa estar o adulto. Ao final do primeiro mês, é capaz de seguir com os olhos apenas um percepto distante - o rosto do adulto. Um bebê com fome e chorando se acalma e abre a boca ou faz o movimento de sucção quando vê aproximar-se um adulto (TUAN, 1983, p. 26).

Ainda, argumenta que as crianças se tornam gigantes em seu mundo de brinquedos. A curiosidade faz nascer nelas a ideia de lugares, que se torna mais específica e geograficamente situada à medida que crescem (TUAN, 1983). Dentro ou fora de casa, as brincadeiras acentuam as localizações, aumentam o interesse pela distância e a consciência de sua relatividade (JERÔNIMO; GONÇALVES, 2008).

Entre as brincadeiras coletivas mais comumente exemplificadas pelos autores acima, por desenvolverem o conhecimento da geografia e do próprio corpo, estão: o pega-pega, o esconde-esconde, a ré, a roda, o boi-de-mamão, a bola de gude, o futebol, a canoa, o laçar cabrito, às quais foram acrescentados o *surf* e o *skate*.

Para Tuan (1983), a ideia de lugar da criança torna-se mais específica e geográfica à medida que ela cresce. Segundo o autor, o horizonte geográfico de uma criança se expande à medida que ela cresce e se desenvolve, mas não necessariamente passo a passo em direção à escala maior. Também observa que seus interesses e conhecimentos se fixam primeiro na pequena comunidade local, depois na cidade, saltando ao bairro; e da cidade seu interesse pode pular para a nação e para lugares estrangeiros, saltando à uma região.

Vygotsky (1991) compartilha dessa perspectiva ao demonstrar que os seres humanos apresentam uma relação de vivência³⁰ com o ambiente, a partir da internalização de signos de seu entorno, que serão gradativamente arranjados em um sistema simbólico interno. Assim, é dessa forma que se estruturam uma percepção e um conhecimento do mundo, o que torna possível a operação mental sobre ele. É a elaboração de processos psicológicos superiores, típicos da espécie humana (VYGOTSKY, 1991).

É nesse sentido que o espaço lentamente se transforma em lugar, pois o significado de espaço frequentemente se funde com o lugar (TUAN, 1980), porém são dimensões diferenciadas. “‘Espaço’ é mais abstrato que ‘lugar’. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e dotamos de valor.” (p. 6). Tuan (1980, p.5) constrói, assim, a noção de Topofilia, que “é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”.

Em observações coletadas a partir de pesquisa empírica, verificou-se que Lopes (2008) percebeu que, para as crianças, os lugares e territórios mostram-se muito estreitos, o que induziu a fusão do termo lugar-território: “[...] para as crianças a prática espacial é uma prática de lugar-território posto que apreendem o espaço em suas escalas vivenciais, a partir de seus pares, do mundo adulto, da sociedade em que estão inseridas” (LOPES, 2008, p. 78).

³⁰ A vivência é uma unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado – a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa – e, por outro lado, está representado como eu vivencio isso, ou seja, todas as particularidades da personalidade e todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência, tanto aquilo que é retirado do meio, todos os elementos que possuem relação com dada personalidade, como aquilo que é retirado da personalidade, todos os traços de seu caráter, traços constitutivos que possuem relação com dado acontecimento. Dessa forma, na vivência, nós sempre lidamos com a união indivisível das particularidades da personalidade e das particularidades da situação representada na vivência (VIGOSTKI, 2010, p. 686, apud LOPES, 2012, p. 222). VIGOTSKI, L.S. **Quarta aula:** a questão do meio na pedologia. Psicologia USP, São Paulo, 2010.

Em suma, para os estudiosos da Geografia da Infância, a infância é o lugar que cada grupo social destina para suas crianças; o lugar concebido em todas as suas dimensões, com toda rede simbólica que o envolve. Buscar compreender quais os lugares ocupados nesse processo de interação da criança com os demais sujeitos de seus entornos é um dos objetivos da Geografia da Infância (LOPES; VASCONCELOS, 2006).

Para Lopes (2013, p. 7), os estudos da Geografia da Infância emergem com interfaces em variados postulados, “por onde se entrecruzam recortes, como o de gênero, o de idade e condição econômica, perguntam-se como meninos e meninas, de diferentes idades e pertencentes a diferentes estratos sociais concebem, percebem e representam seus espaços”.

Há que se ressaltar que os contributos dos estudiosos da Sociologia da Infância, bem como da Geografia da Infância, para desvelar a realidade das crianças e suas infâncias são inegáveis.

Para ilustrar, à Geografia da Infância cabem estudos diversos, tais como: o que é lugar para as crianças? Qual a visibilidade das crianças e suas infâncias ao analisar os espaços públicos das cidades brasileiras? Qual a relação atual das crianças com a natureza?

4.3.1 Crianças e os Estudos sobre Percepção Geográfica

As pessoas percebem e avaliam a vida de maneiras variadas. Duas pessoas não veem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem a mesma avaliação do meio ambiente.

Dos cinco sentidos tradicionais (tato, visão, audição, olfato e paladar), o ser humano depende mais conscientemente da visão do que dos demais sentidos para progredir no mundo (TUAN, 1980). O autor afirma que um mundo mais amplo se lhe abre e muito mais informação, que é espacialmente detalhada e específica, chega até ele através dos olhos, do que através dos outros sistemas sensoriais.

Os símios, macacos e o homem provavelmente são os únicos animais a manusearem as coisas, apanhá-las e examiná-las de todos

os lados. O tato fornece aos seres humanos uma grande quantidade de informações sobre o mundo. Quanto à sensibilidade auditiva, os olhos obtêm informações muito mais precisas e detalhadas sobre o meio ambiente do que os ouvidos, mas geralmente os seres humanos são mais sensibilizados pelo que ouvem do que pelo que veem (TUAN, 1980).

Já com relação ao olfato, afirma que há que se destacar que o odor tem o poder de evocar lembranças vividas, carregadas emocionalmente, de eventos e cenas passadas. Conforme Tuan (1980), para alguns estudiosos, os narizes, na infância, são mais sensíveis e estão mais próximos dos odores emanados da terra, dos canteiros, das flores, do capim e dos solos úmidos.

Um ser humano percebe o mundo simultaneamente através de todos os seus sentidos. Que órgão do sentido seja mais exercitado varia com o indivíduo e sua cultura:

A percepção é uma atividade, um estender-se para o mundo. Os órgãos dos sentidos são pouco eficazes quando não são ativamente usados. Nosso sentido tátil é muito delicado, mas para diferenciar a textura ou dureza das superfícies não é suficiente colocar um dedo sobre elas; o dedo tem que se movimentar sobre elas. É possível ter olhos e não ver; ouvidos e não ouvir. [...] Embora todos os seres humanos tenham órgãos dos sentidos similares, o modo como as suas capacidades são usadas e desenvolvidas começa a divergir numa idade bem precoce. Como resultado, não somente as atitudes para com o meio ambiente diferem, mas difere a capacidade real dos sentidos, de modo que uma pessoa em determinada cultura pode desenvolver um olfato aguçado para perfumes, enquanto os de outra cultura adquirem profunda visão estereoscópica. Ambos os mundos são predominantemente visuais: um será enriquecido por fragrâncias, o outro pela agudeza tridimensional dos objetos e espaços (TUAN, 1980, p. 14).

A Teoria da Percepção desenvolvida por Tuan (1980) valoriza os sentimentos, as sensações e, de forma geral, as emoções. A noção de espaço e lugar é concebida de forma diferente pelas crianças (TUAN, 1983). Apesar de estarem as crianças, logo após o nascimento, sob influências culturais, os imperativos biológicos do crescimento impõem curvas crescentes de aprendizagem e

compreensão, que são semelhantes e podem, portanto, transcender a ênfase específica da cultura (TUAN, 1983).

A percepção da paisagem requer, antes de tudo, as habilidades de fazer distinção nítida entre o eu e os outros e de avaliá-la esteticamente; essas habilidades são ainda pouco desenvolvidas nas crianças menores de seis anos de idade (TUAN, 1980). Apesar de a paisagem escapar à criança, para o autor, ela está ciente dos seus vários componentes: um toco de árvore, água borbulhando num trecho de córrego etc. Além disso, uma criança acima de 7 ou 8 anos de idade é capaz de conceituar o espaço em suas diferentes dimensões, gosta das sutilezas nas cores e reconhece as harmonias na linha e no volume. Nessa fase, a criança está, vibrantemente, aberta para o mundo (TUAN, 1980).

Rodrigues (2006, p. 4) apresenta as dimensões da percepção e sinaliza que as mesmas são distintas para as crianças:

O processo de experienciar um determinado lugar dá-se através das diversas dimensões da percepção: a sensorio-motora, a cognitiva, a afetiva, a estética e a simbólica. É de acordo com a percepção que se atribui valor aos lugares, valoração que poderá ser distinta para **diferentes grupos e indivíduos** (grifos nossos).

Segundo Bartley (1978),³¹ citado por Rodrigues (2006), o organismo humano apresenta modalidades sensoriais, que em conjunto com a experiência individual e coletiva, edificada pela bagagem cultural, pela história de vida, definem o sistema valórico, os pensamentos, os sentimentos, as ações e as atitudes.

Em relação aos estudos da percepção da criança, as pesquisadoras Wells e Kristis (2007) analisam as dimensões da influência da natureza sobre crianças. Segundo elas, o contato direto com a natureza na infância tende a surtir efeitos positivos, que refletem as atitudes e o comportamento dos adultos que as crianças vão ser.

³¹ BARTLEY, S. H. *Principios de la percepción*. México: Trilhas, 1978.

Por meio de entrevistas com 2 mil pessoas, com idades variando dos 18 aos 90 anos, as pesquisadoras testaram a possível relação entre o grau de envolvimento infantil com a natureza e as atitudes e os comportamentos em questões ambientais na idade adulta. Na pesquisa, demonstrou-se que acampamentos, brincadeiras no mato, caça e pesca, figuram entre as principais atividades a fundar os alicerces de um futuro ambientalista. Mas, também, serve colher flores, plantar árvores ou sementes e cuidar de plantas em casa, ou seja, manter contato com a "natureza domesticada".

Nessa direção, Murata (2014, comunicação verbal) reflete que as crianças contemporâneas permanecem muito tempo em casa e, assim, o lar é sua referência. Em casa elas brincam, alimentam-se, relacionam-se, sentem-se seguras, completam-se e complementam-se. Deste modo, torna-se importante as crianças terem contato com a natureza, mesmo que a "domesticada".

Crianças residentes em grandes centros urbanos costumam ter pouco contato com a natureza (LOUV, 2008). Dessa forma, os passeios e as viagens, em que o contato com a natureza esteja na programação, serão apazíveis e importantes para a consciência ambiental e o desenvolvimento cultural dessas crianças (KUSHANO, 2011).

A percepção diferenciada da criança sugere que ela, como turista, merece atenção também diferenciada. Conhecer o universo particular das crianças é uma maneira de respeitá-la e conquistá-la (KUSHANO, 2011). Assim, o viajar e a percepção da paisagem fazem parte do próprio desenvolvimento dos sentidos na infância.

No próximo tópico, busca-se aprofundar sobre o tema Turismo e Infância.

4.4 Turismo e infância

O olhar das crianças permite revelar fenômenos sociais que o olhar dos adultos deixa na penumbra ou obscurece totalmente. Assim, interpretar as representações sociais das crianças pode ser

não apenas um meio de acesso à infância como categoria social, mas às próprias estruturas e dinâmicas sociais, que são desveladas no discurso das crianças (SARMENTO; PINTO, 1997).

Conforme Corsaro (1997), cultura infantil é conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores ou preocupações que crianças produzem e compartilham em interação com outras crianças. Sendo as culturas infantis plurais, e estando a elas atrelados contextos socioculturais mais amplos que estritamente o da infância, não cabe concluir que basta ser criança para produzir "cultura infantil" (SARMENTO; PINTO, 1997). Isso leva a pensar em que situações as crianças produzem e manifestam suas culturas.

Desse modo, observa-se que questões relacionadas à infância e produção cultural são relatadas em dimensões que perpassam a educação formal, auferindo à educação não formal (KRAMER; LEITE, 2005), como o teatro, a brinquedoteca, o museu, entre outros, um papel importante na formação cultural e psicossocial da criança. E nesse sentido, pode-se afirmar que se entrelaçam às esferas do lazer e da atividade turística.

Negrine, Bradacz e Carvalho (2001) comentam que, por meio do brincar das crianças, percebem-se as representações simbólicas que predominam em determinadas culturas. Acrescentam que, nas atividades de cunho lúdico e, provavelmente, somente através delas, é que a criança pode ser espontânea e, conseqüentemente, criativa. De fato, o recrear-se, o brincar e o jogo ainda são percebidos como "coisa de criança". Certamente, a ludicidade é intrínseca às crianças, porém, também o é na fase adulta do indivíduo (NEGRINE; BRADACZ; CARVALHO, 2001). Os referidos autores (2001, p. 59) acrescentam que "as atividades de cunho lúdico podem ser úteis tanto do ponto de vista recreativo, socioeducativo, como terapêutico".

Um dos elementos singulares da infância sadia é o ato de brincar. Brincar é importante porque é preciso fortalecer a infância, para que a criança que existe dentro de cada ser humano sobreviva na idade adulta, assegurando a sobrevivência da sensibilidade, da

afetividade e da capacidade de encantamento. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE BRINQUEDOTECAS, 2014).

Em entrevista a 10 crianças brincantes de uma brinquedoteca localizada no Sul da Bahia, oito relacionaram o turismo como uma atividade de entretenimento e uma forma de brincar (KUSHANO, 2007). Nesse aspecto, é mister pensar e viabilizar viagens e passeios turísticos como proposta pedagógica em uma brinquedoteca (KUSHANO, 2007).

Em relação ao turismo, ele é uma forma de lazer. Ademais, tanto o lazer como o turismo podem contribuir para o processo de aprendizagem e desenvolvimento pessoal do indivíduo. Em especial, as crianças podem aprender a cultura do outro, o vivenciar o novo, o diferente, bem como o que lhes é familiar. Terão mais facilidade em ser educadas para o lazer, sabendo dosar as responsabilidades com momentos de descanso e diversão. Nesse sentido, Marcellino (2006, p. 24) analisa que “o turismo pode e deve ser entendido como uma atividade cultural de lazer, oportunidade de conhecimento, de enriquecimento da sensibilidade, de percepção social e experiências sugestivas”.

4.4.1 Os estudos da Infância e Turismo

A incipiência com relação ao binômio ‘turismo e infância’ foi investigada por Kushano (2013)³². Em tal investigação, foi realizada uma busca pela *Internet*, mais precisamente nos sítios eletrônicos de livros especializados em turismo e nenhuma ocorrência foi encontrada em se tratando de livros com o título ‘turismo infantil’, ‘turismo para crianças’ e ‘criança turista’, indicando uma incipiência na produção bibliográfica sobre o tema.

³² O assunto, na íntegra, está disponível no artigo “Turismo Infantil: uma proposta conceitual”, publicado pela **Revista Turismo & Sociedade**. Curitiba, v. 6, n. 1, p.124-146, janeiro de 2013. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/turismo>>. Acesso em: set. 2022.

No sítio eletrônico “Publicações de Turismo” (2021), ao se digitar a palavra-chave “turismo infantil”, foram encontrados três artigos em periódicos. Um deles é “Segmentação de mercado: uma abordagem sobre o turismo em diferentes faixas etárias” (SILVA; KUSHANO; ÁVILA, 2007), no qual os autores (dentre eles a autora supracitada) abordam o turismo infantil, porém não chegam a propor um conceito. No outro, “Uso da cartilha ‘Aventura da vida nas cavernas’ como ferramenta de educação nas atividades de turismo em paisagens cársticas” (FERREIRA *et al.*, 2008), os autores fazem menção à cartilha como propícia para o público infantil, contudo, também não tecem uma conceituação de turismo infantil. Por fim, o artigo “Turismo infantil: uma proposta conceitual” (KUSHANO, 2013), onde a autora defende um conceito para o segmento.

Diante o exposto, afirma-se que, se para os pesquisadores da Geografia, a Infância é um campo que precisa ser ainda amplamente desvelado, tanto mais o é para os do Turismo.

Graburn (1983, p. 3) salientou que:

Most lacking, perhaps, are studies of the effects of tourism on the historical, natural, and geographical awareness of growing children; the trajectory and interrelationship of their touristic and recreational experiences, and the relation of these to their adult life styles and to their subsequent recreational and vocational behaviors.³³

Também, nessa mesma direção, Crick (1989) aproximou-se do estudo do turismo e crianças discorrendo que:

One of the themes which continually cropped up during my sevenmonths of field work in Kandy during 1982 was the harm that tourism could particularly do to the young. The young were said to be dropping out of school in order to

³³ Talvez, o que mais falta, são os estudos dos efeitos do turismo sobre a consciência histórica, natural, geográfica e do crescer das crianças; a trajetória e a inter-relação de suas experiências turísticas e de lazer, e a relação destes com o seu estilo de vida adulto e o seu posterior comportamento em termos de lazer e profissional (tradução nossa). GRABURN, N. H. H. Editorial Comment. *Annals of Tourism Research*. n. 10, p. 1-3, 1983.

cadge off tourists. They were learning bad manners from the foreign visitors. Many tourists, it was said, were coming to Sri Lanka specifically because young boy prostitutes were very cheap there. These are familiar themes about tourism in the Third World, but social scientists have done very little systematic research on the effects of tourism specifically on the young, and even less on how the young themselves see tourism. (1989, p. 39).³⁴

Gamradt (1995), conforme já abordado neste escrito, apresenta um estudo referente à visão das crianças jamaicanas sobre os turistas. Crianças de seis diferentes escolas daquele país (em séries equivalentes ao primário no Brasil) foram pesquisadas. A essas crianças foi pedido que desenhassem uma figura de um visitante que veio de muito longe. Para a análise das respostas, foi aplicado o método indutivo. As escolas foram denominadas pelo autor como rurais ou da elite.

O autor observa que um dos maiores objetivos do estudo foi dar voz às crianças. Para isso, levou em conta que o turismo afeta diferentes aspectos na vida delas: a maioria sendo de famílias que viviam diretamente da “indústria do turismo”; outras tendo parentes que viviam dele. De alguma forma, todas as crianças tinham uma ideia sobre o turismo e/ou turistas e muitas tinham opiniões importantes sobre eles.

Um segundo importante ponto sobre esse estudo foi o de examinar a viabilidade de usar os desenhos das crianças e os comentários escritos como um meio de estudar a inter-relação entre as atividades turísticas, outros tipos de desenvolvimento de

³⁴ Um dos temas que surgiram continuamente durante meus sete meses de trabalho de campo em Kandy, durante 1982 foi o dano que o turismo pode fazer especialmente para os jovens. O jovem abandona a escola, a fim de pedir esmolas aos turistas. Eles foram aprendendo os maus modos dos visitantes estrangeiros. Muitos turistas estavam chegando ao Sri Lanka especificamente porque meninos prostitutas eram muito baratos lá. Estes são temas familiares sobre Turismo no terceiro mundo, mas os cientistas sociais têm feito pouca pesquisa sistemática sobre os efeitos do turismo especificamente sobre os jovens e menos ainda sobre como os jovens se veem no turismo (tradução nossa).(CRICK, M. The Hippy in Sri Lanka: A Symbolic Analysis of the Imagery of School Children in Randy. **Criticism, Heresy and Interpretation**, n.3, p. 37-54. 1989).

economia e modelos de aquisição de cultura e formação de identidade em uma nação em desenvolvimento (GAMRADT, 1995).

As crianças do estudo estavam morando em uma região central da ilha, em Saint Ann, nomeadamente um lugar turístico de destaque, com população de domínio do idioma inglês. Oriundas de escolas diferentes (seis escolas), sendo algumas mais elitizadas como as da escola católica da região. O autor menciona que essas eram bem conscientizadas quanto ao turismo como negócio e que o mesmo deveria ser promovido. Mas, observa que muitas crianças da escola rural também enxergavam esse aspecto. Segundo o autor, depois dos 11 anos de idade, as crianças jamaicanas de todas as escolas já estavam aceitando o turismo de forma natural e sabiam da importância do mesmo para a vida social (GAMRADT, 1995).

No estudo feito através de desenhos e comentários escritos, são apresentados vários aspectos importantes: primeiro, somente 18 de 319 participantes expressaram opiniões negativas sobre os visitantes (turistas). Essas 18 crianças disseram que os turistas eram algumas vezes ruins, chatos ou podiam trazer doenças. Mas para a maioria dos participantes, os turistas eram legais, bondosos, amorosos. Elas apontaram que os jamaicanos eram pessoas do bem, e gostavam que os turistas fossem ao país deles para se divertirem (GAMRADT, 1995).

Outro aspecto apontado na pesquisa é que um grande número de participantes via os turistas em termos de economia. Disseram que os turistas eram ricos e muitas vezes compartilhavam as coisas e traziam dinheiro. A maioria das crianças mencionou acreditar que os turistas eram importantes para a Jamaica como nação (GAMRADT, 1995).

Outro aspecto levantado foi que, enquanto muitas crianças focaram nos aspectos econômicos do turismo, um número igual de crianças comentou sobre a experiência dos turistas na Jamaica (GAMRADT, 1995). Crianças das escolas rurais e das escolas de comunidades turísticas demonstraram saber que os turistas iam à Jamaica para se divertirem. Quando perguntaram às crianças sobre o que as pessoas de outros países deveriam saber sobre a Jamaica,

a maioria enfatizou as belezas naturais, como praias e também o clima agradável da ilha.

Somente os alunos das escolas pequenas (*tourism-area school*) associaram a Jamaica como Estado-Nação. Para o autor, esse fato fez-se intrigante, sugerindo um estudo minucioso e comparativo de como o turismo afeta a identidade geopolítica e cultural em nações em desenvolvimento e nações industrializadas (GAMRADT, 1995).

Outro levantamento da pesquisa diz respeito às crianças que moravam perto de atrativos turísticos. Concluiu-se que elas articularam uma ideia mais clara sobre o que os visitantes gostariam de ver na ilha.

Em suma, o autor enfatiza, durante o transcorrer do artigo, que o seu maior objetivo no estudo foi o de dar voz às crianças jamaicanas. Gamradt (2005) queria captar pequenas narrativas sobre o turismo e turistas, opiniões que, segundo ele, são ignoradas.

No Brasil, numa recente pesquisa na área de turismo, abordou-se o tema da infância de uma forma inusitada. O Ministério do Turismo lançou, em março de 2010, o “Perfil do Turista de Aventura e do Ecoturista no Brasil”, realizado pela ABETA – Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura. A pesquisa em questão utilizou-se da metodologia qualitativa e da quantitativa.

A amostra qualitativa aleatória foi realizada nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Belo Horizonte, no mês de julho de 2009, contemplando 45 pessoas, privilegiando as emoções e não as falas. Ao longo da pesquisa, foram relatadas parte das falas dos entrevistados, nas quais se percebeu haver uma conexão entre as emoções vividas na prática das atividades com o resgate do mundo infantil e o contato com a natureza, em que o brincar é algo inseparável das vivências do ecoturismo e do turismo de aventura. Na etapa quantitativa, foram entrevistados 904 turistas de aventura e ecoturistas atuais e potenciais, abordados em seus domicílios ou em pontos de fluxo de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo (BRASIL, 2010).

Um dos entrevistados da referida pesquisa mencionou que:

[...] Sentindo-se aprisionados pela rotina do trabalho, correria e estresse, os brasileiros desejam fugir do dia a dia e resgatar o prazer da vida, voltando às suas origens, ou seja, retornando à infância. A viagem permite satisfazer essas duas grandes necessidades contemporâneas. Viajar é fugir. Quando se viaja, volta-se a ser criança, pode-se brincar muito e não se tem as obrigações do cotidiano (BRASIL, 2010, p. 86).

Nessa direção, na pesquisa “Perfil do Turista de Aventura e do Ecoturista no Brasil”, afirma-se que “todos aqueles que querem participar das viagens dos brasileiros, disponibilizando produtos e serviços para o seu prazer, devem compreender que a real necessidade da pessoa é virar criança, fugir” (BRASIL, 2010, p. 87).

Vinculando-se a esse comentário, pode-se reconhecer que o elevado envolvimento das crianças em atividades *indoor*, além de suas agendas lotadas, repletas de programações, de compromissos, tem distanciado as crianças da natureza e da prática de atividades ao ar livre (LOUV, 2008). O autor defende que há que se salvar as crianças do que ele denominou de transtorno de déficit de natureza.

A tendência é que, em médio prazo, grande parte das crianças contemporâneas não terá lembranças da natureza porque sequer a conheceram (BRASIL, 2010). Essas crianças têm potencial de serem adultos sem necessidade de resgatar a infância, de querer brincar e, por exemplo, de serem ecoturistas e turistas de aventura (KUSHANO, 2011).

Em Kushano (2011), menciona-se que a pesquisa “Perfil do Turista de Aventura e do Ecoturista no Brasil” endossa a necessidade e a importância do ser criança e ter infância. Ademais, reafirma-se que o turismo é salutar para a criança e se atesta a importância-chave da criança para a atividade turística, fazendo refletir no resgate dos valores da infância, não somente pela preocupação do encolhimento do mercado, mas, principalmente, no presente e futuro das crianças como seres humanos em formação (KUSHANO, 2011).

Não obstante, mesmo não sendo o enfoque do presente trabalho, considera-se importante mencionar que foram encontrados

estudos relacionados ao Turismo e Infância no que concerne à questão da exploração sexual infanto-juvenil por meio da atividade turística, ressaltando que, desde 2004, o Programa Turismo Sustentável & Infância foi lançado pelo Ministério do Turismo.

O objetivo de tal programa é trabalhar a prevenção e o enfrentamento da exploração sexual de crianças e adolescente em todos os níveis do turismo brasileiro e, ao mesmo tempo, desenvolver, através da atividade turística, proteção ao meio ambiente, redução da pobreza e das desigualdades regionais, por meio da criação de empregos e geração de renda (BRASIL, 2023). Nesse sentido, tem como princípios o desenvolvimento sustentável, a responsabilidade social corporativa e os direitos da criança (BRASIL, 2023).

Importa destacar que o Brasil tem uma das legislações mais avançadas do mundo no que diz respeito à proteção da infância e da adolescência. No entanto, é necessário políticas públicas capazes de combater e superar as desigualdades geográficas, sociais e étnicas, além de celebrar a riqueza de sua diversidade (UNICEF, 2023).

4.4.2 Turismo Infantil

Diante da incipiência de estudos referentes ao binômio Turismo e Infância, em Kushano (2013) apresenta-se o resultado de uma pesquisa sobre o turismo infantil, em que se chegou a uma proposta conceitual. Para tanto, explanou-se sobre a infância como categoria social; analisou-se a importância do turismo para a criança, bem como do público infantil para a atividade turística; e, foram apontadas as principais atividades relacionadas ao turismo para crianças. Por meio de pesquisa bibliográfica e exploratória, foram destacados os benefícios socioculturais do turismo, entre os quais: que o contato direto com a natureza na infância tendia a surtir efeitos positivos, que refletiam as atitudes e o comportamento dos adultos que as crianças iam ser.

Quanto à importância da criança para o turismo, destaca-se que as férias só para elas seriam um dos mercados emergentes no

setor. Como atividades relacionadas ao turismo para crianças, caracterizaram-se, por exemplo, o turismo pedagógico e os acampamentos de férias (KUSHANO, 2013). Por fim, chegou-se a uma proposta conceitual de turismo infantil, que consiste em considerar que:

[...] é o turismo praticado por crianças e planejado para as crianças; estejam elas em grupos de sua própria idade ou acompanhadas de pais e/ou responsáveis; sendo os acampamentos de férias, os acantonamentos, a hospedagem em hotéis de lazer e *resorts*, a diversão nos parques temáticos e a prática do turismo pedagógico as principais atividades relacionadas ao mesmo. Nessa forma de turismo, há necessidade de maior supervisão de profissionais, como também, adequação de produtos e serviços para atender as crianças com segurança e qualidade, proporcionando a elas percepção de novas paisagens, desenvolvimento pessoal, conforto, diversão e aprendizados culturais (KUSHANO, 2013, p.140).

Diante desse conceito, estendeu-se a terminologia “turismo infantil” para além da concepção, tão somente, da idade, suscitando a necessidade da existência de um turismo adequado para atender, efetivamente, às crianças turistas, contribuindo para o bem-estar tanto das crianças quanto de seus responsáveis (KUSHANO, 2013).

Ainda na mesma obra consta que esta concepção propicia também aos vários setores do turismo uma oportunidade de diferenciação de seus produtos e serviços, o que gerará qualidade e humanização no turismo.

Na proposta conceitual para “turismo infantil”, destacou-se a necessidade de um turismo adequado para atender às crianças turistas com qualidade e segurança. Nessa proposta, as atividades comumente relacionadas ao turismo infantil foram elencadas, no entanto, há que se notar que tal feito não desapropriaria as crianças de estarem presentes em outros tipos de turismo, tais como o de aventura e o ecoturismo (KUSHANO, 2013).

Ademais, evidenciou-se sobre a incipiência de referenciais sobre infância e produção cultural, bem como de turismo para as crianças (ou turismo infantil, turismo de infância etc.). E que, em

suma, as experiências precisam ser sistematizadas e divulgadas para que se possa formar um banco de dados sobre a produção científica na área, alargando, assim, o conhecimento e a visão nesses campos do saber.

Ademais, Kushano (2008) destacou, em momento anterior, as adequações de produtos e serviços turísticos para as crianças com enfoque nos meios de hospedagem. A autora salientou a diferença dos meios de hospedagens que podem ser adequados para o público infantil, bem como os que são direcionados para o atendimento ao público infantil e/ou família com filhos pequenos.

A referida autora elegeu categorias de análise elencadas para verificar se um meio de hospedagem é adequado para as crianças foram (KUSHANO, 2008, p. 89-93):

- **Equipamentos e espaços de lazer e recreação.** Refere-se aos equipamentos e espaços de lazer direcionados e/ou adequados para crianças, tais como: salão de jogos para crianças, com brinquedos e jogos; piscina infantil; *playground*; brinquedoteca; videoteca; biblioteca infantil, etc.

- **Atividades adaptadas.** Refere-se às atividades recreativas mencionadas como adequadas às crianças, tais como cavalgadas, pescaria, natação, etc.

- **Serviços direcionados.** Nessa categoria estão incluídos: o cardápio infantil; a programação de lazer infantil; os horários de refeições adequados para as crianças, os serviços e menções à segurança das crianças, etc.

- **Comunicação dirigida.** Nessa categoria, enquadram-se: as ilustrações de crianças; as menções à criança; os textos dirigidos ao público infantil; as mensagens dirigidas aos pais com filhos pequenos, etc.

- **Recursos humanos especializados.** Essa categoria faz alusão aos profissionais ligados diretamente às crianças hóspedes, tais como: os recreacionistas (monitores, recreadores, animadores socioculturais, etc.), os guias de turismo e os condutores turísticos (que tenham especialização ou experiência com o público infantil), a *baby sitter*, etc.

▪ **Instalações/infra-estrutura.** Nessa categoria, incluem-se as instalações e a infra-estrutura especialmente planejadas para o conforto das crianças e/ou dos pais, como também os adaptados para o tamanho das crianças. Alguns exemplos: sanitários infantis, copa do bebê (ou *baby* copa), restaurante infantil, etc.

▪ **Proibições e/ou restrições.** Diferentemente das outras categorias, essa especifica uma negação. Ou seja, a observação de algo restrito às crianças. Alguns exemplos: restrição à entrada de crianças no empreendimento, ou em determinado lugar do empreendimento; proibição de entrada de crianças em determinados horários; restrição às crianças em determinados andares, proibição de crianças por faixa etária ou altura em determinados equipamentos, etc.

▪ **Preços.** Destacam-se nesta categoria: os descontos, as gratuidades, os brindes, as cortesias e promoções para crianças ou para os pais com filhos pequenos.

Destaca-se que, da mesma forma que o mercado turístico está cada vez mais se adequando e outros com direcionamento para atrair o público infantil e/ou as famílias com filhos pequenos, também cresce os meios de hospedagem que não aceitam crianças. Em muitos desses, observa-se, por exemplo, que são aceitos os pets, porém, crianças não são bem vindas. Tal informação pode ser constatada, por exemplo, ao visitar os sites oficiais de empreendimentos hoteleiros, bem como suas redes sociais e as plataformas como Booking e TripAdvisor. A maioria desses meios de hospedagem são pousadas intituladas românticas, com foco em unidades habitacionais para casais. Também, os hostels pelo perfil de um público jovem, embora a tendência atual é muitos deles terem disponibilidade de quartos para famílias com filhos pequenos, entre outros tipos de demandas.

O outro viés do binômio Turismo e Infância são os estudos sobre como as crianças anfitriãs ou residentes em lugares turísticos se veem no turismo, como elas sentem e percebem, por exemplo, as alterações em seu cotidiano frente à alta temporada e à baixa temporada.

No próximo capítulo, apresentar-se-á, a partir de pesquisa empírica, o que determinadas crianças residentes em Matinhos (PR) estavam pensando, percebendo e opinando sobre o turismo em sua cidade.

5. O QUE É TURISMO PARA MIM?

No presente capítulo, são apresentados os procedimentos metodológicos da pesquisa; a caracterização da área de estudo; os resultados da aplicação dos instrumentos de coleta de dados e a análise de tais resultados.

A aplicação da pesquisa empírica visou desvelar o que um grupo de crianças residentes em Matinhos (PR) estavam percebendo, sentindo e opinando sobre o turismo em sua cidade.

A partir do presente capítulo, pretendeu-se atingir aos seguintes objetivos específicos: esclarecer o que as crianças residentes pensavam a respeito do fluxo turístico em sua localidade, bem como dos próprios turistas, o que inclui as crianças turistas; analisar quais seriam as percepções e os sentimentos de crianças residentes com relação ao turismo, aos turistas e às alterações no seu cotidiano; observar, em espaço escolar, o que se estava refletindo junto às crianças sobre o turismo em sua localidade.

5.1 Procedimentos metodológicos da pesquisa

Nesta seção, inicia-se abordando o conceito de paradigma, que conforme Patton (1978, p. 203)³⁵ citado por Moreira e Caleffe (2006, p. 42), tem o seguinte significado:

Um paradigma é uma visão de mundo, uma perspectiva geral, uma maneira de analisar a complexidade do mundo real. Como tal, os paradigmas estão profundamente embutidos na socialização de seus praticantes. Os paradigmas nos dizem o que é importante, legítimo e razoável. Os paradigmas também são normativos, dizendo a seus praticantes o que fazer sem a necessidade de longas considerações existenciais ou epistemológicas. Mas esses são os aspectos que constituem a virtude e a fraqueza dos paradigmas. A virtude é que ele torna a ação

³⁵ PATTON, M. **Qualitative evaluation methods**. Beverly Hills: Sage, 1978.

possível, a fraqueza é que a mesma razão para a ação está escondida nos pressupostos inquestionáveis do paradigma.

A presente pesquisa é orientada pelo paradigma interpretativo, visto que o interesse central de todas as pesquisas do paradigma interpretativo é o significado humano da vida social e a sua elucidação e exposição pelo pesquisador (MOREIRA; CALEFFE, 2006).

Para os pesquisadores interpretativos, o propósito de uma pesquisa é descrever e interpretar o fenômeno do mundo em uma tentativa de compartilhar significados com outros. “A interpretação é a busca de perspectivas seguras em acontecimentos particulares e por *insights* particulares” (MOREIRA; CALEFFE, 2006, p. 61).

Importa dizer que, nesse paradigma, o pesquisador sabe que ele é o principal instrumento de coleta de dados porque imagina que, como um pesquisador interpretativo lidando com múltiplas realidades, “o instrumento” tem de ser capaz de reconhecer, classificar e distinguir as sutilezas do significado que emerge (MOREIRA; CALEFFE, 2006).

Para Gil (2008) e Triviños (1992), não raro, o paradigma interpretativo recebe comparações com a fenomenologia. Conforme tais autores, o método fenomenológico preconizado por Husserl (1986)³⁶ não é dedutivo nem indutivo. Preocupa-se com a descrição direta da experiência tal como ela é (GIL, 2008). Para o autor, a realidade é construída socialmente e entendida como o compreendido, o interpretado, o comunicado. Então, a realidade não é única: existem tantas quantas forem as suas interpretações e comunicações. O sujeito/ator é reconhecidamente importante no processo de construção do conhecimento (GIL, 2008). A pesquisa fenomenológica parte do cotidiano, da compreensão do modo de viver das pessoas, e não de definições e conceitos. “[...] Procura resgatar os significados atribuídos pelos

³⁶ HUSSERL, E. **A ideia da Fenomenologia**. Tradução de Artur Mourão. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

sujeitos ao objeto que está sendo estudado. As técnicas de pesquisa mais utilizadas são, portanto, de natureza qualitativa e não estruturada” (GIL, 2008, p.15).

Para o turismo, a investigação fenomenológica permite analisar aspectos fundamentais acerca do fenômeno turístico e das experiências vividas pelos turistas (PANOSSO NETTO, 2005).

Quanto aos seus objetivos, a presente pesquisa é de cunho exploratório. Gil (2008) define a pesquisa exploratória como a que tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, com vistas à formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.

Quanto ao tipo de pesquisa definida pelo tipo de pergunta, esta é uma pesquisa que apresenta orientação etnográfica.

Conforme Moreira e Caleffe (2006), uma maneira de classificar os tipos de pesquisa considera a natureza das perguntas que estimulam a pesquisa. As pesquisas identificadas dessa maneira são: a bibliográfica, a documental, a histórica, a do tipo levantamento, a de avaliação, a correlacional, a causal-comparativa, a etnográfica e a pesquisa ação.

Em um primeiro momento, neste trabalho configurou-se uma pesquisa bibliográfica, pois se pretendeu responder a perguntas do tipo: como a literatura contemporânea tem tratado a Sociologia da Infância? Qual a relação entre Geografia, Turismo e Infância?

Em momento posterior, a pesquisa tem orientação para a etnografia. Segundo Moreira e Caleffe (2006), a etnografia é um método e o ponto de partida é a interação entre o pesquisador e os seus objetos de estudo. O trabalho de campo é o meio principal pelo qual muitos dos dados etnográficos têm sido obtidos. Ainda conforme os autores, uma pesquisa etnográfica pode durar uma semana ou duas, como também pode durar vários anos; a duração deve ser adequada para a obtenção das informações, bem como de acordo com o local e as pessoas a serem pesquisadas.

Outras características da pesquisa etnográfica são expostas a seguir: - a análise dos dados, que em alguns casos exige muito mais tempo do que a coleta, compreende a descrição, a análise e a

interpretação (MOREIRA; CALEFFE, 2006); – os dados qualitativos não se prestam a tratamentos estatísticos, assim, os pesquisadores precisam “[...] buscar padrões de linguagem e comportamentos que proporcionem uma visão das preocupações e funções do grupo” (MOREIRA; CALEFFE, 2006, p. 87); – o maior apelo da pesquisa etnográfica é poder construir, um retrato rico da vida humana, um quadro interessante e potencialmente repleto de informações (MOREIRA; CALEFFE, 2006).

Geralmente, na pesquisa etnográfica, as fontes de dados são pessoas, objetos, ambientes e padrões de comunicação inerentes ao contexto estudado. Esse tipo de pesquisa é não-experimental e qualitativa e depende muito da percepção e da habilidade do investigador para fazer observações e interpretações (MOREIRA; CALEFFE, 2006).

Em se tratando do tipo de pesquisa definida pela metodologia, esta é uma pesquisa qualitativa. A maior distinção feita entre a pesquisa quantitativa e a qualitativa é que a pesquisa qualitativa explora as características dos indivíduos e cenários que não podem ser facilmente descritos numericamente (MOREIRA; CALEFFE, 2006).

Assim exposto, menciona-se que a pesquisa foi aplicada junto aos alunos de 5º ano de escolas selecionadas devido aos seguintes critérios: a) a Escola Municipal Professora Caetana Paranhos, por ser a única escola localizada no bairro de Caiobá, nomeadamente um bairro que apresenta grande quantidade de residências secundárias; b) o Colégio Dom Bosco, por ser uma instituição particular de ensino, além de estar localizada em bairro central, o que pressupõe que alunos de diferentes bairros o frequentem.

A escolha de uma instituição de ensino pública e de uma instituição de ensino privada teve como intenção encontrar perfis diferentes de alunos, com famílias de níveis socioeconômicos diversos, o que poderia resultar em acréscimos de dados e comparativos na coleta e análise da pesquisa.

Importante esclarecer que, além dessas instituições de ensino, mais duas escolas particulares e uma escola pública

estadual foram contatadas, todavia, as diretoras recusaram-se a participar da pesquisa.

Com relação aos instrumentos de coleta de dados, a pesquisa se valeu de questionários com mais de dez perguntas, em que duas foram respondidas por meio de desenhos e narrativas das próprias crianças (GOMEZ, 2009); técnica do preenchimento de Diários (SARMENTO, 2000); e entrevista com as educadoras das turmas de 5º ano pesquisadas. Além dessas técnicas, também se fez uso do método observacional, conforme expõe Gil (2008, p. 16):

O método observacional é um dos mais utilizados nas ciências sociais e apresenta alguns aspectos curiosos. Por outro lado, pode ser considerado como o mais primitivo, e conseqüentemente o mais impreciso. Mas, por outro lado, pode ser tido como um dos mais modernos, visto ser o que possibilita o mais elevado grau de precisão nas ciências sociais [...] Há investigações em ciências sociais que se valem exclusivamente do método observacional. Outras utilizam-no em conjunto com outros métodos. E pode-se afirmar com muita segurança que qualquer investigação em ciências sociais deve valer-se, em mais de um momento, de procedimentos observacionais.

Por sua vez, Gomez (2009, p. vii), ao tratar da técnica de desenhos analisa que:

[...] no desenho as crianças inscrevem vivências significativas do seu cotidiano, inserem o conhecimento que possuem da sua comunidade, do seu ambiente físico próximo, das experiências e interações vividas em vários contextos: família, escola, comunidade e natureza.

Sarmiento (2007, p. 18) avalia que “o desenho é frequentemente acompanhado de verbalização das crianças que referem as figuras e os motivos inscritos no papel de modo por vezes paradoxal e fora da inteligibilidade dos adultos”. Desta forma, os desenhos são considerados artefatos sociais, produção simbólica da linguagem infantil, bem como expressão e interpretação do mundo pelas crianças (SARMENTO, 2007).

Ainda, para Leite (2005, p. 131):

[...] o desenho da criança não pode ser visto [como mera atividade escolar ou mesmo resultado de aptidão pessoal para as artes plásticas, mas, sim, como diálogo permanente entre a criança e o mundo, uma constante busca de inteligibilidade e comunicabilidade.

Em se tratando da aplicação de questionários, as vantagens e as desvantagens de tal instrumento de coleta de pesquisa são: o uso eficiente do tempo, no entanto, é preciso reservar um tempo para refletir sobre o propósito do questionário, para elaborar as questões e para realizar uma pesquisa piloto; questões padronizadas, que significam não haver um entrevistador interpretando/distorcendo o significado das respostas. Mas é preciso atenção na elaboração dos itens, pois mesmo que eles sejam claros, as respostas podem ser superficiais; assegura anonimato ao respondente; potencial para uma alta taxa de retorno (MOREIRA; CALEFFE, 2006).

No presente trabalho, a aplicação do questionário sucedeu a fase de observação, em que a pesquisadora, após consentimento e planejamento prévio realizado com as educadoras, assistiu a determinadas aulas de Geografia nas três turmas do 5º ano. Essa etapa teve como objetivo conhecer o perfil das turmas, bem como realizar a apresentação pessoal e do projeto junto aos alunos, para que no momento do questionário eles se sentissem mais à vontade com a pesquisadora, o que configurou a aplicação do método observacional outrora citado.

Faz-se mister salientar que, no momento da aplicação do questionário, a pesquisadora estava presente para sanar possíveis dúvidas ou dar maiores esclarecimentos aos alunos. Além disso, muitas crianças se expressaram verbalmente e algumas respostas foram apresentadas em sala.

Nas três turmas, os alunos, bem como as educadoras, se mostraram receptivos à pessoa da pesquisadora, bem como ao tema do trabalho. Uma aluna chegou a relatar que estava se sentindo importante por ser pesquisada. Outra aluna disse que sempre quis responder um questionário como o que acabara de lhe ser entregue em mãos. Ressalta-se que o questionário foi o

principal instrumento de coleta de dados dessa pesquisa. Os demais, formulário e entrevistas, foram complementares.

Com relação ao instrumento de coleta de dados intitulado “DIÁRIO”, tal formulário foi defendido por Sarmiento (2000) na investigação “Trabalho Domiciliário Infantil”. A partir desse instrumento, as crianças, em suas próprias residências e a seu tempo, sem interferência de professor e/ou pesquisador, escrevem como passaram o dia, o que fizeram, de acordo com o que lhes convém. É uma atividade livre, que pode ter a duração necessária aos objetivos da pesquisa.

No presente trabalho, levando em conta que uma das temáticas foi o cotidiano, observou-se a relevância de estender o olhar para as crianças fora de seu ambiente escolar. Para tanto, foi selecionado o formulário “Diário”. É uma observação complementar ao questionário, que foi adotado como instrumento principal de coleta de dados. O objetivo era saber mais sobre o cotidiano das crianças, o que elas faziam após as aulas e em um feriado prolongado. Optou-se pelo feriado de Páscoa por entender que, durante três (3) dias as crianças descreveriam sua rotina em período letivo e durante os quatro (4) dias seguintes descreveriam sua rotina em período de feriado prolongado, totalizando sete (7) dias, ou seja, uma semana (15 a 21 de abril de 2014).

Também, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as educadoras do 5º ano A da escola pública, bem como do 5º ano da escola particular. Nessa fase, o objetivo principal foi o de constatar se o turismo se fazia presente nos conteúdos curriculares e/ou na agenda de temas a serem discutidos junto aos alunos. Ademais, a opinião das educadoras sobre o desenvolvimento turístico local, bem como as alterações no cotidiano com o advento da alta temporada, foram assuntos destacados.

Em se tratando da opção pela entrevista, Hitchcock e Hughes (1995),³⁷ citados por Moreira e Caleffe (2006), asseveram que as entrevistas podem ser consideradas como uma conversa com um propósito.

A entrevista semiestruturada é o meio-termo entre a entrevista estruturada e a entrevista não-estruturada. Dessa forma, o entrevistador é livre para deixar os entrevistados desenvolverem as questões da maneira que quiserem. É possível exercer certo tipo de controle sobre a conversação, embora se permita ao entrevistado alguma liberdade. Permite o esclarecimento de qualquer tipo de resposta quando necessária; é mais fácil de ser analisada do que a entrevista não-estruturada, mas não tão fácil quanto a entrevista estruturada (MOREIRA; CALEFFE, 2006).

Os autores salientam que o protocolo começa com uma introdução, em que o entrevistador explica o propósito da entrevista, quem ele é e por que a entrevista está sendo realizada; além disso, esclarece qualquer questão sobre a pesquisa e informa o respondente sobre a garantia do anonimato e como os dados serão utilizados. A permissão para usar dispositivos de gravação é obtida nesse estágio, e a introdução indica o tempo da entrevista e proporciona um resumo dos principais temas que serão discutidos (MOREIRA; CALEFFE, 2006).

Foram aplicados os questionários e demais técnicas descritas junto às crianças do 5º ano, turmas A e B, do Ensino Fundamental de uma escola pública, situada no bairro de Caiobá, bem como às crianças do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola privada, situada no centro da cidade de Matinhos. Na turma do 5º ano A, do ensino fundamental da Escola Municipal, havia dezoito (18) alunos matriculados. Na turma 5º ano B, eram dezesseis (16) alunos. No Colégio particular, havia dezenove (19) alunos matriculados.

³⁷ HITCHCOCK, G.; HUGHES, D. **Research and the teacher: a qualitative introduction to school-based research**. 2 ed. Londres: Routledge, 1995.

As crianças pesquisadas situaram-se na faixa etária dos 9 a 12 anos de idade incompletos. Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), se estabelece que criança é o indivíduo de 0 a 12 anos de idade incompletos. Para este trabalho, se definiu por pesquisar as crianças acima de 7 anos, devido aos procedimentos de leitura e de escrita necessários para a pesquisa, levando-se em consideração os métodos selecionados, bem como a compreensão do mundo vivido por elas. Ademais, esta faixa etária corresponde ao maior grupo de pessoas no município de Matinhos, conforme dados do IBGE Cidades (2023).

Ressalta-se que, durante todo o transcorrer da pesquisa, não se utilizou imagens das crianças, sendo assegurado o anonimato das mesmas e, principalmente, a vontade ou não de tais crianças em participar da pesquisa, além do consentimento dos pais (ou responsável pelo menor) para tal. Anteriormente a qualquer contato inicial com as crianças, foi solicitada autorização formal da Direção das Escolas para a realização da pesquisa, bem como reuniões com as professoras das turmas de 5º ano.

Tais cuidados remetem à ética na aplicação de pesquisa com crianças. Sarmento (2007) avalia que ouvir a voz das crianças é uma expressão que guarda em si todo um programa que pode ser compreendido em sua expressão teórica, epistemológica e política.

Para Kramer (1996), a pesquisa com crianças reveste-se de uma responsabilidade ímpar, especialmente em termos de valores éticos; e complexa, visto a profundidade de apreensão das crianças enquanto sujeitos da pesquisa. Além disso, que a pesquisa sobre crianças e suas infâncias, especialmente quando realizada com as crianças, não raro pode remeter a lembranças da própria infância do pesquisador, podendo afetar seu emocional. Deste modo, observa-se que é possível a construção de uma empatia mútua entre crianças e pesquisador, tendo-se o cuidado para que o grau de envolvimento emocional entre ambos não comprometa a fidedignidade da interpretação científica.

Ademais, considera-se ser importante mencionar que um primeiro questionário foi elaborado e testado anteriormente³⁸. A partir de sua aplicação naquela etapa, houve algumas alterações que resultaram no produto final, utilizado junto a outros alunos no ano de 2014.

Essa pesquisa-piloto mencionada realizou-se no ano de 2012 e consistiu na aplicação de um questionário com 8 perguntas (subjetivas e objetivas) aos estudantes da turma do 5º ano da Escola Municipal, composta por 19 crianças, entre 9 e 11 anos de idade. A pesquisadora dispôs de duas horas para aplicação do questionário, tendo lido e explicado cada uma das perguntas, bem como atendido individualmente aos estudantes que tiveram alguma dúvida no preenchimento. Dos 19 alunos que compunham a turma do 5º ano, 14 participaram da pesquisa, visto que os seus pais assinaram a autorização. Anteriormente a essa fase, a autorização da direção da escola e da professora foram solicitadas.

O objetivo central da pesquisa-piloto foi o de analisar se a prática turística alterava o cotidiano das crianças residentes naquele bairro. Os resultados apontaram que as crianças perceberam e sentiram que a rotina do cotidiano é diversa com o fluxo turístico da alta temporada e dos feriados prolongados (KUSHANO, 2013).

Assim exposto, aponta-se que o roteiro de entrevista semiestruturada, bem como o questionário e o formulário intitulado 'Diário' constam nos Apêndices.

³⁸ A pesquisa piloto originou capítulo de livro publicado em evento internacional: KUSHANO, E.S.; BAHL, M. O cotidiano das crianças residentes em lugares turísticos: percepções de alunos de uma escola pública localizada em uma pequena cidade litorânea do Brasil. In: SANTOS, M; SERRA, F; SANTO, J.; ÁGUAS, P. **Desenvolvimento e Planeamento em Turismo**. TMS Conference Series. Universidade do Algarve, Faro, Portugal, 2013. p. 342-353.

5.2 Caracterização da área de estudo

O litoral paranaense, o segundo menor entre os estados brasileiros banhados pelo mar, à frente apenas do Piauí, apresenta uma linha de costa de aproximadamente 100 km, limitando-se ao norte com o Estado de São Paulo na barra do Ararapira, a leste com o Oceano Atlântico, ao Sul com o Estado de Santa Catarina na barra do Rio Saí-Guaçu, e a Oeste com a região metropolitana de Curitiba (CENTRO DE ESTUDOS DO MAR, 2014).

Com mais de 6.900 km² de área, a região Litoral do Paraná compreende a vertente da Serra do Mar, voltada para o Oceano Atlântico e a planície litorânea, ao passo que o conjunto dos sete municípios litorâneos representa 3% da superfície do Paraná (ESTADES, 2003). O tamanho dos municípios é bastante desigual; Matinhos, o menor, com 111,5 km² (2% do total); e o maior, Guaraqueçaba, com 2.159,3 km² (35% do total) (ESTADES, 2003).

Ao tomar as realidades funcionais construídas historicamente sobre especificidades naturais, Estados (2003) distingue três grupos dentre tais municípios: os portuários (Paranaguá e Antonina); os rurais (Morretes e Guaraqueçaba); e os praiano-turísticos (Guaratuba, Matinhos e Pontal do Paraná). Conforme a autora (2003), esta classificação destaca o elemento econômico mais marcante da história recente ou que, sem ser muito recente, explica em grande parte a situação atual. Todavia, não se pretende negar a existência de outras atividades em cada município, nem se postulam equivalências entre os municípios de cada tipo (ESTADES, 2003).

Em termos socioambientais, a realidade regional é diversa e contrastante:

Vastas áreas de conservação, escassamente povoadas, coexistem com uma grande cidade portuária e balneários urbanos que crescem a ritmos vertiginosos. A dinâmica regional, que atrai crescentes contingentes de população de outras regiões do estado e de estados vizinhos, mostra-se insuficiente para superar a pobreza. Ao mesmo tempo, as múltiplas leis de

proteção à natureza resultam ineficazes para evitar os crescentes impactos ambientais (ESTADES, 2003, p.25).

Nota-se que a população permanente também se distribui de forma muito desigual entre os municípios, o que, combinado com a desigualdade de superfícies, resulta em densidades destoantes. Os municípios rurais, com quase a metade da superfície total (46%), são habitados por 10% da população; os municípios portuários, com pouco mais da quarta parte da superfície total (27%), detêm 62% da população; e os municípios praianos, com a restante quarta parte da superfície, detêm 28% da população (ESTADES, 2003).

Quanto à questão populacional do litoral, ela não se limita à população permanente. A afluência de turistas e veranistas, especialmente nos municípios praianos, se concentra no verão e se intensifica nas festas de fim de ano e Carnaval. A afluência em temporada está estimada em 1,5 milhão de pessoas³⁹, o que multiplica a população de todo o litoral por mais de 6 vezes e a dos municípios praianos por 23 vezes; se a densidade desses municípios, considerando a população permanente, era de 40 habitantes/km² no ano de 2000, essa quantidade de turistas supõe 946 habitantes/km² (ESTADES, 2003).

Nessa mesma linha de pensamento, ressalta-se que o “inchaço” ocasionado na alta temporada, nomeadamente nos meses correspondentes a dezembro, janeiro e fevereiro⁴⁰ é um assunto recorrente, conforme salienta Angulo (2000, p. 98): “a discussão sobre os problemas do litoral paranaense é cíclica e sazonal; ressurgue no verão, quando se intensifica a perspectiva de utilização das praias, e, realimentada por novas questões, abrange aspectos de caráter físico-territorial, urbanístico, ambiental, socioeconômico e até mesmo jurídico”.

³⁹ No texto, a autora menciona que este número não é oficial. É uma estimativa, usualmente utilizada nos meios comunicacionais.

⁴⁰ Podendo alargar-se para o mês de março, conforme a data do feriado de Carnaval.

Em termos de promoção turística, encontra-se que a Secretaria de Estado de Turismo do Paraná sustentava que:

O Litoral Paranaense, apesar de sua pequena extensão, possui sete Municípios com **boa infra-estrutura turística para receber cerca de um milhão de visitantes durante a alta temporada**. Entre seus principais atrativos, são encontradas reservas ecológicas nas quais ainda podem ser encontradas espécies raras da fauna e flora, além de belas praias que propiciam momentos de lazer, a prática de esportes náuticos, pesca esportiva, etc. (SECRETARIA DE ESTADO DE TURISMO, 2008, p. 4, grifos nossos).

Considera-se que o caráter comunicacional do parágrafo anterior é válido para observar como a região é promovida em termos turísticos, além de reafirmar o número usual de cerca de um milhão de visitantes. No entanto, há que se notar que, a partir dos anos 1950, e mais intensamente dos 1960 e 1970, o governo estadual melhorou as condições de salubridade e construiu uma estrutura viária de acesso para viabilizar esse novo uso da costa; porém, tratou-se de uma urbanização acelerada e desordenada que, segundo Pierri (2011, comunicação verbal), não garantiu condições básicas de saúde pública e qualidade de vida, tanto para os turistas como para a população permanente.

Ademais, conforme Pierri (2011), constata-se que os usos turísticos do solo relacionados à costa são, principalmente, o uso balneário e a navegação de recreação, incluindo a pesca esportiva. Também, há que se notar as características habitacionais dos municípios praianos. Ainda, a autora menciona que, comumente, veranistas constroem suas segundas residências, de urbanização mais próxima ao mar e melhor qualidade, como também os que visitam o litoral, sem possuir casa própria. Em contrapartida, há a afluência permanente de pessoas que vem de outras regiões, com expectativas de melhorar sua renda, em grande parte pobres, e que ocupam espaços menos valorizados, regular ou irregularmente, impulsionam urbanização mais precária, sofrendo dia por dia as carências presentes de infraestrutura e serviços (PIERRI, 2011).

Assim, com efeito, parece haver no litoral paranaense o que não é raro em outras regiões turísticas do Brasil: um litoral paranaense “real” e um litoral paranaense “para turista ver”. Reitera-se que um dos municípios praianos é Matinhos, sendo este o lugar palco dos diálogos com as crianças do presente trabalho.

O nome Matinhos, segundo Bigarella (1991), se deu devido à “mata baixa (mata de restinga, rica em epífitas) e que antigamente a cidade era conhecida como Matinho (sem o ‘s’)”. O autor comenta também que um pequeno rio era chamado pelo mesmo nome.

Matinhos dista de Curitiba, capital do Estado do Paraná, 109,10 km (IPARDES, 2012). Está localizado no litoral Sul do Estado do Paraná (FIGURA 1), com uma população de 29.428 habitantes; e, estimada em 35.705 habitantes no ano de 2021, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023).

Não muito diferente de outras localidades costeiras brasileiras, Matinhos se desenvolveu sem prévio e adequado planejamento urbano (PIERRI *et al.*, 2006). Possui 36 balneários, entre os quais, o Balneário Jardim Monções, que faz divisa com o município de Pontal do Paraná, e o Balneário de Caiobá, que faz divisa com o município de Guaratuba (PREFEITURA MUNICIPAL DE MATINHOS, 2023).

Por meio da Lei Municipal 1067/2006⁴¹, no Art. 12, foram criados 14 bairros ou unidades administrativas, como o Bairro de Caiobá, com área de 2,01 km². Além de Caiobá, mais seis balneários são, também, nomeados de bairros.

Em termos de litoral paranaense, Caiobá é um dos balneários mais frequentados por veranistas e turistas (BIGARELLA, 1991) em suas praias, conhecidas como Praia Mansa e a Praia Brava. Constata-se ser muito ocupado em alta temporada, que corresponde aos meses de dezembro a março. Por essas características, o bairro de Caiobá abriga um grande número de

⁴¹ Lei nº 1067, de 5 de dezembro 2006 - dispõe sobre a instituição do Plano Diretor Participativo e de Desenvolvimento Integrado de Matinhos, e dá outras providências. Disponível em: <www.matinhos.pr.gov.br>. Acesso em: 10/06/2023.

condomínios e casas, que podem ser reconhecidos como segundas residências.

No presente trabalho, conforme mencionado no item 5.1 Procedimentos Metodológicos da Pesquisa, uma Escola Municipal foi selecionada dentre as escolas públicas para a realização da pesquisa, juntamente com uma instituição particular.

5.3 Apresentação dos participantes da pesquisa

Assim como mencionado nos procedimentos metodológicos da pesquisa, foram aplicados os questionários e as demais técnicas descritas junto às crianças do 5º ano, turmas A e B, do Ensino Fundamental de uma escola pública, situada no bairro de Caiobá, bem como às crianças do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola privada, situada no centro da cidade de Matinhos. Na turma do 5º ano A do ensino fundamental da Escola Municipal Professora Caetana Paranhos, eram 18 alunos matriculados. Na turma 5º ano B eram 16 alunos. No Colégio Dom Bosco, havia 19 alunos matriculados. Em cada turma, havia uma professora responsável.

Na turma do 5º ano B da escola pública, 9 crianças preencheram todos os instrumentos de coleta de dados, ao passo que 2 não preencheram o formulário Diário. Todavia, 11 crianças da turma mencionada foram inseridas, por terem preenchido todos os demais instrumentos de coleta de dados. A turma era composta de 15 alunos.

A seguir, se apresenta o nome fictício dos alunos, bem como algumas informações referentes às idades, aos bairros em que moravam, com quem residiam e a profissão dos pais:

POLLIE, 10 anos de idade, residente do bairro de Caiobá, morando com a mãe e uma irmã. A mãe atuando como zeladora de condomínio residencial.
JACK SHAN, 10 anos, morando no bairro Vila Nova, residindo com os pais. O pai trabalhando na construção civil e a mãe como diarista.
TRECKO, 9 anos, morando em Caiobá com os pais e dois irmãos. Os pais sendo zeladores de condomínio residencial.

SARA, 11 anos, moradora do bairro Tabuleiro, reside com a mãe e dois irmãos. A mãe trabalhando como diarista.

EDUARDA, 10 anos, moradora do bairro Caiobá, com os pais, ambos exercendo atividades como zeladores de condomínio residencial.

HULK, 9 anos, morando no bairro do Tabuleiro com a mãe e três irmãos. A mãe atuando como diarista e babá.

MARCOS, 9 anos, morador do bairro do Tabuleiro com o pai e a mãe. O pai sendo pedreiro e a mãe diarista.

ALGUSTO, 9 anos, morando no bairro de Caiobá com o pai, tendo um irmão. O pai atuando como garçom.

EVELIM, 9 anos, moradora no bairro do Tabuleiro com o pai e com a mãe. O pai atuando como instalador de ar condicionado. A mãe como dona de casa.

MULHER MARAVILHA, 10 anos, natural de Mato Grosso. Vivendo há 1 ano e 6 meses em Matinhos. Mudou de cidade e não houve tempo de saber sua composição familiar.

BOB ESPONJA, 11 anos, morador no bairro de Caiobá com a mãe e dois irmãos. Os pais atuando como zeladores de condomínio residencial.

Com relação à turma do 5º ano A, que era composta por 18 alunos matriculados, destes, participaram da pesquisa 10 crianças. São elas:

FERNANDINHO, 9 anos, morando no bairro Tabuleiro com os pais. O pai atuando como garçom e a mãe atendente.

GUSTAVO, 9 anos, morador do bairro de Caiobá com os pais. Ambos atuando como zeladores de condomínio residencial.

LUIZA, 10 anos, morando no bairro de Caiobá com os pais. O pai sendo comerciante e a mãe zeladora de condomínio residencial.

LARISSA MANOELA, 9 anos, moradora do bairro Tabuleiro, com os pais. O pai atuando como chef de cozinha e a mãe diarista.

MARCOS, 9 anos, residindo no bairro Vila Nova com a mãe e uma irmã. A mãe sendo confeiteira.

MARIA, 9 anos, é irmã de Marcos.

KATI, 10 anos, morando no bairro de Caiobá com os pais e uma irmã. Os pais atuando como vendedores.

JIM, 10 anos, residindo no bairro do Tabuleiro com o padrasto e a mãe. Ambos sendo atendentes.

MARIA VITÓRIA, 10 anos, morando no bairro de Caiobá com os pais, ambos atuando como zeladores de condomínio residencial.

DIM, 9 anos, morando no bairro Centro com a mãe e um irmão. A mãe sendo estudante.

Em se tratando da turma do 5º ano da escola privada, que era composta por 19 alunos, foram 18 os partícipes da pesquisa. São eles:

VIOLETA, 9 anos, morando no bairro Centro, juntamente com os pais. A mãe sendo enfermeira e o pai dono de vidraçaria.

THALLES, 10 anos, morador do bairro Centro, juntamente com a mãe e uma irmã. A mãe sendo dona de pousada.

SAFIRA, 9 anos, morando no bairro Centro com a mãe e os avós maternos. O pai atuando como professor e a mãe diarista.

JOÃO VITOR, 9 anos, residindo no bairro Centro, juntamente com os pais. O pai sendo gerente geral de banco e a mãe do lar.

ANINHA, 9 anos, morando no bairro Centro com os pais. O pai sendo advogado. E ambos os pais atuando como proprietários de uma assistência técnica a computadores.

ANA, 9 anos, moradora no bairro Centro com os pais. O pai sendo funcionário público estadual e a mãe professora.

RAFAELLA, 9 anos, residente no bairro Rivieira com os pais. O pai sendo policial rodoviário federal e a mãe professora.

NATY, 9 anos, morando no bairro Solymar com os pais, que atuam como donos de panificadora.

DIEGO, 9 anos, residindo na cidade de Pontal do Paraná com os pais. A mãe sendo dentista e o pai dono de comércio de embalagem.

LUIZA, 10 anos, morando no bairro de Caiobá com a mãe e o padrasto. A mãe sendo fisioterapeuta e estudante. O padrasto engenheiro.

MIRANDA, 9 anos, mora no bairro Rivieira, com os pais. O pai é funcionário de uma empresa privada e a mãe é do lar.

VIOLETTA CASTILHO, 9 anos, mora no bairro Riveira com os pais, ambos atuando como proprietários de uma gráfica.

ISABELLA, 9 anos, mora no bairro Centro, com os pais e uma irmã. Os pais atuando como proprietários de um restaurante.

ZEDUS, 10 anos, mora no bairro Cabaraquara, que pertence ao município de Guaratuba, mas que se localiza mais próximo da cidade de Matinhos. Reside com os pais, que são proprietários de um restaurante no Cabaraquara.

ALANA, 9 anos, morando no bairro Centro com os pais e um irmão. O pai sendo médico e a mãe advogada.

MANU, 9 anos, morando na cidade litorânea de Pontal do Paraná com os pais. O pai atuando como proprietário de uma rede de lojas. A mãe do lar.

REBECA, 10 anos, morando no bairro Balneário de Perequê com os pais, ambos atuando como zeladores de condomínio residencial.

LUIZA, 9 anos, morando no bairro Bom Retiro com a avó, sendo essa proprietária de uma loja de aviamentos.

5.4 Apresentação dos resultados e reflexões acerca do formulário “Diário”

Conforme mencionado nos Procedimentos Metodológicos da Pesquisa, o formulário “Diário” constitui uma agenda elaborada pela pesquisadora, em adaptação ao modelo de Sarmiento (2000). Os diários foram entregues individualmente para os partícipes da pesquisa em semana anterior ao início da data de seu preenchimento, durante o período de uma semana (15 a 21 de abril de 2014), em horário extraclasse.

Teve como objetivo aprofundar o conhecimento sobre o cotidiano das crianças partícipes da pesquisa, conseqüentemente, dando abertura para conhecer um pouco mais dessas crianças fora do seu ambiente escolar.

Ao se realizar uma leitura de todos os diários dos alunos das turmas pesquisadas, observou-se que as categorias mais presentes em todos os diários lidos foram: Escola, TV, Religião, Necessidades, Atividades, Parentes. As categorias Viagem e Hospedagem foram destacadas devido ao interesse do tema do trabalho, no entanto, foram poucas as crianças que indicaram haver viajado no período da aplicação do formulário “Diário” e, conseqüentemente, de terem se hospedado em lugar que não o da sua residência.

5.4.1 Apresentação dos resultados do formulário “Diário” das turmas do 5º ano A e 5º ano B de escola pública

A categoria “Escola” foi identificada em 17 dos 18 formulários preenchidos pelas crianças das turmas 5º ano A e 5º ano B da escola pública pesquisada. Os comentários usuais para essa categoria foram: “Fui a escola” (Maria Vitória, 5º A, 16 de abril).

Com relação a “TV”, 15 alunos a citaram. “Assisti TV” (Fernandinho, 5º A. Dias, 18, 19, 20 e 21, no horário das 20h00 às 21h00).

Em se tratando da “Religião”, a grande maioria das crianças mencionou que foi à missa. “Eu fui na [sic] igreja a missa da

ressurreição de Cristo” (Gustavo 5º ano A, dia 19 de abril). “Eu fui a missa lá de Matinhos” (Trecko, 5º ano B, 20 de abril).

Na categoria “Necessidades”, constaram as necessidades básicas, alimentação, descanso e higiene pessoal, que se apresentaram muito usuais de serem relatadas pelas crianças. Por exemplo: “tomei café” (Fernandinho, 5º A, 19, 20 e 21 de abril, das 8h00 às 9h00); “tomei banho e depois fui dormir” (Hulk, 5º B, 17 de abril, a partir das 20h15); “eu almocei e comi sobremesa” (Trecko, 5º B, 16 de abril, das 12h00 às 13h00).

Com relação a “Computador”, esta categoria abarcou computadores de mesa e portáteis, como os tablets e os notebooks, bem como os smartphones e similares. As crianças o destacaram da seguinte forma: “Fui para o computador” (Hulk, 5º B, 18 de abril); “mechi no notbook” (Maria Vitória, 5º A, 19 de abril, das 9h00 às 10h00).

Quanto às “Atividades”, esta categoria agregou atividades extraclases, tais como brincadeiras, aulas de inglês, atividades físicas, compras, entre outros. Foram mencionadas por todas as crianças, como por exemplo: “Fui andar de skate” (Marcos, 5º A); Fui ao SESC (Dim, 5º A); “Fui no iati [sic] passear de barco” (Luiza, 5º A, 21 de abril). “Fui brincar [...] Fui pescar [...] Brinquei de boneco [...] Brinquei de estilingue” (Fernandinho, 5º A, dia 18/04/2014 das 17h10 às 18h15 e dia 19/04/2014 das 9h50 às 12h00). “Fui brincar com os meus brinquedos” (Jack Shan, 15 de abril 5º B).

Ainda com relação às Atividades, 6 crianças mencionaram que foram ao SESC (Serviço Social do Comércio)⁴², 12 crianças mencionaram a palavra “brincar”, ou “brinquei” ou “brinquedo”.

Apenas uma criança escreveu que foi fazer compras. Somente uma criança relatou ter lido um livro. “Fui ler um livro” (Sara, 5º B, 15 de abril 14h10 as 14h40). Ademais, 2 crianças relataram ter ido à praia no período de 15 a 21 de abril.

⁴² O Serviço Social do Comércio (SESC), Unidade Matinhos (PR), possui um projeto extracurricular para alunos de ensino fundamental de escola pública.

Com relação a “Parentes”, essa foi mencionada por 12 dos alunos pesquisados. Inserem-se nessa categoria, familiares tais como: tios, avós, primos, entre outros.

As duas últimas categorias, “Viagem” e “Hospedagem”, foram destacadas devido à temática do trabalho. Todavia, apenas 3 crianças mencionaram que foram viajar. Dessas, todas para a casa de parentes. “Fui viajar, mas não gostei. Não tinha televisão não tinha internete [sic]” (Marcos, 5º A, 18 de abril de 2014). “Fui viajar para a casa da minha tia” (Maria, 5º A, 17/04/2014). Maria e Marcos são irmãos.

Nas TABELAS 2 e 3, apresentam-se as categorias identificadas nos diários preenchidos pelos alunos do 5º ano A de escola pública. Tais categorias estão marcadas com um (x), ao passo que as categorias não identificadas foram marcadas com um (-).

TABELA 2 - CATEGORIAS IDENTIFICADAS NOS DIÁRIOS PREENCHIDOS PELOS ALUNOS DO 5º ANO A DE ESCOLA PÚBLICA

NOMES	CATEGORIAS IDENTIFICADAS								
	ESCOLA	TV	RELIGIÃO	NECESSIDADES	COMPUTADOR	ATIVIDADES	PARENTES	VIAGEM	HOSPEDAGEM
LARISSA MANSELA	x	x	-	x	-	x	x	-	-
MARCOS	x	x	-	x	x	x	-	x	-
MARIA	-	x	x	x	x	x	x	x	-
KATI	x	x	x	x	x	x	x	-	-
JIM	x	x	x	x	x	x	-	-	-
MARIA VITORIA	x	x	x	x	x	x	x	x	-
DIM	x	x	-	x	-	x	x	-	-
LUIZA	x	x	-	x	-	x	x	-	-
FERNANDINHO	x	x		x	x	x	x	-	-

Fonte: A autora

TABELA 3- CATEGORIAS IDENTIFICADAS NOS DIÁRIOS PREENCHIDOS PELOS ALUNOS DO 5º ANO B DE ESCOLA PÚBLICA

CATEGORIAS IDENTIFICADAS									
NOMES	ESCOLA	TV	RELIGIÃO	NECESSIDADES	COMPUTADOR	ATIVIDADES	PARENTES	VIAGEM	HOSPEDAGEM
JACK SHAN	x	-	-	x	-	x	-	-	-
HULK	x	X	-	x	x	x	x	-	-
MARCOS	x	X	x	x	x	x	x	-	-
BOB ESPONJA	x	-	-	x	x	x	-	-	-
EVELIM	x	X	x	x	-	x	x	-	-
SARA	x	X	x	x	-	x	-	-	-
EDUARDA	x	X		x	-	x	x	-	-
JACK SHAN	x	-	-	x	-	x	-	-	-

FONTE: A autora

Para ilustrar mais do referido formulário “Diário”, as FIGURAS 1, 2 e 3, a seguir, apresentam, respectivamente: a capa do Diário, estilizada pelo aluno Trecko (FIGURA 1); uma página do Diário preenchida pela aluna Luiza (FIGURA 2); e os autorretratos de alguns dos alunos que preencheram o Diário (FIGURA 3).

FIGURA 1 - CAPA DO DIÁRIO DE TRECKO (5º B)



FONTE: Pesquisa de campo

FIGURA 2 – PÁGINA DO DIÁRIO DE LUIZA (5º A)

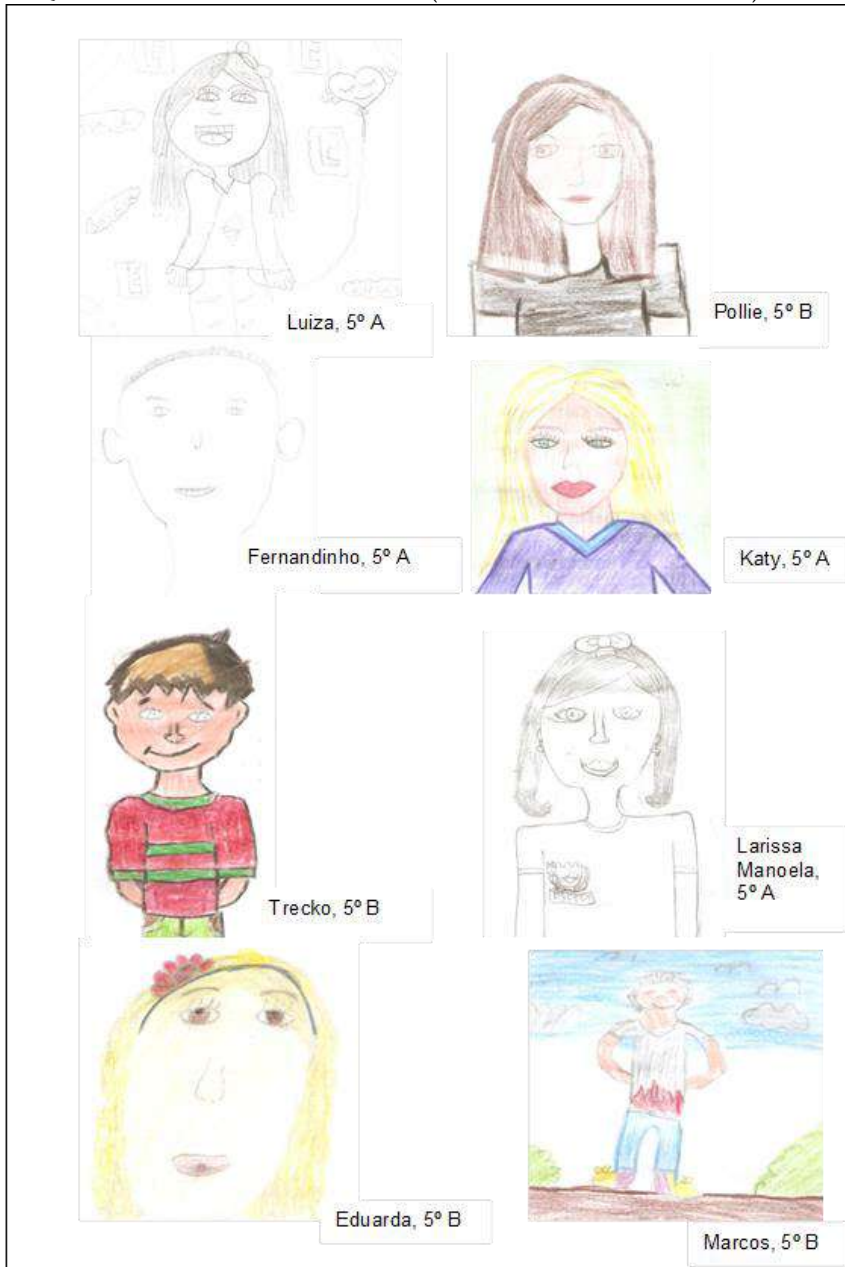
O dia de hoje é 28/04/2014 Abel

O que fiz hoje

Comecei	O que eu fiz	Acabei
10:50	Comi a Joma. café	11:00
11:00	Brigadeira	12:30
12:30	Comi a Joma	13:00
13:00	De manhã	13:30
13:30	Comi a Joma de mais	14:30
14:00	Comi no restaurante	15:30
15:30	Comi Joma	15:55
00:30	Comi dormi	

FONTE: Pesquisa de campo

FIGURA 3 - AUTORRETRATOS DE ALGUMAS DAS CRIANÇAS PESQUISADAS NA ESCOLA PÚBLICA (turmas do 5º ano A e 5º ano B)



FONTE: Pesquisa de campo

5.4.2 Apresentação dos resultados do formulário “Diário” das turmas do 5º ano de escola privada

A categoria “Escola” foi identificada em 13 dos 15 formulários preenchidos pelas crianças da turma 5º ano do Colégio Dom Bosco. Nessa categoria, as crianças apresentaram frases como: “fui pra aula” (Alana); “voltei da escola” (Miranda).

Em “TV”, apenas 2 crianças não fizeram menção a essa categoria. As frases mais recorrentes foram: “fui assistir TV” (Safira), “assisti TV” (Luiza).

Com relação à categoria “Religião”, 8 crianças citaram ter ido à missa ou à igreja.

Quanto à categoria “Necessidades”, à exceção de Naty, todos os alunos escreveram em seus diários algo relacionado a necessidades, especialmente em se tratando de alimentação, descanso e higiene pessoal.

Em “Atividades”, 2 crianças mencionaram ir a aulas de musicalização: piano e violão; 2 citaram aulas de natação; 4 crianças mencionaram as aulas de Inglês; 1aluno citou aulas de artes marciais; 2 alunos citaram aulas de futebol, tendo um deles citado, também aulas de vôlei; 4 crianças mencionaram ir às compras. A palavra “brincar” ou “brinquei” ou “brincadeira” foi citada por 4 crianças, e 2 crianças mencionaram ter ido à praia. Como exemplo da rotina de uma criança em seu período extraclasse, cita-se Isabella, que mencionou ir às compras, ter aulas de Inglês, de Natação e brincar de boneca. Diego citou ir a compras, ir ao *taeknowndo*, ao futebol e ao Inglês. Luiza mencionou brincar, ler gibis, ir a aulas de teatro e ir à praia.

Em se tratando de “Parentes”, esta categoria foi mencionada por 9 alunos.

Com relação às categorias “Viagem” e “Hospedagem”, João Vitor, citou: “Eu fui nas dunas de areia”, no dia 16 de abril, das 9h00 às 10h00. Também são dele as seguintes palavras: “Descansei no quarto, depois fui na ponte do terror, na piscina e fui na recreação” (16 de abril, das 13h00 às 20h00). O referido aluno esteve em

Florianópolis. Durante a viagem fez parada, com sua família, em Balneário Camboriú, Caçador e Videira, todas cidades pertencentes ao território catarinense. Quanto à hospedagem, João Vitor mencionou: “meus pais me dexarão [sic] na recreação [no hotel] e forão [sic] fazer uma caminhada” (dia 16 de abril, das 8h00 às 9h00). A aluna Violeta Castillo viajou com seus pais a Salvador. Descreveu a viagem de avião, as atividades realizadas, a hospedagem e as experiências gastronômicas:

[...] comi biju que significa tapioca de doce de leite. O Luca comeu pastel. A mãe comeu acarajé e o pai também” [...] “O hotel é lindo tem tudo o que eu mais gostei foi da piscina e do computador da Apple [...] Fui ao Museu Santa Maria [...] o mar vem as ondas vai pra trás e forma uma bola e a onda bate com tudo [...] fui na praia do forte é legal eu fiz mergulhu e tirei fotos de baixa da água é muitooo legal [...] fui pro pelorinho onde tem muito ladrão mas não me roubou [...]fui pro aeroporto. o pai fez chequinho⁴³. Peguei o avião fiz conexão para o outro [...] peguei a van do park centro (VIOLETA CASTILLO, dias 16 a 21 de abril).

Thalles mencionou que, no dia 18 de abril, das 12h10 às 12h20, arrumou sua mala, e que das 13h15 às 14h30 estava “viajando”. Todavia, não mencionou o destino e as atividades realizadas.

Rafaella e Luiza mencionaram ter ido a Curitiba e a Morretes, respectivamente. Contudo, não detalharam as atividades realizadas nessas cidades.

Na TABELA 4, apresentam-se as categorias identificadas nos diários preenchidos pelos alunos do 5º ano de escola privada.

⁴³ A aluna quis escrever ‘check-in’.

TABELA 4 - CATEGORIAS IDENTIFICADAS NOS DIÁRIOS PREENCHIDOS PELOS ALUNOS DO COLÉGIO PARTICULAR

CATEGORIAS IDENTIFICADAS									
NOMES	ESCOLA	TV	RELIGIÃO	NECESSIDADES	COMPUTADOR	ATIVIDADES	PARENTES	VIAGEM	HOSPEDAGEM
VIOLETA	x	x	x	x	x	x	x	-	-
THALLES	x	x	-	x	x	x	x	x	-
SAFIRA	x	x	-	x		x	x		-
ANINHA	x	x	x	x	x	x	-	-	-
ANA	x	x	x	x	x	x	x	-	-
RAFAELLA	x	x	-	x	x	x	x	x	-
NATY	x	x	x	-	x	-	-	-	-
DIEGO	x	-	-	x	x	x	-	-	-
LUIZA	x	x	x	x	x	x	x	x	-
LUISA	-	x	x	x	x	x	-	-	-
MIRANDA	x	-	-	x	-	x	-	-	-
ALANA	x	x	x	x	x	x	x	-	-
VIOLETA CASTILIO	-	-	-	x	-	x	x	x	x
ISABELLA	x	x	x	x	x	x	x	-	-
JOÃO VITOR	x	x	-	x	x	x	-	x	x

FONTE: A autora

Para maiores ilustrações do formulário “Diário”, as FIGURAS 4, 5 e 6, a seguir, apresentam, respectivamente: a capa do Diário, estilizada pela aluna Aninha (FIGURA 4); uma página do Diário preenchida pela aluna Isabella (FIGURA 5); e os AUTORRETRATOS de alguns alunos que preencheram o Diário (FIGURA 6).

FIGURA 4 - CAPA DO DIÁRIO DE ANINHA



FONTE: Pesquisa de campo

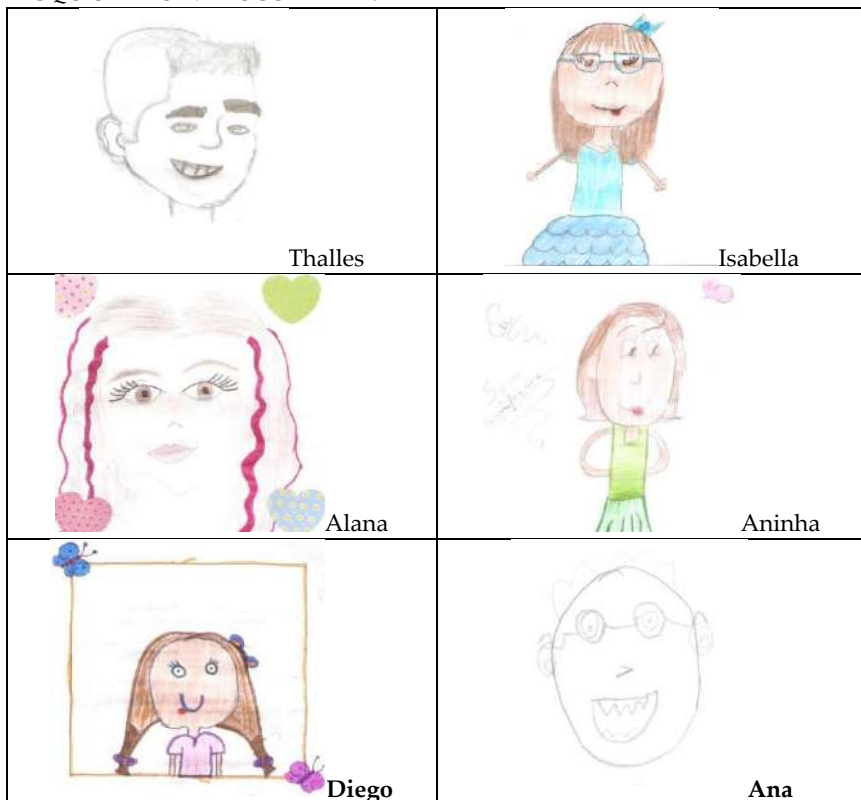
FIGURA 5 - PÁGINA DO DIÁRIO PREENCHIDA PELA ALUNA ISABELLA

14 de maio de 2019

Tempo	Atividade	Local
17:00	Comprei um bolo	Rua do
17:15	Comprei um bolo	Rua do
17:30	Comprei um bolo	Rua do
17:45	Comprei um bolo	Rua do
18:00	Comprei um bolo	Rua do
18:15	Comprei um bolo	Rua do
18:30	Comprei um bolo	Rua do
18:45	Comprei um bolo	Rua do
19:00	Comprei um bolo	Rua do
19:15	Comprei um bolo	Rua do
19:30	Comprei um bolo	Rua do
19:45	Comprei um bolo	Rua do
20:00	Comprei um bolo	Rua do
20:15	Comprei um bolo	Rua do
20:30	Comprei um bolo	Rua do
20:45	Comprei um bolo	Rua do
21:00	Comprei um bolo	Rua do

FONTE: Pesquisa de campo

FIGURA 6 - AUTORRETRATOS DE ALGUMAS DAS CRIANÇAS PESQUISADAS NA ESCOLA PRIVADA



FONTE: Pesquisa de campo

5.4.3 Reflexões sobre os resultados obtidos no formulário “Diário”

A partir do exposto pelas crianças de ambas escolas, por meio do preenchimento do formulário “Diário”, durante o período de uma semana, pôde-se notar que o cotidiano das crianças residentes em Matinhos, sejam os alunos de escola pública ou privada, como também moradores de diferentes bairros ou até mesmo de outras cidades, apresentou-se relativamente parecido.

As crianças, de modo geral, citaram a escola como algo do seu dia a dia, gostavam de comentar assuntos relativos às suas necessidades pessoais, e citaram a TV e o computador como rotineiros em sua agenda.

Com relação ao hábito de assistir televisão, encontra-se nas palavras já citadas de Souza e Pereira (2005) sobre a televisão se transformar em babá. Contemporaneizando, há que se notar que a nova babá pode ser considerada o computador. Nesse sentido, os resultados do preenchimento do Diário endossam o hábito das crianças brasileiras de “mexer” no computador e terem acesso, logo na primeira infância, à Internet.

Com relação à categoria “Parentes”, esta foi destacada com o intuito de se perceber a identidade com o lugar; conforme mencionado por Mello (1990, p.105), “o sentido de lugar envolve enraizamento, amizade e simbolismo”. Doze crianças da escola pública mencionaram que frequentaram a casa de seus parentes, que residem em Matinhos. Com relação aos alunos da escola privada, 9 citaram, de alguma forma, sua relação com os parentes. Considerando que os formulários preenchidos pelas crianças da escola pública foram 18 e da escola privada foram 15, constata-se ter havido um equilíbrio nesta categoria.

Em se tratando de “Religião”, observa-se que as referências são as mesmas da categoria “Parentes”, no que diz respeito ao sentido do lugar envolver enraizamento, amizade e simbolismo, o que pode ser percebido quando se frequenta uma organização religiosa; o simbolismo, nesse caso, absorve nas questões primeiras de fé e religiosidade.

Em continuidade, as diferenças notadas com relação ao cotidiano das crianças participantes da pesquisa dizem respeito às atividades extracurriculares. As crianças da escola pública citaram, com certa frequência, sua participação no Projeto SESC (Serviço Social do Comércio). Enquanto isso, as crianças da escola privada citaram outras atividades, tais como: natação, aulas de inglês, aulas de musicalização e compras. As singularidades apresentadas parecem ter o cunho econômico como conjuntura. Nesse sentido, as crianças da escola particular possuem uma “agenda lotada”. Conforme mencionado por Popcorn (2002), há de haver uma nova geração de crianças criadas sem excesso de programação, que ela cunhou como “crianças de vida livre”.

A dimensão anteriormente exposta acarreta em questões de ordem sociocultural, pois evidenciou-se que a palavra “brincar” foi mais usual nas crianças da escola pública: enquanto 12 alunos dessa escola a mencionaram, apenas 4 alunos da escola particular o fizeram. Ressalta-se que, conforme o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2005),⁴⁴ o brincar está para a criança assim como o trabalho está para o adulto. Brincando, a criança exercita sua imaginação, seu autoconhecimento e, sobretudo, tem seus momentos de ser efetivamente criança e de ter uma infância sadia.

Conforme citado, para Marcellino (2006), uma das maiores problemáticas da restrição de tempo e espaço para a criança é que ela acaba reduzindo a sua cultura infantil praticamente ao consumo de bens culturais produzidos não por ela, mas para ela, seguindo critérios de adultos, incentivando a transformação do brinquedo em mercadoria.

Outra diferença notada foi com relação às viagens. Enquanto nenhuma criança da escola pública relatou uma viagem a turismo para determinado destino, 2 crianças o fizeram na escola privada. Conforme já citado, 1 aluna relatou, com bastante detalhes, sua ida a Salvador. Outro aluno destacou uma viagem a Florianópolis (SC),

⁴⁴ Originalmente, no idioma Inglês a sigla tem como significado United Nations International Children's Emergency Fund (UNICEF).

com paradas nas cidades de Balneário Camboriú, Videira e Caçador, todas pertencentes ao estado catarinense.

A partir do exposto pelos 2 alunos que descreveram com maiores detalhes suas experiências enquanto turistas, bem como todos os demais alunos partícipes da pesquisa, pôde-se perceber que as crianças registraram tanto a sua rotina do cotidiano, quanto os seus momentos “extraordinários do ordinário”, conforme Lefebvre (1984, p. 51).

Assim, como exemplo, a necessidade básica do alimentar-se, registrada pelas crianças, também o foi para aquelas que realizaram viagens turísticas; no entanto, ao expor o seu café da manhã, por exemplo, Violeta Castillo mencionou alimentos que não faziam parte da rotina de seu cotidiano, de suas atividades repetitivas, triviais. Nesse sentido, houve, dentro da abrangência do cotidiano, a possibilidade de encontrar o inesperado, margeando a inovação (LEFEBVRE, 1984).

Ao final dessa sessão, ressalta-se que não há a intenção, neste trabalho, de aprofundar temas ora expostos por meio das categorias de análise e tampouco vaticinar se determinadas crianças têm uma infância mais sadia que outras, a partir do que elas preencheram no formulário “Diário”.

Assim, a apresentação das características expostas por meio das categorias foi apontada com o intuito de uma reflexão sobre as singularidades, bem como as generalidades do cotidiano de crianças e suas infâncias em Matinhos. Também, esclareça-se que, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, os dados numéricos podem não expressar o real em sua totalidade.

Assim, buscou-se conhecer a abrangência do cotidiano das crianças para, posteriormente, verificar seus os sentimentos e sua percepção face ao binômio turismo e cotidiano, o que será apresentado nos resultados dos questionários respondidos pelos alunos partícipes da pesquisa no tópico 5.6.

5.5 Apresentação das entrevistas com as professoras responsáveis pelas turmas pesquisadas

As duas entrevistas realizadas com as professoras K.B. (5º ano A, da Escola Municipal) e M. S. (5º ano, do Colégio particular) tiveram como objetivo observar em espaço escolar o que se estava sendo refletido junto às crianças sobre o turismo em sua localidade, bem como saber a percepção das educadoras face ao binômio turismo e cotidiano.

A primeira entrevista é a da Profa K.B. Realizou-se no dia 2 de junho de 2014, às 9h20 e teve duração de 23 minutos. Foi concedida no período de aula, enquanto os alunos copiavam um texto exposto no quadro de giz.

Anteriormente ao início da entrevista propriamente dita, foi explanado para a educadora quais eram os objetivos centrais da entrevista, a média de duração de tempo, os principais tópicos que seriam abordados, bem como o pedido de aceite para a gravação de voz.

Toda a entrevista foi gravada e posteriormente ouvida, em média cinco vezes para cada resposta, para ser transcrita, literalmente, conforme os trechos apresentados a seguir.

Com relação à pergunta se existia alguma matéria específica ou um tópico sobre o turismo a ser abordado durante o ano letivo, a professora respondeu que:

No 4º ano aprendem turismo em nível de município e estado e no 5º ano revisa município, estado e fundamenta a nível nacional. Ela é relacionada com o desenvolvimento do município e do estado. Tenta relacionar com a vivência que eles têm, como por exemplo, a profissão exercida pelos pais, as atividades econômicas que eles têm na cidade. Não relacionam com o conceito de turismo, mas com a alta temporada como é popularmente chamada. A matéria específica é a Geografia (Professora do 5º ano A, comunicação verbal).

Com relação à percepção da professora sobre o que as crianças pensavam do turismo em Matinhos, a resposta foi que algumas

crianças demonstravam ter grande aceitação, devido aos eventos que ocorrem na cidade no período da alta temporada. “Porém, alguns cujos pais trabalham muito no mesmo período, perdem a presença dos pais, pois o trabalho aumenta” (Professora do 5º ano A, comunicação verbal).

Ao ser indagada sobre a opinião da criança estar refletida na opinião dos pais, a resposta foi: “Sim. Eles podem ter opinião própria, mas se o pai se estressa muito, o filho não vai gostar. Vão reproduzir um conceito familiar”.

Sobre os aspectos positivos no contato com os turistas, a educadora mencionou: “A questão da amizade se constrói. A maioria [dos alunos da Escola Municipal Caetana Paranhos] são filhos de zeladores. Todo ano vem [veranistas] e todos os anos vão se relacionando”.

Em se tratando de as crianças viajarem ou realizarem passeios, a entrevistada mencionou que, mesmo na alta temporada, eram crianças que costumavam permanecer em Matinhos. “O máximo que escuto falar é Curitiba. Mais na questão da saúde ou visitar a avó que não está muito bem. O máximo é Paranaguá e Curitiba” (Professora do 5º ano A, comunicação verbal).

Referente à pergunta: que tipo de valores são transmitidos às crianças com relação ao bairro e à cidade onde moram? A entrevistada respondeu exemplificando que, no ano de 2013, eles interagiram com um projeto da Ecovia, que trabalhava a questão da reciclagem do lixo, e também abordava o que precisava melhorar no bairro onde moravam e o que se poderia fazer para obterem tais melhorias. Durante esse mesmo projeto, os alunos, acompanhados da professora, foram visitar um restaurante na Comunidade de Cabaraquara. O objetivo era “relacionar o que o município oferece e o que isso pode ser revertido para a renda familiar. Depois da visita, montaram uma árvore, o muro das lamentações, para saber o que podia ser mudado no seu bairro”.

Em se tratando da opinião da entrevistada com relação ao turismo contribuir para melhoria da qualidade de vida, a seguinte resposta foi dada:

Eu acredito que o turismo tem tudo para favorecer o município. Aumentar a renda familiar, o trabalho, indiretamente, mesmo que não seja carteira registrada. Porém, eu acredito que o município está oferecendo pouco incentivo ao turismo. Vê que a cada ano o nosso público vem se tornando uma clientela muito jovem. Não vem com o intuito de conhecer as belezas naturais. E sim por uma questão de bagunça propriamente dita. Deveria ter projetos que incentivem os turistas a realmente conhecer as belezas naturais. E que não fique no carnaval e festa. Que compreendam o que é o lazer da praia, que a gente tem uma vida própria. Tem uma vida durante o ano (Professora do 5º ano A, comunicação verbal).

Ao buscar um aprofundamento maior na pergunta anterior, a entrevistadora perguntou a opinião da professora sobre a população local estar preparada para receber bem o turista. A entrevistada respondeu:

Não. Precisa de qualificação para que as pessoas tratem bem o turista. Tem a questão do preço. Para não aumentar de forma exorbitante. A população vê a alta temporada com maus olhos, devido preço, barulho. A cada ano está tendo mais aversão ao turismo [em tom grave] (Professora do 5º ano A, comunicação verbal).

Com relação à percepção particular da educadora quanto ao turismo em sua cidade, a resposta foi a seguinte: “eu gosto da baixa temporada [risos]. Eu sou mais sossegada. Gosto da calma. Mas, tem que saber conciliar as coisas [semblante sério]. Na alta temporada tem que estar preparado para receber”.

Encerrou-se a entrevista, agradecendo-se a contribuição da professora.

A segunda entrevista foi realizada no dia 10 de junho de 2014, às 14h20, nas dependências do Colégio particular, em hora atividade da educadora responsável pela turma do 5º ano da referida escola.

Os mesmos procedimentos foram adotados no sentido de situar a entrevistada sobre o tempo médio de duração da entrevista e os principais tópicos a serem abordados. Após o aceite da gravação, iniciaram-se as perguntas.

Com relação à pergunta: “Existe alguma matéria específica ou tópico a ser abordado durante o presente ano letivo com relação ao Turismo?”. A resposta foi:

Como eu mostrei pra você no material didático, a nossa apostila tem vários conteúdos voltados para o turismo, em todas as disciplinas. Em Português, vai apresentar textos e interpretação. Em Matemática, vai trabalhar sobre números de turistas. Em Artes, vai ver monumentos de cada cidade. Em Geografia e História, há conceitos dessas disciplinas voltados para o tema. É um conteúdo bem presente no 5º ano (Professora do 5º ano, comunicação verbal).

A entrevistadora perguntou: “Tais conteúdos são direcionados para a realidade local, para o desenvolvimento do município?” A resposta foi:

Isso só é falado, não tem no material didático. Quando a gente trabalha, é uma dificuldade tremenda, inclusive sobre a cultura, sobre o que fazer em Matinhos. Não tem um museu para visitar. As crianças em História têm um conteúdo sobre lazer e turismo na cidade. A gente costuma fazer cartas com o intuito de levar para os responsáveis para dizer o que está faltando. Em Matinhos, é muito difícil trabalhar porque falta. Falta uma organização voltada para isso. A gente vai conversando e refletindo sobre o que está faltando (Professora do 5º ano, comunicação verbal).

Com relação à pergunta sobre a percepção da educadora quanto ao que as crianças pensavam do turismo em Matinhos, a seguinte resposta foi dada:

Depois que você [a entrevistadora] começou o trabalho, eles começaram a verbalizar mais isso. Começaram a falar como é a temporada para eles. Na grande maioria, eles ‘detestam’ [em tom grave] a temporada. Porque eles ficam trancados, porque as pessoas são mal-educadas. Porque a gente trabalha o ano todo essa consciência de manter a praia limpa e os turistas não deixam limpo. Eles percebem as sinalizações e as pessoas não respeitam o trânsito. Eles ficam estressados. Por conta também dos trabalhos dos pais, que envolve muito receber esses turistas, então os pais trabalham mais, então as crianças se cansam muito. Eles preferem a cidade durante o ano, do que nos meses que mais recebem os turistas. Agora eles têm falado muito isso assim (Professora do 5º ano, comunicação verbal).

A entrevistadora acrescentou: “Os pais estão cientes disso?” A resposta da educadora foi:

Eu acho que não. Acho que a sensação dos pais também é desse ‘cansaço’ [com voz espaçada]. Mas se preparam tanto para esse período de receber, de lucrar mais que acabam não percebendo qual a sensação da criança, o que ela está sentindo aí (Professora do 5º ano, comunicação verbal).

Nessa fase da entrevista, houve um comentário mútuo entre entrevistadora e entrevistada. A entrevistadora mencionou: “Dá a impressão de que os pais acham que, para as crianças, tanto faz. Enquanto elas têm suas opiniões que são, muitas vezes, divergentes das opiniões dos pais”. E a entrevistadora respondeu: “É exatamente isso o que penso”. E complementou:

Aqui a gente tem isso, que você [a criança] tem que ficar [em casa] porque o pai tem que trabalhar, porque daí eu tenho como comprar tal coisa, porque é a época que mais se lucra. Acabam transferindo esses valores para as crianças e não é isso que realmente importa (Professora do 5º ano, comunicação verbal).

A entrevistadora perguntou: “Seria como se eles tivessem mudando sempre de cidade?” A educadora respondeu:

Sim, porque é uma outra cidade. Uma cidade que não tem estrutura para receber o dobro, o triplo da população. Nós moramos aqui, sofremos com a falta de água, com o lixo, pois não tem coleta correta do lixo, o barulho excessivo. Nas férias a gente acaba querendo sair de Matinhos (Professora do 5º ano, comunicação verbal).

Para a referida professora, as crianças também percebem essas alterações no cotidiano: “Eles falam muito disso. Quando é véspera de feriado, também, eles falam muito. Chegam ‘agitadíssimos’ [em tom grave]. Nas duas faixas etárias⁴⁵ eles vêm bem mais agitados”.

⁴⁵ A educadora se referia à faixa etária correspondente aos alunos do 1º ano, no qual era professora responsável à tarde, bem como a faixa etária correspondente aos alunos do 5º ano, no qual era professora responsável pela manhã, sendo essa última a turma pesquisada.

Com relação às crianças fazerem passeios durante o ano letivo, a professora respondeu positivamente à pergunta:

Sim, costumamos fazer bastante. Esse semestre não fizemos por conta da Copa, que atrapalhou muito. Para o segundo semestre vamos no Museu Oscar Niemayer. O ano passado nós fomos à Vila Velha. A gente vai para Paranaguá. Eu gosto de fazer viagens que tenham a ver com o conteúdo. Não só ir por ir. O ano passado a gente foi no Escher⁴⁶. Eles mexeram nas obras que estavam no papel. Agora, aonde a gente vai, que eles querem muito ir, é no Aquário⁴⁷ (Professora do 5º ano, comunicação verbal).

Com relação à pergunta: “Em sua opinião, o turismo contribuiu para melhorar a infraestrutura e a qualidade de vida?” A seguinte resposta foi dada:

O turismo deveria ser um fator que ajudasse a nossa cidade no desenvolvimento, por ser uma forma de renda, de manter o comércio girando e tudo o mais. Só que no meu entendimento não há uma organização para isso. Então, você só receber a pessoa para a pessoa nunca mais querer vir e ainda a pessoa ficar falando mal da cidade, é melhor que nem venha. E uma coisa que eu fico bem chateada com relação a isso é porque nós somos moradores daqui. Fazemos uso de farmácia, dos mercados, das panificadoras o ano inteiro. Chega final de novembro tudo aumenta. Tudo sobe. Não se pensou a longo prazo. Então, a gente recebe. Mas como? Mas aonde esse povo vai ficar? Como é a organização da praia? Falta a infraestrutura da cidade para receber essa população. Vem gente, é ótimo! Mas, parece que Matinhos parou no tempo. Não está evoluindo.

Nesse ponto da entrevista, a educadora mencionou também seu descontentamento com relação às atividades de lazer para a população local:

Na temporada vai à praia. Se chove, o que você faz? Não se vê incentivo à Cultura. Não tem contação de histórias numa tarde de domingo na praça.

⁴⁶ A educadora se referia à mostra “A magia de Escher”, que ocorreu o ano de 2013 no Museu Oscar Niemeyer (MON), em Curitiba, e que reuniu 85 obras, entre gravuras originais, desenhos e *fac-símiles*, incluindo todos os trabalhos mais conhecidos do artista, tendo sido a mais completa exposição já realizada no Brasil dedicada ao artista gráfico holandês Maurits Cornelis Escher (1898 -1972). Fonte: <<http://www.museuoscarniemeyer.org.br/exposicoes/exposicoes/escher>>.

⁴⁷ A educadora se referia ao Aquário de Paranaguá.

Um passeio de bicicleta. Ter o que fazer a não ser ir à praia. Então, choveu, você fica em casa jogando baralho e fica entediado. Quando eu era mais jovem, minha mãe me levava em *shows*. Tinha *shows* na beira da praia que eram gratuitos. Hoje você não tem mais nada. Carnaval era bem mais organizado. Vinham artistas que você gostava de ver e era uma festa. Esse ano, por exemplo, foi um caos. Para o turismo, se tinha gente que ainda apostava em Matinhos, mais da metade não vai mais querer vir. Porque foi ridículo o que aconteceu. O pessoal ia e ficava esperando. A pesquisa⁴⁸ só foi para constar, não foi um censo. Eu tenho parentes que vem como turistas. E eles falam mal. E a gente não tem como falar nada porque é verdade (Professora do 5º ano, comunicação verbal).

Diante o comentário da professora, a pesquisadora perguntou sobre quais eram os valores transmitidos às crianças com relação ao lugar onde estavam vivendo. A resposta foi: “Na escola fala muito em valorizar o lugar. Eu falo para eles que daqui seis anos eles poderão votar. Desde essa faixa etária é importante desenvolver a consciência”.

Com relação à pergunta: “Em sua opinião, o matinhense atende bem o turista?” A resposta da entrevistada foi:

É difícil ter um matinhense em Matinhos. O meu pai é matinhense, nasceu aqui. O meu avô é caiçara, primeiro salva vidas, coisas assim. A gente recebe muitas pessoas de vários lugares, mas não fixam raízes. Eles vêm e vão. Se vai ao comércio, a grande maioria dos atendentes não são matinhenses. Tem lugares que eu gosto de frequentar e sou bem atendida e tem lugares que sou atendida de maneira precária, péssimo. Independente de sua classe social, você vê uma má vontade. Só que eu acho que isso está muito mais voltado a não preparação dessas pessoas para receber o turista. Você não entra numa loja e vê funcionário que sabe falar espanhol, porque agora a gente está recebendo argentinos. Eles também não são valorizados e recebem pouco para trabalhar das 9 à meia-noite (Professora do 5º ano, comunicação verbal).

⁴⁸ A entrevistada se referia à pesquisa realizada no *site* da Prefeitura Municipal de Matinhos, em período anterior ao do feriado de Carnaval do ano de 2014, perguntando se a população gostaria de ter carnaval com bandas, sem bandas, com trio elétricos ou sem trio elétricos.

A entrevistadora insistiu, perguntando: “Se Matinhos não fosse turística, o atendimento seria melhor?” A educadora mencionou:

Mesmo se não fosse uma cidade de praia, de veraneio, não existe mais um preparo. As pessoas não querem mais trabalhar. Não sei se tem a ver com os planos do Governo... Falta essa preparação. O nível de escolaridade [pausa]. Se tem aprendido muito pouco. É só números. A minha sensação é que a gente vive a beira de um caos (Professora do 5º ano, comunicação verbal).

Com relação à falta ou não de identidade com o lugar, se poderia ter alguma influência na dinâmica da cidade, a resposta foi: “Minha madrinha foi em casa e disse que foi na missa e só reconheceu duas pessoas. Ela estava aborrecida que não conhece mais ninguém. Até os vereadores, todos são de fora. Se você não se envolve, não vai desenvolver o lugar”.

Por fim, a entrevistadora deixou um espaço livre para a entrevistada se expressar, e ela o fez com a seguinte mensagem:

Pensando na nossa cidade, muita coisa tem que melhorar. Ainda bem que tem pesquisadores como você. Que estão colocando isso com dados e coisas mais específicas. Ver o que a gente precisa fazer para melhorar. O meu intuito é continuar em Matinhos. Eu quero que minha filha cresça em uma cidade que haja organização, empenho. Por parte dos governantes e da população (Professora do 5º ano, comunicação verbal).

A entrevistadora encerrou a entrevista agradecendo à professora.

Como acréscimo de informações às entrevistas, há que se notar que ambas as professoras possuíam a mesma faixa etária, acima de 25 anos e menos de 30 anos. O tempo de atuação profissional das mesmas também não destoou, tendo em vista que ambas possuíam mais de oito anos de docência. Observou-se, também, durante as aulas que a pesquisadora assistiu que as educadoras demonstraram afeto pelas crianças e se apresentaram preocupadas com o seu desempenho. Uma das educadoras possui pais e avós naturais de Matinhos, o que pode ter dado a tônica da entrevista. A outra

educadora é natural de Curitiba, mas reside em Matinhos há mais de 25 anos, o que também faz, segundo ela própria, sentir-se uma matinhense.

Notou-se que, mesmo com perfis parecidos, a coincidência das respostas apresentadas parece ter compatibilidade com o que a população matinhense pensa, de uma forma geral. As entrevistadas mencionaram que o turismo é um assunto abordado no 5º ano letivo. Observou-se que as educadoras mostraram ter percepções semelhantes quanto ao que as crianças sentiam e percebiam com relação ao turismo e aos turistas em sua cidade.

5.6 Apresentação e análise dos resultados dos questionários

Conforme exposto nos procedimentos metodológicos da pesquisa, o questionário constituiu o instrumento principal da mesma.

No presente tópico, serão apresentados os resultados e a análise dos dados obtidos através dos questionários preenchidos pelos alunos do 5º ano (turmas A e B) de Ensino Fundamental de uma escola pública e pelos alunos do 5º ano uma escola privada. Dividiu-se a apresentação dos resultados por escola; posteriormente, houve a junção e a análise dos mesmos.

5.6.1 Apresentação dos resultados dos questionários das turmas do 5º ano B e do 5º ano A da Escola Municipal pesquisada

Onze crianças da turma do 5º ano B participaram nessa fase da pesquisa: Eduarda, Jack Shan, Bob Esponja, Pollie, Sara, Evelim, Marcos, Trecko, Mulher Maravilha, Augusto e Hulk. Dessas, 5 são crianças do sexo feminino e 6 crianças do sexo masculino. A turma era composta de 15 alunos.

Dez crianças da turma do 5º ano A participaram nessa fase da pesquisa: Larissa Mansela, Marcos, Maria, Kati, Jim, Maria Vitoria, Dim, Luiza e Fernandinho e Gustavo. Dessas, 5 crianças são do sexo feminino e 5 do sexo masculino. A turma era composta de 16 alunos.

No total, foram 21 crianças partícipes da pesquisa cursando o 5º ano da Escola Municipal.

Quanto às respostas à primeira questão, em que se pediu para que cada criança desenhasse “o lugar onde eu vivo”, 19 crianças associaram o lugar onde estavam vivendo ao lar. Dessas, 12 desenharam uma casa, como por exemplo, Mulher Maravilha (FIGURA 7); e 7 desenharam um edifício, a exemplo de Pollie (FIGURA 8). Apenas 2 crianças associaram o lugar onde viviam aos atrativos turísticos naturais, desenhando uma paisagem⁴⁹.

FIGURA 7 - O LUGAR ONDE VIVO, POR MULHER MARAVILHA (5º B)



FONTE: Pesquisa de campo

⁴⁹ Alguns desenhos têm como características os traçados delicados. Optou-se por manter a originalidade dos mesmos, considerando que é uma forma de expressão das crianças.

FIGURA 8- O LUGAR ONDE VIVO, POR POLLIE (5º B)



FONTE: Pesquisa de campo

Com relação à pergunta: “Como é o seu dia a dia no período de aulas, quando não têm turistas e veranistas onde você mora?”, 16 crianças responderam que era “legal”. Assim como Maria (5º A), que mencionou: “Bem é calmo é legal divertido é tranquilo e eu gosto não tem carro por todo lugar [sic] é mais tranquilo”. Já para Jim (5º A), era “legal, porque não tem movimento e brigas”; para Bob Esponja (5º B) era “legal porque não me incomodão [sic] e não chujão⁵⁰ [sic] a cidade”. Já Sara (5º B), mencionou: “legal porque não tem muita bagunsa [sic] e carros na rua e pessoa gritando”.

⁵⁰ O aluno quis escrever “legal porque não me incomodam e não sujam a cidade”.

Duas crianças balizaram, respondendo que: “acho mais o menos porque eu gosto também quando vem mais também não gosto quando não vem” (Maria Vitória, 5º A). Já Katy (5º A) revelou: “Bom é bem calmo tranqüilo [sic], sem pessoas, mas é meio chato, pois não tem pessoas para conversar”.

Para outras 2 alunas era calmo ou tranqüilo. “Eu moro em um prédio (zelador). Tranqüilo. Porque não tem muitas pessoas”, mencionou Poliie (5º B). Já Evelim (5º B), respondeu: “É melhor porque a cidade fica mais cauma [sic]”.

Apenas uma criança respondeu que era chato. “É chato porque quando vem turistas a gente pode brincar ter amigos novos, mais [sic] depois que eles vão embora acaba a graça” (Jack Sham, 5º B).

Com relação à pergunta: “Como é o seu dia a dia no período da temporada e dos feriados prolongados”? Treze responderam que era bom ou legal. Assim como Jack Sham (5º B), que escreveu: “Bem legais porque a gente vai para a praia e também viajar”. Resposta parecida mencionou Trecko (5º B): “Eu acho ótimo algumas vezes eu saio outras vezes não, mas eu gosto de brincar com o meu irmão e os meus brinquedos”. Já para Eduarda (5º B), a questão do ir para e/ou sair de parece importante: “Eu gosto muito. Porque eu as [sic] vezes viajo”.

A resposta de Fernandinho (5º A) indicou que ele permaneceu em Matinhos, todavia, com um cotidiano diferente do período letivo, de baixa temporada: “Vou para a praia todos os dias depois eu fasso [sic] trilha no mato na praia eu fasso [sic] surf com o meu til [sic]”.

E as demais 8 crianças responderam à pergunta com alguma percepção negativa. Evelin (5º B), por exemplo, mencionou: “agitado e confuzo [sic]”. Para Bob Esponja (5º B) é “chato porque ele não trais [sic] coisas legais”. Já para Sara (5º B) é “chato porque não da [sic] para ir na praia que esta [sic] muito cheio e não da [sic] pra anda [sic] na causada⁵¹ [sic].” Também, para Poliie (5º B), há um certo

⁵¹ A escrita correta da frase é: “chato porque não dá para ir à praia que está muito cheia e não dá para andar na calçada”.

incômodo: “não tão legal. Porque está cheio de pessoas”. Maria (5º A) mencionou: “eu não gosto porque tem pessoas que aumenta [sic] o som do carro de noite e eu não consigo dormi [sic] direito”.

Katy (5º A) relativizou, respondendo: “bom é meio cansativo tem pessoas para lá e pra cá, mas de vez em quando é bom ter um movimento”. E, para Maria Vitória (5º A), “é igual aos outros só que eu saio bem menos”.

Quanto à pergunta: “Você gosta quando chega a época das férias e vem bastante gente de fora aqui em Matinhos? Por quê”? Treze crianças responderam gostar da época das férias. Dessas, 8 mencionaram a questão da amizade. Assim como Trecko (5º B), que respondeu: “Sim. Porque eles podem ser amigos e eu posso brincar com eles”. Para Gustavo (5º A), é bom porque “tem gente que me convida para fazer coisas que eu não faço todo dia”. Também, para Luiza (5º A): “Eu gosto porque faz amizade se divirtese [sic] com eles e é bom conhecer pessoas”.

O aluno Fernandinho (5º A) relacionou com a questão financeira: “Sim. Porque eu gosto rende dinheiro. Posso ir nas embarcações de banana bolti [sic] ⁵²”

Dois alunos mencionaram gostar devido à vinda de parentes e outros 2 relacionaram a um período de maior movimento, assim como Sara (5º B), que respondeu: “Sim. Porque tem mais alegria e folia e festa”.

Os 8 alunos que disseram não gostar associaram a vinda de visitantes a barulho (poluição sonora) e/ou outro tipo de poluição ambiental. Como exemplos: “Não. Porque eu acho que fica muito movimentado” (Pollie, 5º B); “Não porque eles chogam [sic] muito lixo na rua choga [sic] coisas no mar⁵³” (Jim, 5º A); “Gosto mais [sic] não tanta [sic] multidão, por que daí acaba água faiz [sic] muito barulho” (Larissa, 5º A); “Não, pois vem muita gente e o trânsito fica insuportável” (Katy, 5º A).

⁵² A grafia correta é “banana boat”.

⁵³ O aluno quis escrever: “Não, porque eles jogam muito lixo na rua e jogam coisas no mar”.

Com relação à pergunta: “Durante as férias você costuma ir à praia?” Catorze crianças responderam que sim; 5 disseram que às vezes; 2 responderam que não. Algumas respostas para essa questão foram: “Às vezes, porque minha mãe é zeladora e tem muita gente no prédio” (Poliie, 5º B); “Não, porque vou viajar [sic] (Sara, 5º B).

Em se tratando da questão: “Nas férias, você e sua família permanecem em Matinhos”? Nove alunos responderam que permaneciam em Matinhos; 5 responderam que não permaneciam; 7 responderam “às vezes”. Trecko (5º B) respondeu: “Não. Porque meu pai e minha mãe tem que atender as pessoas que vem no prédio”. Já Larissa (5º A) escreveu: “Às vezes a gente vai pra Curitiba e as vezes ficamos aqui”.

Para a pergunta: “Os pais das crianças ou as próprias crianças que vem de fora conversam com você? Se sim, sobre o que falam”? Onze crianças responderam que sim. Como exemplos, Bob Esponja (5º B) mencionou: “Eles falam onde tem um hotel”. Mulher Maravilha (5º B) respondeu: “Sim. Sobre a vida na cidade de onde eles vieram”. Jim (5º A) escreveu: “Sim, se é bom viver aqui”. Um aluno disse que “nem tanto”. “Nem tanto. Mas algumas falam de jogar e outras coisas” (Trecko, 5º B). Nove alunos se limitaram a responder que não.

Com relação à pergunta: “Você gostaria de morar em outra cidade? Por quê”? Oito alunos responderam que sim. Fernandinho (5º A) escreveu: “Sim em Rio Grande do Sul porque eu tenho um pônei e gosto de chimarrão”. Katy (5º A): “Sim, em Curitiba, pois lá tem melhores oportunidades para o futuro”. Doze crianças responderam que não. “Não, pois tenho os meus amigos” (Marco, 5º B). E uma ficou em dúvida: “Bom aqui tem um ar refrescante, mas aqui não tem nada para fazer”, mencionou Luiza (5º A).

As respostas para a pergunta que pedia a opinião dos alunos quanto ao turismo ajudar a melhorar a cidade de Matinhos foram as seguintes: 9 alunos responderam que sim, que o turismo contribuía para o desenvolvimento de Matinhos. “Sim. Porque eles vão passar [sic] e vão nas lojas”, respondeu Augusto (5º B). “Sim.

Porque eles vão na praia e ajuda a render dinheiro aos restaurantes”, mencionou Fernandinho (5º A). Porém, 6 alunos responderam que não. Assim como Mulher Maravilha (5º B), que escreveu: “Não porque eles não conhecem essa cidade e poluem o nosso município”. Já Sara (5º B) escreveu: “Não porque trás [sic] mais lixo na praia”. Cinco alunos responderam não saber sobre o assunto. Um aluno não respondeu à pergunta.

Em seguida, sobre as respostas para a pergunta: “Quando você for adulto, gostaria de trabalhar com o turismo. Por quê?” 14 responderam que não. “Não quero trabalhar de enfermeira” (Eduarda, 5º B). “Não porque eu acho que dá muito trabalho” (Gustavo, 5º B). “Não quero ser skatista” (Dim, 5º A). E 4 responderam que sim. “Sim porque eu vou ajudar a dar segurança para todos”, escreveu Mulher Maravilha (5º B). “Sim. Porque eu gosto de restaurante”, respondeu Fernandinho (5º A). Ainda, 3 alunos ficaram em dúvida e responderam “não sei”.

Partindo para a próxima pergunta: “O que os seus pais falam do período da temporada e dos feriados prolongados?”. Foi mencionado por 6 crianças que os pais tinham uma opinião positiva quanto ao período da temporada e dos feriados prolongados. “Minha mãe acha legal e meu pai também eles falam que é bom nós conhecermos novas pessoas” (Eduarda, 5º B); “Eles gostam porque dá movimento e é bom trabalhar” (Jack Sham, 5º B); “Meus pais falam da temporada que ganhão⁵⁴ bastante dinheiro” (Bob Esponja, 5º B); “Que é bom porque quando eles trabalham no prédio e ganham mais dinheiro para comprarmos o que precisamos” (Gustavo, 5º B); “Falam que é bom”, se limitaram a responder 2 crianças.

Houve 4 crianças que citaram algum aspecto negativo que os pais salientavam, como exemplos: “Chato porque tem muita gente e muito trabalho” (Sara, 5º B); “Eles não gostão⁵⁵ [sic] muito porque é muita agitação” (Evelim, 5º B); “Eles gostam mais ou menos

⁵⁴ O aluno quis escrever “ganham”.

⁵⁵ A aluna quis escrever “gostam”.

porque algumas vezes meu pai fica com raiva dos moradores do prédio ou do pessoal que vem” (Trecko, 5º B); “Eles falam se divertesse⁵⁶ mas pra mim tomar cuidado por que cheche de gente” (Luiza, 5º A).

E 3 crianças responderam de forma neutra a essa pergunta: “Eles tem a mesma opinião que a minha” (Mulher Maravilha, 5º B); “Eles falam que é mais trabalho” (Maria Vitória, 5º A); “Para se comportar porque tem pessoas nos apartamentos” (Poliie, 5º B). Ainda, 3 crianças disseram que os pais não falavam nada. Outras 4 crianças não responderam à pergunta e 1 aluno escreveu não saber sobre o assunto.

Finalizando o questionário, foi solicitado aos alunos: “Desenhe o que é turismo para você”. Importa mencionar que as crianças narraram o que desenharam. Após a leitura visual e auditiva de todos os desenhos, observou-se que os mesmos estavam caracterizados a partir das seguintes categorias:

Na categoria “Equipamentos e Serviços Turísticos com junção de Atrativos Turísticos Naturais”, 2 respostas foram identificadas. A da Mulher Maravilha (5º B), que desenhou prédios, padaria, um carro, uma lixeira, árvore, uma menina no calçadão, um menino andando de *skate*, um rio com peixe, flores e o Sol. Ela mencionou que quis mostrar o turismo na cidade de Matinhos, onde, para ela, tem turismo. E a da Katy (5º A), que desenhou uma praia, sol, nuvem e equipamentos e serviços (FIGURA 9). A referida aluna também relatou que quis desenhar o que tinha na praia.

⁵⁶ A aluna quis escrever “Eles falam para se divertir mas para eu tomar cuidado porque enche de gente”.

FIGURA 9- O QUE É TURISMO PARA KATY



FONTE: Pesquisa de campo.

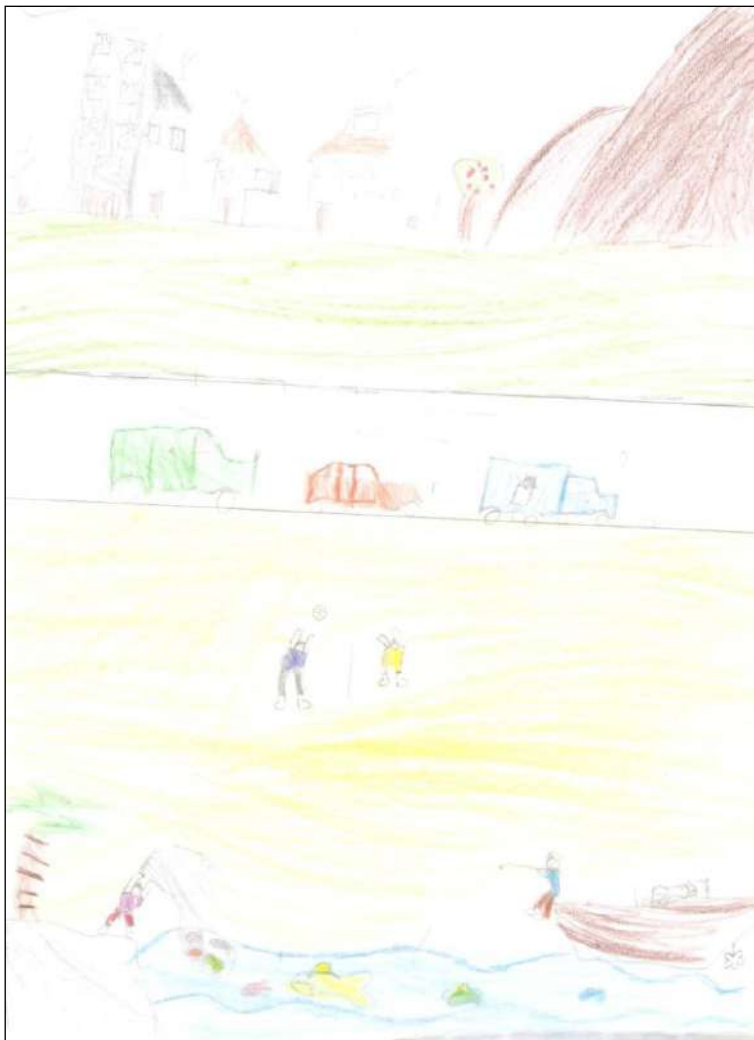
Para a categoria “Equipamentos e Serviços Turísticos”, 2 desenhos foram identificados: Fernandinho (5º A) associou o turismo a um restaurante e desenhou um estabelecimento com o escrito “Restalrante [sic] do til”. Segundo o aluno, esse não era um restaurante de propriedade de algum conhecido ou de pais ou familiares que lá trabalhavam. Gustavo (5º B) desenhou uma loja e uma lanchonete, além de pessoas e um carro.

Com relação à categoria “Atrativos Turísticos Naturais”, 4 desenhos foram identificados, como exemplos: Marco (5º B) desenhou prédios, morro, carros, duas pessoas jogando vôlei na praia, pescadores e peixe (FIGURA 10). Algusto (5º B) desenhou a Ilha das Tartarugas (FIGURA 11)⁵⁷. Já Sara (5º B) desenhou um sol,

⁵⁷ A Ilha da Tartaruga, também conhecida como Ilha do Farol, é ligada à Praia dos Amores por um istmo de pedras, e pode ser visitada durante as marés baixas. Possui esse nome porque tem um formato semelhante ao casco de uma tartaruga (GUIA DO LITORAL PARANÁ 2019, SETU, 2019).

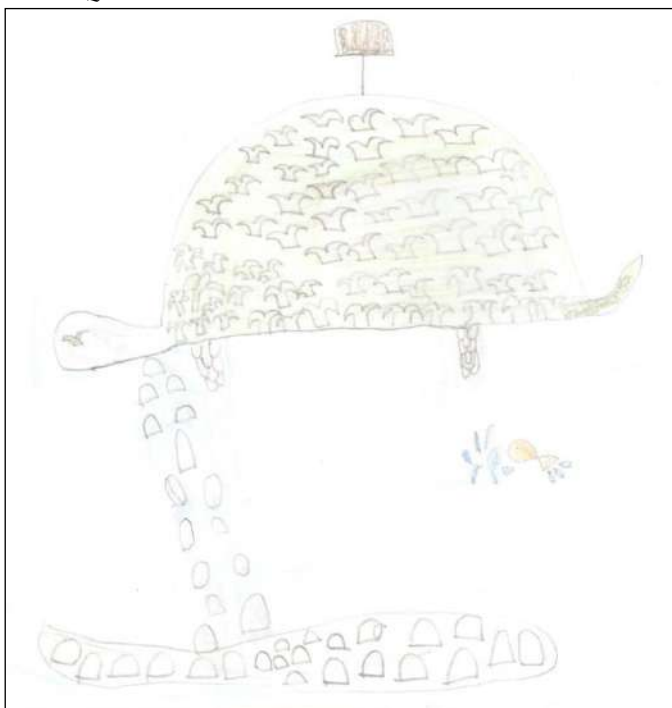
pessoas tomando Sol, crianças brincando na praia e narrou o desenho comentando que era “um monte de gente na praia”.

FIGURA 10 - O QUE É TURISMO PARA MARCO



FONTE: Pesquisa de campo.

FIGURA 11 - O QUE É TURISMO PARA ALGUSTO



FONTE: Pesquisa de campo.

Outra categoria identificada através de 3 desenhos foi “Atrativos turísticos culturais”. Poliie (5º B) desenhou o Jardim Botânico de Curitiba (PR) e narrou: “Turismo para mim é variar, pessoas irem para um lugar turístico na cidade”. Larissa Manoela (5º A) desenhou o prédio histórico da UFPR, na Praça Santos Andrade, em Curitiba, e disse que fez o mesmo desenho da Declaração de Aceite da pesquisa. Jim (5º A) desenhou um prédio com uma placa escrita “museu”.

Já em “Hospitalidade”, 3 desenhos foram identificados: Eduarda (5º B) desenhou uma família (FIGURA 12): uma menina com um buquê de flores, um homem e uma mulher. Narrou que era o seu pai, a sua mãe e ela de férias, e que ela estava entregando o buquê de flores para sua mãe. Luiza (5º A) desenhou uns edifícios e escreveu “Bem-vindo”, ao passo que Trecko desenhou uma

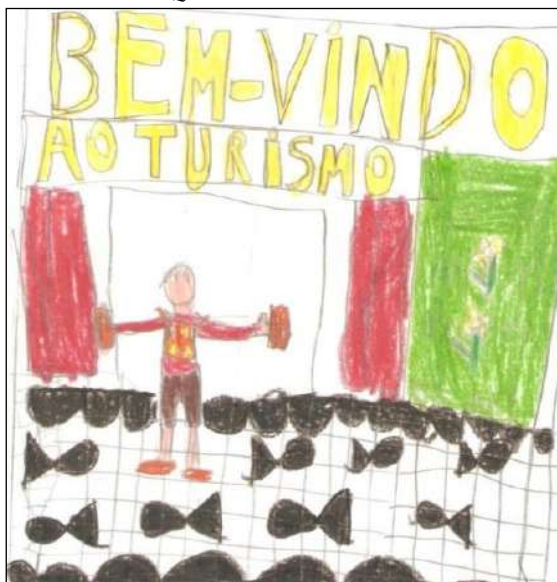
pessoa chegando com mochilas nas costas e uma placa: “bem-vindo ao turismo” (FIGURA 13).

FIGURA 12 - O QUE É TURISMO PARA EDUARDA



FONTE: Pesquisa de campo

FIGURA 13- O QUE É TURISMO PARA TRECKO



FONTE: Pesquisa de campo

Na categoria “Transporte e/ou Deslocamento”, 7 desenhos foram identificados. Como exemplos: Evelim (5º B) desenhou um ônibus, escrito turismo e Matinhos turismo, com turistas dentro do ônibus e mencionou que quis mostrar um ônibus fazendo turismo em Matinhos, com turistas dentro (FIGURA 14). Marcos (5º A) desenhou um carro em movimento na estrada e disse: “Turismo pra mim é quando você anda de carro, moto”. Jack Sham (5º B) desenhou um ônibus e uma pessoa de terno e gravata, e a mesma pessoa, feliz, de camiseta colorida e de braços abertos (FIGURA 15). Segundo o aluno, a intenção era mostrar a pessoa no trabalho e, depois, feliz, fazendo turismo.

FIGURA 14 - O QUE É TURISMO PARA EVELIM



FONTE: Pesquisa de campo

FIGURA 15 - O QUE É TURISMO PARA JACK SHAN



FONTE: Pesquisa de campo

5.6.2 Apresentação dos resultados dos questionários da turma do 5º ano do Colégio particular

Participaram nessa fase da pesquisa 18 crianças da turma do 5º ano do Colégio Dom Bosco: Violeta, Thalles, Safira, João Vitor, Aninha, Ana, Rafaella, Naty, Diego, Luiza, Miranda, Violeta Castilho, Isabella, Zedus, Alana, Rebeca, Luisa e Manu. Dessas, 14 crianças do sexo feminino e 4 do sexo masculino. A turma era composta por 19 alunos.

Na questão 1, referente a desenharem o lugar onde viviam, todas as crianças pesquisadas no 5º ano da referida escola associaram o lugar onde estavam vivendo ao seu lar; 13 desenharam uma casa, assim como Ana (FIGURA 16); 3 desenharam uma casa anexa ou conjunta a algum tipo de estabelecimento comercial, assim como Aninha representou (FIGURA 17); e 2 desenharam um edifício, assim como Luiza (FIGURA 18).

FIGURA 16 - O LUGAR ONDE VIVO, POR ANA



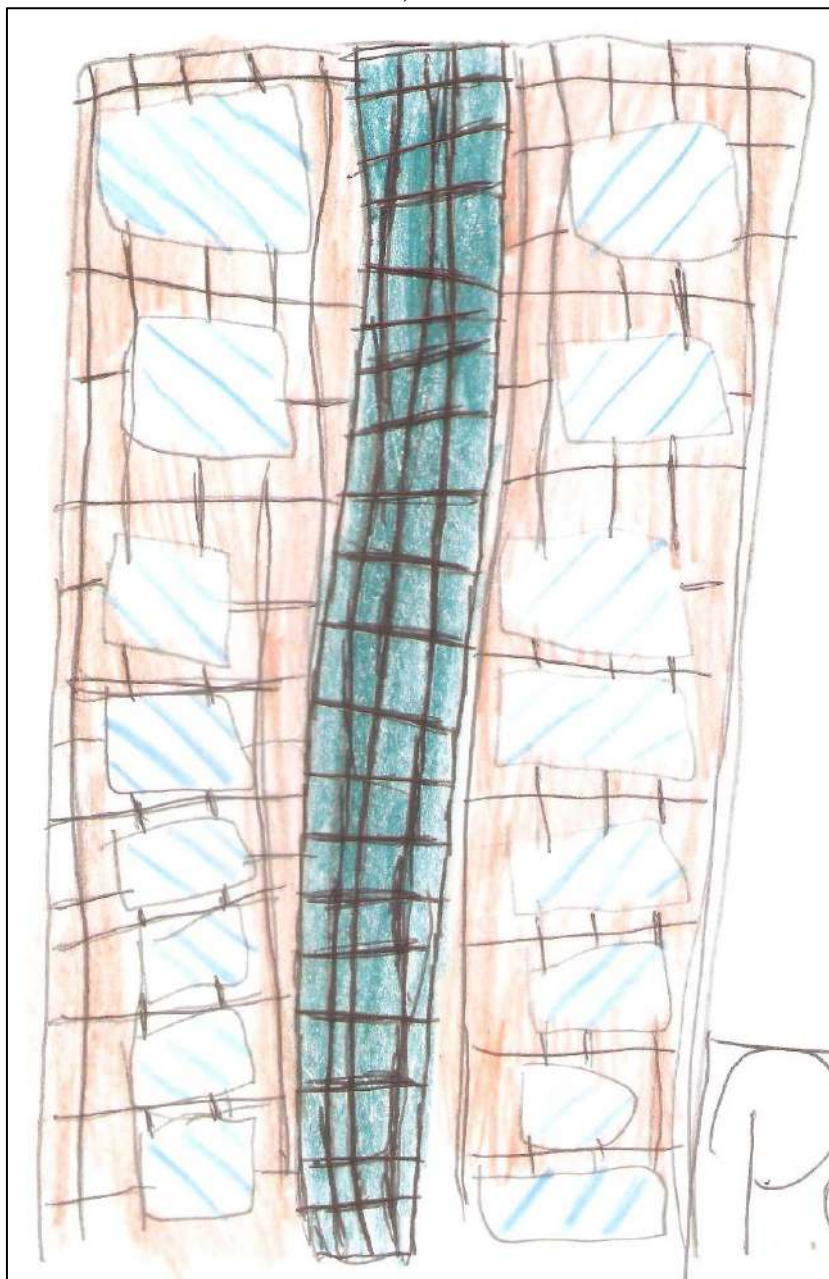
FONTE: Pesquisa de campo.

FIGURA 17 - O LUGAR ONDE VIVO, POR ANINHA



FONTE: Pesquisa de campo

FIGURA 18 - O LUGAR ONDE VIVO, POR LUIZA



FONTE: Pesquisa de campo

Na pergunta 2, sobre como era o seu dia a dia durante o período que não tinha turistas e veranistas onde morava, 5 responderam que era “legal”, outros 5 mencionaram que o dia a dia era “normal”; assim como Alana, que respondeu: “eu moro em uma casa e meu dia é normal levantando, se arrumando, vindo da escola e indo embora”. Por sua vez, 7 crianças revelaram que era “calmo”. “É mais calmo [sic] e eu fico mais calma”, respondeu Manu. Já Violeta escreveu: “Calmo, consigo seguir minha rotina normalmente”. Uma aluna respondeu que era “ótimo”. “Ótimo, porque os turistas ficam ouvindo músicas muito altas e fica muito lixo quando estão”, escreveu Safira.

Na questão 3, referente a como era o dia a dia no período de temporada e dos feriados prolongados, 5 crianças responderam que o período era animado ou divertido. Luisa respondeu: “animado, pois vem visita em casa ou eu vou viajar”. Rafaela mencionou: “divertido porque é bom ver que os turistas querem conhecer Matinhos”. Já para Thalles “é bom porque eu sou dono de uma pousada e ruim porque eu não poso ficar [sic] na área da pousada”. Rebeca mencionou: “vou a praia, brinco com meus amigos, vou a igreja”. Ainda, 3 crianças responderam que viajavam; 10 alunos declararam que o período era barulhento, agitado, movimentado ou algo semelhante. Também, constatou-se que dessas 10 crianças, 4 apontaram que se sentiam sozinhas ou muito tempo dentro de casa. Como exemplos, Isabella, que respondeu: “Chato e barulhento porque meus pais tem comércio e eu fico fechada em casa que é em cima do comércio e tem muito movimento na rua e no centro (onde eu moro)”. Naty mencionou: “minha mãe não deixa praticamente eu sair de casa”. Luisa respondeu de forma similar: “eu só fico sozinha assistindo TV ou dormindo”. Para Manu, o dia a dia “fica mais agitado daí não saio da cidade”. Já Aninha destacou: “nada calmo, tem trânsito, mais roubos”. Para Safira, o dia a dia na alta temporada e nos feriados prolongados era “muito barulhento e incomodante”. De forma similar, Violeta respondeu: “agitado, muita gente, as praias ficam cheias”.

Na pergunta 4, sobre se gostavam quando chegava a época das férias e vinha bastante gente de fora em Matinhos, 14 crianças responderam que não gostavam quando chegava a época das férias, associando à questão de que tudo ficava lotado, movimentado, poluído, barulhento ou com trânsito. Naty mencionou: “Não, porque a cidade fica cheia de gente e fico atrapalhada”. Rafaella declarou: “não, a praia é minha”. Já para Ana: “Não porque polui mais a cidade. A praia fica mais cheia. Fica trânsito de carros etc.” De forma similar, Miranda escreveu: “não porque tem muito transito [sic] muita correria”. Já Luiza declarou: “Na verdade, eu só fiquei na alta temporada do Carnaval desse ano aqui, mas eu não gostei do barulho”. E Safira respondeu: “não porque fica muito lixo, muita pessoa e muito barulho”.

Houve 3 crianças que responderam à questão 4, afirmando gostarem. Assim como Thalles, que respondeu: “sim, porque moro numa pousada e vem muitos clientes”. Já Rebeca destacou: “Gosto porque meu condomínio enche de criança”. Uma aluna, Violeta Castilho, relativizou: “eu gosto quando chega as férias, mas não muito quando chega as pessoas de fora porque não conseguimos andar de tanta gente”.

Com relação à pergunta 5, sobre se durante as férias eles costumavam ir à praia, 9 crianças responderam que às vezes iam à praia. Assim como Alana, que respondeu: “Às vezes, pois a praia fica lotada”. Já Violeta escreveu: “Às vezes. Porque meu pai e minha mãe trabalham”. Ainda, 3 alunos responderam que não iam à praia, e 6 responderam que iam sempre à praia.

Na questão 6, foi perguntado se, nas férias, as crianças e sua família permaneciam em Matinhos: 7 alunos responderam que permaneciam em Matinhos; 5 crianças disseram que viajavam nas férias, não permanecendo em Matinhos; 6 crianças disseram que às vezes viajavam e às vezes ficavam em Matinhos. Dessas, 3 crianças disseram alternar entre passar um período das férias em Matinhos e outro período viajando.

Na pergunta 7, se questionou: “Os pais das crianças ou as próprias crianças que vem de fora conversam com você? Se sim,

sobre o que falam”? Três crianças responderam que às vezes. Assim como Rebeca, que escreveu: “As [sic] vezes, para pedir horas”. Quinze crianças responderam que não. Safira mencionou: “Não, porque eu tenho medo e a mamãe diz para não falar com estranhos e eles não falam comigo”.

Para a questão 8, “Você gostaria de morar em outra cidade? Por quê?”, 13 crianças responderam que gostariam de morar em outra cidade. Assim como Violeta Castilho, que escreveu: “Sim, em Nova York onde o meu padrinho o meu tio e a minha madrinha moram”. Já Ana mencionou: “Sim, porque Matinhos tem poucas coisas e poucos comércios”. E, 5 crianças responderam que não. Entre elas, Safira, que respondeu: “Não porque Matinhos é muito legal e é maravilhosa”

Na pergunta 9, que pedia a opinião do aluno quanto ao turismo ajudar a melhorar a cidade de Matinhos, 11 crianças opinaram que o turismo ajudava a melhorar a cidade de Matinhos. Assim como Naty, que escreveu: “Sim, pois as pessoas podem gostar da cidade e vir morar aqui”. Já Alana mencionou: “Sim pois os turistas eles compram muitas lembranças e isso ajuda a cidade”. No entanto, para 7 crianças, o turismo não ajudava a melhorar a cidade de Matinhos. Entre as respostas, está a de Rebeca, que declarou: “Não porque alguns turista vem [sic] e não respeita as leis de Matinhos”. E, Safira, que escreveu: “Não, porque eu acho que o que muda é [sic] o prefeito devia melhorar quase tudo”.

Na pergunta 10, “Quando você for adulto, gostaria de trabalhar com o turismo”?, 14 crianças responderam que não. Muitas apontaram para a profissão que gostariam de exercer quando adultos: juíza; arqueólogo; cantora; dentista; militar; bióloga terrestre; pediatra; veterinária. Assim como Miranda, que escreveu: “Não, porque eu não vejo muito interesse nesse trabalho. Eu queria ser bióloga ou atriz de novela”. Ainda, 2 alunos deixaram de responder a essa pergunta; e 2 crianças responderam que sim, entre elas, Rebeca, que mencionou: “Sim, porque eu gosto de movimento”.

Com relação à questão 11, sobre o que os seus pais falam do período da temporada e dos feriados prolongados, 7 crianças mencionaram que os pais gostavam devido à questão financeira. “Minha mãe gosta pelo movimento na loja, já meu pai amaa! [sic] porque tem mais movimento na advocacia”, respondeu Aninha. Já Isabelly mencionou: “Que eu tenho que aguentar porque eles estão ganhando dinheiro para a minha qualidade de vida”. Pensamento semelhante expressaram os pais de Naty, Luisa, Rafaela, Thalles e Manu.

Já os pais de João Vitor e de Luisa falaram para eles terem cuidado com estranhos. João Vitor respondeu: “para eu me cuidar, não aceitar coisas de estranhos [sic]”. Miranda e Violeta responderam que os pais diziam, respectivamente, “que fica muito cheio” e que “tem muita gente no município”. Rebeca, cujos pais atuavam como zeladores de condomínio residencial, respondeu: “eles achão [sic] muito ruim porque enche o prédio e eles tem que limpar todo o prédio”.

Com relação aos pais da Safira, a aluna escreveu: “Que é ruim, que são porcos, e chatos. Pensamento semelhante apresentou os pais de Diego: “Que é um inferno, porque tem muita pessoa”.

Já para Alana, os pais “não falam quase nada”. E, por fim, para Ana, os pais “falam que vão viajar para Curitiba visitar minha irmã e eu vou junto”.

Quanto à pergunta de número 12, que pedia para os alunos expressarem o que era turismo por meio de desenho e depois comentassem o próprio desenho, após a leitura visual, bem como auditiva, foram constatadas as seguintes categorias:

A primeira categoria identificada foi “Interação turista e residente local”. Dois desenhos a representam. O de Manu, que desenhou 2 meninas, uma perguntando: ‘você é turista?’ E a outra respondendo: ‘sou sim’ (FIGURA 19). Ao narrar o desenho, a aluna disse que quis mostrar crianças se conhecendo. E o de Rafaela, que desenhou 2 pessoas e escreveu abaixo delas: Portugal. Depois, desenhou mais 2 pessoas e escreveu, abaixo: Matinhos. Ao narrar o

desenho, a aluna disse que desenhou pessoas de Portugal que foram conhecer as pessoas de Matinhos e vice-versa.

FIGURA 19 - O QUE É TURISMO PARA MANU



FONTE: Pesquisa de campo

A categoria “Atrativos turísticos naturais” foi identificada por meio de 3 desenhos. O de Alana, que desenhou pessoas na praia, um sol, guarda-sóis, e mencionou que “turismo é quando a cidade está lotada pelo Brasil quase todo”. O de Rebeca, que desenhou uma praia, com pessoas tomando sol e disse que turismo significava “várias pessoas indo e chegando de lugares”. Já Luiza desenhou um sol, o mar, a vegetação local e uma garota expressando ‘uau’, ao ver o mar (FIGURA 20). Ela narrou que quis mostrar que “turismo é uma diversão, pois quando eu faço turismo é muito legal”.

FIGURA 20 - O QUE É TURISMO PARA LUIZA

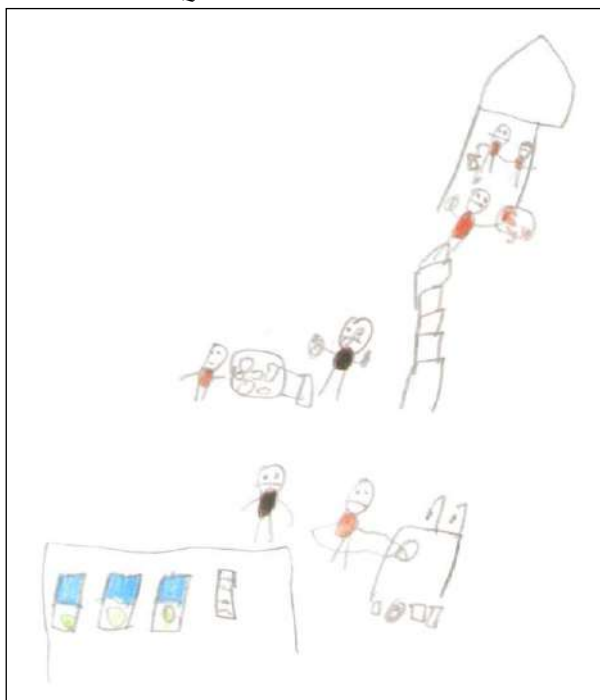


FONTE: Pesquisa de campo

Em “Deslocamento”, foram observados 3 desenhos. O de Ana, que desenhou um ônibus com vários passageiros com semblante alegre e câmera fotográfica na mão, inclusive o motorista com o semblante alegre. Ela disse: “para mim turismo é as pessoas viajam [sic] para conhecer vários países, cidades e estados”. Já Zedus desenhou pessoas realizando o procedimento de *check in* para embarque aéreo (FIGURA 21). E João Vitor, que desenhou um teleférico⁵⁸.

⁵⁸ Embora pudesse configurar uma nova categoria “instalação turística”, o teleférico, conforme narração do aluno, representava o deslocamento das pessoas.

FIGURA 21 - O QUE É TURISMO PARA ZEDUS



FONTE: Pesquisa de campo

Em “Informações e Guiamento”, 6 desenhos conformaram tal categoria. O de Safira, que desenhou uma pessoa falando e três ouvindo com entusiasmo, sendo eles, respectivamente, uma guia de turismo e turistas (FIGURA 22). A referida aluna disse: “eu acho que o turismo é legal e aprendemos com ele”. Já para Diego, turismo é “dar informações de algum lugar”. De forma similar, Isabella desenhou uma menina com um livreto na mão e escreveu: “essa é a programação de turismo de Matinhos peguem hoje”. Para Aninha, “Turismo é entregar (mini) mapas para as pessoas. E ajuda as pessoas a se orientar” (FIGURA 23). Para Violetta Castilho, que desenhou um prédio e uma casa, “turismo é viajar e ter mapa para se localizar”. E Miranda, que mencionou que turismo é quando “uma pessoa que contrata outra para se localizar na cidade, país ou estado”.

FIGURA 22 - O QUE É TURISMO PARA SAFIRA



FONTE: Pesquisa de campo

FIGURA 23 - O QUE É TURISMO PARA ANINHA



FONTE: Pesquisa de campo

Outra categoria identificada foi “Trabalho”, visto que 2 alunos a desenharam. Violeta desenhou uma pessoa do sexo feminino

segurando uma pasta e mencionou que “Turismo é um trabalho” (FIGURA 24). Thalles mencionou: “Se você for o turista é visitar uma cidade. E se você trabalhar com turismo é você é ele (a) que atende o turista”. Thalles desenhou uma árvore e uma pessoa falando: “Essa é a árvore maior do mundo que contei para vocês”. Nesse sentido, o desenho de Thalles configura informações e guiamento, todavia, prevaleceu a sua narração, que abordava a questão do trabalho.

FIGURA 24- O QUE É TURISMO PARA VIOLETA



FONTE: Pesquisa de campo

Em “Equipamentos e serviços turísticos”, foram identificados 2 desenhos. O de Naty, que desenhou o estabelecimento comercial de seus pais, uma panificadora. E o de Luisa, que representou 4 pessoas indo a uma loja.

5.6.3 Análise dos resultados do Questionário

Na questão 1, em que se pediu para desenhar “O lugar onde eu vivo”, constatou-se que a grande maioria das crianças da escola pública, bem como todas as crianças da escola particular, associaram o lugar onde viviam ao lar.

Conforme exposto no tópico “O sentido de lugar e de lugar turístico”, para Tuan (1983), a mãe é sentida como o primeiro lugar da criança, seu centro de valor, alimento e apoio. O autor menciona que lugar é segurança, começando pela segurança do bebê no ventre materno, e espaço é liberdade. Tal reflexão encontra apoio na conceituação proposta por Mello (1990), que menciona que o lugar corresponde ao trecho da superfície terrestre no qual o homem se completa: “O lugar é o lar, podendo ser a casa, a rua, o bairro, cidade ou a nação. Enfim, qualquer ponto de referência e identidade” (MELLO, 1990, p.102).

Ademais, Claval (2007) salienta que é no seio do grupo familiar que a criança aprende que não está só. Com base nesses autores, bem como nas respostas das crianças, observou-se que o lar demonstrou ser, efetivamente, o lugar das crianças, onde elas se sentem seguras, onde se completam, sendo seu ponto de referência e de identidade.

Os resultados da primeira questão levam à reflexão, também, sobre um antigo ditado popular que dizia que a escola da vida é a rua. Pode-se dizer que, para as crianças contemporâneas, a escola da vida é a casa. Os resultados vão ao encontro do que Murata (2014, comunicação verbal) refletiu sobre as crianças contemporâneas permanecerem muito tempo em casa e, assim, o lar ser a sua referência.

Com relação à pergunta: “Como é o seu dia a dia no período de aulas, quando não têm turistas e veranistas onde você mora”?, notou-se que 38 das 39 crianças pesquisadas revelaram aspectos positivos em sua rotina do cotidiano da baixa temporada, que corresponde a maior parte do ano. As palavras “legal”, “calmo” e “normal” foram as que mais se destacaram. Os alunos que

responderam que era legal e calmo associaram com a não presença de turistas e veranistas na cidade.

As crianças que responderam que era “normal” demonstraram que seguiam uma rotina em seu cotidiano. Chamou a atenção a resposta de Manu: “É mais caumo [sic] e eu fico mais calma”, que encontra respaldo na entrevista de sua educadora, que salientou perceber que as crianças voltavam das férias e dos feriados prolongados bastante agitados.

Conforme mencionado no tópico “O Cotidiano”, para Barbosa (2000), o cotidiano é o tempo vivido pelas pessoas, enquanto a rotina é uma construção que se faz para organizar o cotidiano. Nesse sentido, demonstrou-se, pelas respostas dos alunos, que estavam seguindo uma rotina em seu cotidiano na baixa temporada. Ressalta-se que, a partir dos postulados da Sociologia da Infância, bem como da Geografia da Infância, as crianças são apresentadas como sujeitos ativos, construtores e gestores de seu próprio cotidiano, sendo “[...] agentes produtores do espaço que gestam e dão significados as suas espacialidades, construindo lugares, territórios e paisagens” (LOPES, 2008, p. 68).

Nesse sentido, na Sociologia da Infância, principalmente em sua corrente interpretativa, como também na Geografia da Infância, se enfatizam o papel das crianças como sujeitos protagonistas nas sociedades em que vivem.

Para a pergunta: “Como é o seu dia a dia no período de férias e feriados prolongados? Descreva”, 13 crianças da escola pública afirmaram que era bom ou legal, enquanto 5 crianças da escola particular afirmaram que o período era animado ou divertido. Ainda, 8 crianças da escola pública responderam à pergunta com alguma percepção negativa, enquanto que, na escola particular, foram 10 crianças. As percepções negativas foram semelhantes entre as turmas, cujos alunos responderam que o período era barulhento, agitado, movimentado. Além dessas, 3 crianças da escola particular mencionaram que viajam no período.

Notou-se que a maioria das crianças permanece em Matinhos no período de férias e feriados prolongados, período no qual,

conforme resposta das crianças a outras perguntas do questionário, os pais têm muita demanda de trabalho.

Em se tratando da questão “Você gosta quando chega a época das férias e vem bastante gente de fora aqui em Matinhos? Por quê?”, 18 alunos, sendo 13 da escola pública e 4 da escola privada disseram gostar do período. Além do número maior de crianças que afirmaram gostar quando vinha gente de fora em Matinhos, observou-se uma singularidade nas respostas dos alunos da escola pública com relação à outra escola.

Oito alunos da escola pública destacaram que gostavam do período da alta temporada devido à questão da amizade. Porém, nenhum aluno da escola particular mencionou ter amizade ou fazer novos amigos com o advento da vinda de turistas e veranistas em sua cidade. O resultado tem estrita relação com a profissão dos pais dos filhos pesquisados na escola pública, sendo 7 desses zeladores de condomínios residenciais.

Conforme a entrevista da educadora do 5º ano A, “A questão da amizade se constrói. A maioria [dos alunos da Escola Municipal] são filhos de zeladores. Todo ano vem [veranistas] e todos os anos vão se relacionando”. Diferentemente, a maioria dos pais dos alunos da escola privada mencionados era empresário (10) ou profissionais liberais.

Foram 21 alunos, sendo 14 da escola particular e 8 da escola pública que revelaram não gostar do período da alta temporada. Todos esses relacionaram às questões de redução em sua qualidade de vida, incomodados com barulho, movimento, sujeira e/ou trânsito. Destaca-se que 4 crianças da escola privada mencionaram que se sentiam sozinhas, pois é nesse período que os pais mais trabalhavam.

Os resultados obtidos na resposta têm relação com o que Mello (1990) expôs com referência ao sentido do lugar, que para ele envolve enraizamento, amizade e simbolismo. Nessa mesma

direção, Sharma (2004⁵⁹, *apud* MARUJO; CRAVIDÃO, 2012) salienta que o senso de lugar surge quando as pessoas sentem uma ligação especial ou relação pessoal com uma área na qual o conhecimento local e os contatos humanos são significativamente mantidos.

Algumas crianças residentes pesquisadas se revelaram dispostas a fazer amizades e manter os contatos humanos, dando significado ao lugar turístico em que estavam vivendo. Tais aspectos positivos no encontro entre visitantes e visitados também foram observados por Gamradt (1995), na pesquisa realizada com as crianças jamaicanas, para saber o sentimento delas com relação ao turismo e aos turistas estrangeiros.

Nota-se que, para Boullón (2004), a relação turista-lugar é quase inexistente, porque falta a permanência do sujeito no objeto, impossível quando o calendário da viagem impõe uma presença efêmera em cada ponto do itinerário. No entanto, para o mesmo autor, a experiência do turista que volta todos os anos para o mesmo lugar é diferente, pois sua estada é mais prolongada, além de se repetir (BOULLÓN, 2004); o que ocorre com frequência em localidades balneárias com concentração considerável de residências secundárias, que é o caso de Matinhos.

Além do exposto, observou-se o que Lefebvre (1984, p. 51) chamou de o “extraordinário do ordinário”, em se tratando da abrangência do cotidiano. Se para os visitantes há o extraordinário do ordinário, quando se deslocam para determinado destino, evidenciou-se que, para os residentes locais, incluindo as crianças, também o havia. Elas saem de sua rotina, convivem com uma paisagem diferente em sua própria cidade, que inclui novas pessoas e novos cenários urbanos.

Há que se notar que, nessa questão, as crianças também associaram a vinda dos veranistas/turistas em um mesmo tempo-espaço que o delas. Pelas respostas das crianças, não havia uma

⁵⁹ SHARMA, K. **Tourism and regional development**. New Delphi: Sarup & Sons, 2004.

preocupação dos visitantes com relação a respeitar o silêncio e a qualidade de vida dos moradores. Nessa perspectiva, conforme Crouch (2004), o encontro entre pessoas e pessoas e espaço destoa. Se para os veranistas e turistas é um momento de extravasar e fugir do seu cotidiano, para os moradores locais há uma tentativa de preservar a sua rotina do cotidiano.

Conforme salientado por Mendonça (2001), grande parte das regiões litorâneas do Brasil convive com a sobrecarga do turismo sem planejamento, que pode acabar por inviabilizar a própria atividade. Segundo o autor, os problemas de saneamento básico resultam em saturação do destino. Ademais, nota-se que os problemas recorrentes do turismo de massa, tais como a poluição sonora e visual, bem como o trânsito tumultuado, citados por Carvalho (2010) e por Costa (2011), também foram mencionados pelas crianças. Além disso, notou-se que, na pesquisa-piloto (2013), evidenciou-se a mesma problemática.

Tais exemplificações vão ao encontro do que MacCannell (1973), citado por Urry (1996),⁶⁰ assevera, ao dizer que muitas vezes o turismo praticado dispensa as pessoas das obrigações cotidianas, ou as mesmas são suspensas ou invertidas, existindo uma espécie de licença para um comportamento permissivo, alegre, 'não-sério', livre de restrições e até mesmo de proximidade social.

Ademais, as respostas às questões 3, 4 e 5 têm identificação com o que Bedim e Paula (2007) comentam, sobre os turistas agregarem novas memórias ao imaginário popular dos lugares.

Com relação à pergunta: "Durante as férias você costuma ir à praia"?, 14 crianças da escola pública disseram que sim e 5 disseram que às vezes. Enquanto isso, da escola privada, 6 disseram que sim e 9 disseram que às vezes. O hábito de ir à praia não encontra respaldo na permanência das crianças em Matinhos durante as férias, visto que, ao serem indagados, na pergunta seguinte, sobre se nas férias permaneciam em Matinhos,

⁶⁰ MacCANNELL, D. Staged authenticity: arrangements of social space in tourist settings. *American Sociological Review*, v.79, p. 589-603, 1973.

quantidade proporcional de alunos tanto da escola pública quanto da privada responderam positivamente a essa pergunta. Da mesma forma, houve proporção semelhante com relação aos que declararam que viajavam durante as férias.

Nesse sentido, parece haver questão cultural, valores e hábitos com relação à frequência da utilização da praia como lazer.

Em se tratando da questão: “Os pais das crianças ou as próprias crianças que vem de fora conversam com você? Se sim, sobre o que falam?”, notou-se uma diferença nas respostas dos alunos, visto que a maioria das crianças (11) da escola pública declarou que havia um diálogo, enquanto apenas 3 crianças das 18 pesquisadas na escola privada responderam positivamente a essa questão. O resultado desta pergunta tem familiaridade com as respostas que revelaram a questão da amizade, ou seja, maior contato com os veranistas e turistas.

Para a pergunta: “O que os seus pais falam do período da temporada e dos feriados prolongados?”, foi mencionado por 6 crianças da escola pública que os pais tinham uma opinião positiva quanto ao período da temporada e dos feriados prolongados. Já na escola privada, foram 7 os alunos que mencionaram que os pais gostavam devido à questão financeira.

Na pesquisa-piloto (2013), foram 5 os alunos que declararam que os pais gostavam do período da temporada. Para 9 crianças, os pais não gostavam muito do período devido ao barulho, à bagunça ou ao excesso de trabalho. Um aluno chegou a mencionar que os pais não gostavam porque “eles [os turistas] fazem a gente de escravos”.

Com relação à pergunta: “Você gostaria de morar em outra cidade? Por quê?”, há uma percepção de que as crianças da escola pública valorizam mais a cidade onde moram, pois 12 disseram que não gostariam de morar em outra cidade, destacando que Matinhos é uma boa cidade para se viver e, ainda, é onde eles possuíam amigos. Já na escola privada, apenas 5 crianças responderam que não gostariam de morar em outra cidade.

Entre as que gostariam de morar em outra cidade, as respostas dos alunos de ambas as escolas foram semelhantes, destacando que, em Matinhos, não havia oportunidades, não se tendo muito o que fazer, ou que gostariam de morar em outra cidade do Brasil. Ainda, 3 crianças da escola privada mencionaram o desejo de morarem em cidades do exterior.

Conforme entrevista com as educadoras, a valorização da cidadania é um tema recorrente. Para Souza (2011, p. 21), o turismo é capaz de contribuir para tornar as relações mais humanas, “[...] destacando-se o movimento de reciprocidade que acontece dentro da produção cultural de uma sociedade, o turismo poderá contribuir para a construção da cidadania”.

Em se tratando da hospitalidade pública, no âmbito da cidadania, é fundamental que seja garantido o acesso à cidade, que engloba a possibilidade de o homem viver nela de acordo com as exigências da vida moderna, tendo a seu alcance um lugar seguro, com água, rede de esgotos, drenagem, acessos, serviços, transportes adequados, educação, saúde, trabalho, lazer (GRINOVER, 2006). O autor afirma que uma boa qualidade de vida, e, portanto, de hospitalidade, é condição para o desenvolvimento urbano e é uma condição estratégica da cidade

Para a pergunta: “Em sua opinião o turismo ajuda a melhorar a cidade de Matinhos? Explique”, 20 alunos, sendo 9 da escola pública e 11 da escola privada, responderam que o turismo ajuda a melhorar a cidade de Matinhos. Já 13 crianças, sendo 6 da escola pública e 7 da escola privada, disseram que o turismo não ajuda. E 5 crianças, todas da escola pública, afirmaram não saber responder à pergunta, ao passo que 1, da escola pública, não respondeu.

As crianças que responderam que o turismo ajuda a melhorar a cidade de Matinhos associaram ao aumento do movimento no comércio, em geral. Os alunos que opinaram que o turismo não ajuda consideraram que os visitantes não respeitam o ambiente.

Na questão “Quando você for adulto, gostaria de trabalhar com o turismo? Por quê?”, 14 alunos da escola pública e 14 da escola privada responderam que não. É possível perceber que as profissões

relacionadas ao turismo ainda não estavam fazendo parte do imaginário e cultura infantil. Notou-se que as crianças almejavam profissões “clássicas”, tais como as relacionadas às áreas de Medicina, de Engenharia, de Direito; ou, as profissões relacionadas aos Esportes ou às Artes: ser jogador de futebol, ser atriz.

As respostas dão margem à correlação com os postos de trabalho (ou subempregos) de parte da população matinhense, quais sejam: vendedores ambulantes (alguns deles, para chamarem a atenção das crianças turistas, submetem-se a vestir fantasias de personagens de desenhos animados, confeccionados em tecidos do tipo veludo, cobrindo todo o corpo, em pleno verão), vendedores em quiosques. Ademais, acredita-se que pode haver relação, também, com o sentimento das crianças de que a alta temporada trazia alguns aspectos negativos para a rotina do cotidiano delas.

Na pesquisa-piloto (2013), as crianças responderam de forma parecida com relação às profissões “clássicas”. Ademais, houve respostas que indicaram que os alunos consideravam que a área de turismo não apresentava boa remuneração.

Com relação à última pergunta, a que os pesquisados de ambas as escolas responderam por meio de desenhos e narrativas, houve categorias semelhantes, bem como singulares.

Entre os alunos da escola pública, prevaleceu a categoria “Transportes e deslocamento”, com 7 pesquisados que a representaram. Na escola privada foram 3 alunos que a representaram. Notou-se que as crianças do sexo masculino demonstraram interesse por veículos, especialmente os carros, e associaram o turismo aos deslocamentos a partir desse transporte.

As 2 crianças da escola pública que desenharam a junção de equipamentos e serviços turísticos e atrativos turísticos pareciam ter tido um curso de noções básicas de turismo. Embora desconhecessem o termo técnico “equipamentos e serviços turísticos”, representaram-nos, demonstrando a sua importância para a formatação do atrativo em produto turístico. Ainda, houve os alunos de ambas as escolas que representaram algum tipo de equipamento e serviço turístico, o que resultou em outra categoria.

Ressalta-se que a pesquisadora, bem como as educadoras, não influenciou nas respostas dos alunos, pois não houve palestras a respeito do turismo e nos dias da aplicação do questionário as crianças responderam sem qualquer intervenção.

Conforme o conceito de turismo de Moesch (2000), trata-se de uma atividade complexa de inter-relacionamento entre produção e serviços, além de ser um fenômeno recheado de objetividade/subjetividade, em que há, dentre outras, relações sociais de hospitalidade e troca de informações interculturais. Nessa mesma direção, os alunos que, ao desenharem, indicaram a categoria “hospitalidade”, expuseram importantes conceitos que permeiam o assunto.

Conforme salientado por Camargo (2005), a hospitalidade pode ser definida como o ato humano, exercido em contexto doméstico, público e profissional, de receber, hospedar, alimentar e entreter pessoas temporariamente deslocadas de seu *habitat* natural.

Para Grinover (2006), a hospitalidade supõe a acolhida. Acolher é permitir, sob certas condições, a inclusão do outro no próprio espaço (GRINOVER, 2006).

Os 2 alunos da escola privada cujos desenhos conformaram a categoria “equipamentos e serviços turísticos” representaram os estabelecimentos comerciais de suas famílias. Nessa mesma direção, o aluno que disse que “se você for o turista é visitar uma cidade. E se você trabalhar com turismo é você é ele (a) que atende o turista”, é filho de uma empresária do setor de hospedagem. Assim, houve crianças que disseram que turismo é um trabalho, o que foi destacado como uma outra categoria.

Em Informações e Guiamento, categoria identificada entre os alunos da escola privada, notou-se um conceito apurado de crianças residentes que tiveram a oportunidade de vivenciarem, de experienciarem a prática turística. Tal constatação encontra afinidade com a proposta conceitual de turismo infantil elaborada por Kushano (2013). Nessa forma de turismo, há a necessidade de maior supervisão de profissionais, como também a adequação de

produtos e serviços para atender as crianças com segurança e qualidade, proporcionando a elas percepção de novas paisagens, desenvolvimento pessoal, conforto, diversão e aprendizados culturais.

As crianças que desenharam atrativos turísticos naturais ou atrativos turísticos culturais representaram o que, a princípio, parecia mais comum, no entanto, não conformaram a maioria dos pesquisados.

Entre os atrativos naturais, prevaleceu a representação do mar e/ou da praia. Pode-se explicar tal feito devido aos pesquisados residirem em localidade balneária. Também, pelo fascínio do ser humano pelas orlas marinhas, de acordo com Tuan (1980).

Conforme o autor, não é difícil entender a atração que exercem as orlas marinhas sobre os seres humanos. As reentrâncias das praias e dos vales sugerem segurança; por outro lado, o horizonte aberto para o mar sugere aventura. Ademais, o corpo humano, que geralmente desfruta apenas do ar e da terra, entra em contato com a água e a areia (TUAN, 1980).

Assim, encerra-se a análise dos questionários, destacando-se que o mesmo, como instrumento de pesquisa, ganhou certa originalidade, a que se pode denominar de “questionário interativo”, o que resultou ser eficiente, principalmente por se tratar de sujeitos crianças como pesquisados.

O questionário interativo consta da presença do pesquisador na sua aplicação, orientando possíveis dúvidas, mas sem intervir nas respostas. Observou-se que as dúvidas mais frequentes foram quanto à interpretação das perguntas, bem como o modo de responder. Ressalva-se que, mesmo testado o questionário, bem como ciente de sua clareza, parece ser recorrente no universo infantil as dúvidas ou a procura de uma certeza quanto ao entendimento das perguntas, bem como a forma de respondê-las. Um exemplo: uma pergunta objetiva do questionário pedia para que o aluno assinalasse com um “X”. Assim mesmo, algumas crianças pediram orientação da pesquisadora para se certificarem se era para escrever um “X” na resposta.

Além do exposto, salienta-se que, como instrumento de coleta de dados, o questionário atingiu aos objetivos propostos e foi bem aceito pelas crianças. Em momento algum houve algum tipo de queixa no decorrer do seu preenchimento. Ao contrário, as crianças, de modo geral, mostraram-se satisfeitas ao respondê-lo. O mesmo foi verificado também no preenchimento do formulário Diário.

As professoras responsáveis pelas turmas do 5º ano relataram que os alunos comentaram positivamente sobre o Diário. A professora do 5º ano A da escola pública mencionou que iria propor outro Diário, tendo como exemplo o que os alunos preencheram para a pesquisa.

A seguir, apresenta-se a última parte do presente trabalho, na qual constam as considerações finais, retomando-se a essência do que cada capítulo abordou. Também, será tratado sobre os limites e as possibilidades da pesquisa, além de proposições acerca do que foi levantado na pesquisa empírica.

6. CONCLUSÃO

A Geografia é uma ciência de grande inserção e amplitude de enfoques no sentido de que abarca temas e pesquisas que fazem fronteiras com outras áreas do saber.

O enfoque humano na Geografia é essencial, haja vista que possibilita a compreensão da análise das categorias geográficas sob esse aspecto, contribuindo, sobremaneira, para elucidar a distribuição das pessoas no globo terrestre.

Por sua vez, os estudos do Turismo com aportes na Ciência Geográfica direcionam para uma evolução quantitativa, bem como qualitativa, conforme pode ser notado durante o transcorrer deste escrito, em especial no Capítulo “A Geografia Humanista Cultural e a Geografia do Turismo: contributos para pensar o lugar turístico e o cotidiano do visitante e do visitado”. No presente trabalho, defendeu-se uma análise qualitativa, em que se enfatizou não a transformação do território frente à atividade turística, mas, sim, a transformação de pessoas face ao fluxo turístico em um mesmo território.

Também no capítulo mencionado, notou-se que a análise do cotidiano é válida e extrapola a ideia das amenidades e dos fatos supérfluos que ocorrem em um espaço determinado. Ao contrário, o cotidiano revela hábitos, costumes, consumo, pensamentos e nele é inerente a linha tênue entre o ordinário e o extraordinário da vida diária. No mesmo capítulo, destacou-se, ainda, as alterações que ocorrem no cotidiano dos visitados e dos visitantes face ao turismo.

A “clássica” relação visitado e visitante convivendo em um mesmo espaço encontra-se no âmago do turismo enquanto fenômeno social. Embora repleta de idiossincrasias em tal relação, há que se ter, especialmente no âmbito das pesquisas acadêmicas, bem como no planejamento e na gestão do turismo, mecanismos que afixaram valor e deem voz a ambos atores sociais.

Ao se restringir a abordagem do turismo pela ótica e lógica do mercado, possivelmente se abrem lacunas no que tange ao entendimento do turismo como um todo. Entre tais lacunas, pode-se identificar justamente a ausência de análise e apreensão das alterações do cotidiano dos residentes em locais turísticos frente ao fluxo em suas destinações, bem como a ausência de análise de todos os atores sociais que compõem o turismo.

Assim, refletir sobre a humanização do turismo, tema explanado no Capítulo “Por uma Humanização do Turismo: os significados de um turismo para todos”, parece utópico. Todavia, ao se considerar o turismo pelo olhar dos visitados, bem como o direito de um turismo para todos, o tema faz-se pertinente e se alinha à proposta deste escrito em “dar voz” a um grupo de crianças residentes em lugar turístico.

No capítulo “Infância Sociocultural e Geográfica”, evidenciou-se, à luz da Sociologia da Infância e da Geografia da Infância, as diferentes crianças e suas infâncias, bem como a complexidade do conceito de infância. Nesses postulados, pensar a infância partindo dela mesma é crucial, visto que as crianças devem ser percebidas como sujeitos repletos de relações sociais, que interagem com o espaço, com a paisagem, com o lugar. Todavia, muitas vezes, ressignificam tais categorias de análise geográfica, ou até mesmo as modificam. Ademais, afirmou-se ao longo desse capítulo que se para os pesquisadores da Geografia, a Infância é um campo que precisa ser ainda amplamente desvelado, tanto mais o é para os do Turismo.

Apesar de ainda serem poucos os estudos que abordam a Infância, notadamente ao se considerar os aportes da Geografia Humana, sobretudo da Geografia Cultural, houve possibilidades tangíveis para um diálogo com os resultados e discussões a partir da coleta de dados da pesquisa de campo, o que pode ser observado no capítulo “O que é Turismo para mim”? Nesse capítulo, confirmou-se a hipótese de que crianças residentes em lugares turísticos percebem alterações em seu cotidiano com o advento da alta temporada, bem como dos feriados prolongados. Ademais, a partir

dos capítulos teóricos, bem como desse capítulo com base empírica, avalia-se que os objetivos propostos no trabalho foram alcançados.

Como salientado, a prática do turismo é para o turista a busca pelo extraordinário, a fuga do seu cotidiano. Em contrapartida, em lugares turísticos como Matinhos, a ocorrência do turismo no município já faz parte do cotidiano de toda a sua população, incluindo as crianças residentes. Mesmo cientes dessas alterações em cada temporada e feriados prolongados, percebeu-se que, para muitas crianças, a quebra da rotina de seu cotidiano na ocasião dos encontros (pessoas, pessoas e espaço) causa-lhes certo incômodo e/ou desconforto. Porém, outros sentimentos que permeiam esse encontro refletiram valores identificados, tais como o da amizade e o da autoestima.

Quanto à área de estudo, essa se mostrou pertinente para o problema da pesquisa, bem como para os objetivos nela propostos. Matinhos é um município com balneários que não fogem à regra, pois não muito diferente de outras localidades costeiras brasileiras, se desenvolveu sem prévio e adequado planejamento urbano, o que se evidencia em períodos de grande fluxo turístico e permeia as relações sociais entre visitantes e visitados.

As crianças participantes da pesquisa mostraram-se satisfeitas em contribuir como respondentes e se revelaram, muitas vezes, surpresas, em serem essências da mesma. As professoras demonstraram interesse no foco da pesquisa e revelaram que foi importante para conhecerem melhor os seus alunos, passando a observarem com maior apreensão os seus sentimentos, as suas opiniões e as suas percepções, no que tange à vivência de alterações no cotidiano. Tal fato encontra explicação na literatura, pois constatou-se existir pesquisas, em âmbito nacional e internacional, referentes às opiniões de populações locais quanto ao turismo, todavia, são raras as pesquisas que incluem as crianças como participantes e mais raras ainda as que são realizadas exclusivamente para saber a opinião delas.

Ao realizar a pesquisa em uma escola pública e em uma escola particular, bem como apresentar os resultados de modo

distinto, o objetivo foi o de evidenciar as respostas de acordo com uma dinâmica consideravelmente distinta. Direção de colégio, professoras, bairros distintos, classes sociais distintas. Assim, o pressuposto era de buscar heterogeneidade nos sentimentos e percepções, se assim houvesse; no entanto, tratando de crianças de uma mesma faixa etária, cursando o mesmo ano do ensino fundamental.

De fato, os resultados apontaram para algumas heterogeneidades entre as crianças da escola pública e da escola privada. Destacam-se: a questão da amizade, presente entre os alunos que são filhos de pais que exercem a função de zeladores de condomínio residencial; o sentimento de solidão, apontado especialmente pelas crianças da escola privada; uma maior familiaridade com as viagens e o exercício do papel social de turista, revelada pelas crianças da escola privada.

Um discurso homogêneo foi apresentado pelas crianças quanto ao incômodo com o barulho, com o movimento e com o lixo ocasionado devido ao fluxo turístico de alta temporada e/ou feriados prolongados. Também, a questão financeira foi mencionada como importante para os pais, conforme as crianças.

Assim, nota-se um paradoxo: a atividade turística está presente no discurso da criança como algo importante para o seu sustento e qualidade de vida, pois no período das férias e dos feriados prolongados os pais possuem mais demanda de trabalho e, como consequência, proporcionam-lhes um sentimento de segurança. Todavia, o sentimento de insegurança também está presente, visto que essas mesmas crianças permanecem mais tempo sozinhas na alta temporada ou em virtude de a cidade não estar mais tranquila e calma, por apresentar mais movimento e barulhos, conforme os dados da pesquisa apontaram.

Além do questionário, os resultados do formulário Diário revelaram semelhanças e diferenças no cotidiano das crianças. Pôde-se notar que a vida diária das crianças residentes em Matinhos, sejam alunos de escola pública ou privada, como também moradores de diferentes bairros ou até mesmo de outras

idades, apresentou-se relativamente parecida. Todavia, algumas diferenças, especialmente quanto às atividades extracurriculares, foram marcantes. As crianças da escola pública citaram, com certa frequência, sua participação em um projeto institucional; enquanto as crianças da escola privada citaram atividades como natação, aulas de Inglês e aulas de musicalização.

Embora não se tenha realizado pesquisa com os pais das crianças para fins de testagem sobre se a opinião dos mesmos interferiria ou não na opinião dos seus filhos, evidencia-se, a partir do referencial em Sociologia da Infância, o pressuposto de uma visão não adultocêntrica, em que as crianças têm opiniões próprias que interferem em seu universo e que as fazem merecedoras de estudos a partir de si mesmos. Nesse sentido, é digno de nota, por exemplo, que não foi indicado nos questionários o aumento dos preços na alta temporada, sobretudo no setor de alimentação, constatando-se ser algo recorrente e frequente no discurso da população matinhense, conforme descrito nas entrevistas com as duas educadoras.

Pode-se observar que as crianças fizeram uma leitura e interpretação de mundo que lhes é singular, concreta e carregada de sentimento. Ao analisar o lugar de morar, há uma forte ligação com a experiência humana, com o enraizamento, com os vínculos que se estabelecem, como, por exemplo, o da amizade. Diante disso, entende-se que explorar o lugar e cotidiano resulta em algo produtivo, sob o ponto de vista científico, bem como sob o ponto de vista das relações sociais.

Algumas proposições se abrem ao desfecho deste trabalho. A primeira diz respeito às políticas públicas de turismo para o município de Matinhos refletirem o interesse da população local. Identifica-se que seus dirigentes públicos enaltecem a atividade turística como fomentadora de emprego, trabalho e renda. Porém, como observado, não faz parte do imaginário das crianças, por ora, exercerem alguma profissão ou atividade relacionada ao turismo. Nesse sentido, pergunta-se: o turismo em áreas litorâneas

brasileiras está sendo pensado sob uma perspectiva de melhoria na qualidade de vida da população local?

A segunda proposição é com relação a programas de Educação ao Turista. Uma campanha de sensibilização para o bom convívio com os moradores locais faz-se pertinente para tentar amenizar os impactos ambientais, especialmente o da poluição sonora e dos congestionamentos, mencionados pelas crianças.

A terceira proposição diz respeito a se pensar, efetivamente, nos benefícios e malefícios do turismo de massa. O que se pressupõe é que não é o turismo, propriamente dito, o causador de transtornos aos moradores residentes em destinos turísticos. O problema parece estar no grande fluxo, na saturação desse lugar, por não comportar tal quantidade de visitantes.

A quarta proposição está relacionada diretamente com as crianças. Considera-se ser imprescindível que os professores das escolas, em suas aulas de Geografia, por exemplo, dialoguem sobre os tipos de turismo, os tipos de turistas, os negócios do turismo e o planejamento sustentável das localidades, para terem uma visão mais apurada do turismo como fenômeno social e atividade econômica de impacto sobre o meio ambiente. Todavia, sem esquecer que as crianças residentes também já foram ou serão turistas.

A quinta e última proposição, embora não levantada na pesquisa de campo, foi detectada na pesquisa-piloto e diz respeito à necessidade de erradicar o trabalho/mão de obra infantil. Há que se ter um plano nacional para a erradicação do trabalho infantil em equipamentos e serviços turísticos, assim como há, desde 2006, o Programa Turismo Sustentável & Infância, visando ao combate da exploração sexual infanto-juvenil.

Faz-se importante salientar as limitações da pesquisa, principalmente quanto ao referencial teórico, pois, conforme já mencionado, se estudos com a população local não são comuns, tanto mais em se tratando de crianças residentes em destinações turísticas.

Também, sendo as crianças os sujeitos da pesquisa, o zelo deve ser redobrado, promovendo-se mecanismos éticos ao se expor ideias para elas, e garantindo a segurança para quem as pesquisou, bem como para quem concedeu a autorização para pesquisá-las. Nesse sentido, há que se salientar que a pesquisa bibliográfica realizada teve um papel relevante na questão da conduta da doutoranda face às suas idas ao campo, em especial, durante o contato direto com as crianças partícipes da pesquisa.

Refletir sobre o cotidiano das crianças e os possíveis efeitos do turismo tanto para as crianças residentes como para as crianças turistas é um exercício de auferir a elas o que lhes é de direito: de serem cidadãos com voz, opiniões e sentimentos.

Assegura-se, ao final deste trabalho que, devido à temática e a proposta metodológica adotadas, a sua contribuição é inédita. Nesse sentido, a Geografia da Infância, bem como a Sociologia da Infância contribuíram para as pesquisas com crianças residentes aqui apresentadas, além de consolidar possíveis postulados em Infância e Turismo.

A partir de pesquisa realizada em Matinhos (PR), finaliza-se este estudo defendendo a afirmação de que as crianças residentes pesquisadas têm percepções, sentimentos e opiniões consistentes quanto ao turismo, especialmente em se tratando de alterações em seu cotidiano, com o advento do fluxo turístico de massa.

REFERÊNCIAS

- ACERENZA, M. A. **Administração do Turismo**. v. 1. São Paulo: EDUSC, 2002.
- ADAMS, P. C.; HOELSCHE, S.; TILL, K.E. Place in context. Rethinking humanist geographies. In: _____. (Editors). **Textures of place: explorins humanist geographies**. University of Minnesota Press. Minneapolis, London, 2001.
- ANDRADE, C. D. **Reunião**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1969.
- ANGULO, R. As Praias do Paraná: problemas decorrentes de uma ocupação inadequada. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, n. 99, p. 97-103, jul./dez. 2000.
- AGUIRRE, R. S.; DI SANTO, S.; GRUNEWALD, L.; PANTANO, L.; SIMON, M. F. G. **Recreação e turismo para todos**. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.
- AIRES, J. D. M.; FORTES, L. O modelo Irridex de Doxey: breves considerações acerca de sua aplicação em ponta negra (Natal-RN). **Revista Iberoamericana de Turismo - RITUR**, Penedo, v. 1, n. 1, p. 23-33, 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/233>. Acesso em: 10/2/2014.
- ALMEIDA, M. Cultura, turismo e identidade: a produção do ser e do lugar turístico. In: SIVAL, J. et al. (Orgs.) **Panorama da geografia brasileira**. São Paulo: ANNABLUME, 2006.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Tradução: Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE BRINQUEDOTECAS. Histórico. Disponível em: <http://www.brinquedoteca.org.br>. Acesso em: 30/10/2014.
- AUGÉ, M. **O sentido dos outros: atualidade da Antropologia**. Petrópolis: Vozes, 1996.

- BAHL, M. Planejamento turístico por meio da elaboração de roteiros. In: RUSCHMANN, D. VAN DE M.; SOLHA, K. T. **Planejamento turístico**. Barueri, SP: Manole, 2006. p. 298-316.
- BAHL, M. Conteúdos culturais e naturais em roteiros turísticos versus artificialismo induzido. In: BAH, M. (Org.) **Turismo: enfoques teóricos e práticos**. São Paulo: Roca, 2003. p. 141-148.
- BARBOSA, M. C. S. **Por amor e por força: rotinas na Educação Infantil**. 283 f. Tese (Doutorado em Educação) – UNICAMP, Campinas, São Paulo, 2000.
- BAPTISTA, M. **Turismo: competitividade sustentável**. Lisboa: Verbo, 1997.
- BARREIRA, I. A. F. Lisboa sob o olhar do turista. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 41, n. 2, jul./dez., 2010, p. 24-35.
- BARRETTO, M. Relações entre Visitantes e Visitados: um retrospecto dos estudos socioantropológicos. **Turismo em Análise**, v. 15, n. 2, p. 133-149, nov. 2004.
- BARREIRA, I. A. F. Dificuldades e possibilidades da pesquisa interdisciplinar no mestrado em turismo. In: Encontro internacional de pesquisadores da rede Latino-americana de cooperação universitária “América Latina perante o desafio da integração”, II, 2005, Universidade de Caxias do Sul – RS, 08, 09 e 10 de junho de 2005. Disponível em: <http://barretto-margarita.naya.org.ar/pesquisa.pdf>. Acesso em: 11/03/2015.
- BEDIM, B. P.; PAULA, H. E. de. "Relatos visitados": história oral e pesquisa em turismo e hospitalidade. Considerações teórico-metodológicas. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 7, n. 1, p. 63-77, 2007.
- BIGARELLA, J. J. **Matinho: Homem e Terra – Reminiscências...** 1. ed. Matinhos: Prefeitura Municipal de Matinhos: Associação de Defesa e Educação Ambiental, 1991.
- BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção Docência em Formação).

BRASIL. Lei n. 8068, 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências (ECA)**. Brasília, DF, 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/civil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em: 2/4/2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Humanização**. 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_humanizacao_pnh_folheto.pdfAcesso em: 09/06/2023.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Segmentação do turismo: marcos conceituais**. Brasília: Ministério do Turismo, 2005.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Perfil do turista de aventura e do ecoturista no Brasil**. São Paulo: ABETA, 2010.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Programa Turismo Sustentável & Infância**. Disponível em: <www.turismo.gov.br>. Acesso em: 08/06/2023.

BORBA, A. M.; LOPES, J. J. M.; VASCONCELOS, T. DE. **Infância. Sede de Ler**, v. 3, n. 1, p. 3-4, 21 out. 2020.

BOULLÓN, R.C. **Atividades turísticas e recreativas: o homem como protagonista**. Tradução: Maria Elena Asumpção. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CAMARGO, L. O. de L. **Hospitalidade**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2005. (Coleção ABC do Turismo).

CARLOS, A. O turismo e a produção do não-lugar. In: YÁZIGI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. C. A. da. **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: HUCITEC, 1999. p. 25-37.

CARVALHO, S. M. S. A percepção do turismo por parte da comunidade local e dos turistas no município de Cajueiro da Praia – PI. **Turismo em Análise**, v. 21, n. 3, dez. 2010.

CASTRO, N. A. R. de. **O lugar do turismo na ciência geográfica: contribuições teórico-metodológicas à ação educativa**. 2006. 300 p. Tese (Doutorado) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CASTROGIOVANNI, A. C. Turismo e ordenação no espaço urbano. In: _____. (Org.) **Turismo urbano**. São Paulo: Contexto, 2001.

CENTRO DE ESTUDOS DO MAR. **Localização**. Disponível em: <www.cem.ufpr.br>. Acesso em: 16/04/2014.

CERTAU, M. de. **A invenção do cotidiano: Artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, M.; GIARD L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano: Morar e Cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1997.

CLAVAL P. A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na geografia. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003. p. 145-166.

CLAVAL P. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Orgs.). **Elementos da Epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2004.

CLAVAL P. **A Geografia Cultural**. 3. ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2007.

CORSARO, W. **The sociology of childhood**. California: Pine Forge Press, 1997.

COSTA, N. B. R, da. Impactos socioambientais do turismo em áreas litorâneas: um estudo de percepção ambiental nos balneários de Praia de Leste, Santa Teresinha e Ipanema – Paraná. **Revista Geografar**, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 151-181, 2011. Disponível em: <www.ser.ufpr.br/geografar>. Acesso em: 06/06/2023.

CRAVIDÃO, F. Turismo e cultura: dos itinerários ao lugar os lugares. In: FONSECA, M. L. **Desenvolvimento e território: espaços rurais pós-agrícolas e novos lugares de turismo e lazer**. Lisboa: [s.l.], 2006.

CRICK, M. The Hippy in Sri Lanka: A Symbolic Analysis of the Imagery of School Children in Randy. **Criticism, Heresy and Interpretation**, n.3, p. 37-54, 1989.

CROUCH, D. Práticas e resultados turísticos. In: LEW, A. A.; HALL, C. M.; WILLIAMNS, A. M. (Orgs.). **Compêndio de turismo**. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. (Coleção Ciência e Técnica).

DEL PRIORE, M. Apresentação. In: _____. (Org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000. p. 8-18.

DEL PRIORE, M. História do cotidiano e da vida privada. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 311-329.

DESLANDES, S. F. O projeto ético-político da humanização: conceitos, métodos e identidade. **Revista Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 9, n. 17, p. 389-406, mar./ago. 2005.

DINIZ FILHO, L. L. **Epistemologia da Geografia**. Curitiba: UFPR, 2012. Notas de aula.

ESTADES, N. P. O Litoral do Paraná: entre a riqueza natural e a pobreza social. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, Ed. UFPR, n. 8, p. 25-41, jul./dez. 2003.

FALCÃO, P. H. P. Turismo social: em busca de maior inclusão da sociedade. In: CARVALHO, C. L. de; BARBOSA, L. C. M. (Orgs.). **Discussões e propostas para o turismo no Brasil: Observatório de Inovação do Turismo**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2006.

FERREIRA, R. L.; GOMES, F. T. M. C.; SILVA, M. S. Uso da cartilha "Aventura da vida nas cavernas" como ferramenta de educação nas atividades de turismo em paisagens cársticas. **Pesquisa em Turismo e Paisagens Cársticas**, v. 1, n. 2, p. 145-164. 2008. Disponível em: <<http://www.sbe.com.br/turismo.asp>>. Acesso em: 11/06/2023.

FRATUCCI, A. C. Os Lugares Turísticos: territórios do fenômeno turístico. **GEOgraphia** (UFF), Niterói-RJ, Ano II, n. 4, p. 121-133, 2001.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). Situação mundial da infância 2018. Disponível em: <www.unicef.org/brazil/>. Acesso em: 09/06/2023.

GANRADT, J. Jamaican children's representations of tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 22, n. 4, p. 735-762, 1995.

GEOGRAFIA DA INFÂNCIA. Apresentação. Disponível em: <<http://www.geografiadainfancia.blogspot.com>> Acesso em: 06/06/2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, A. H. C de F; GIL FILHO, S. F. Geografia do cotidiano: uma leitura da metodologia sócio-interacionista de Erving Goffman. **Revista Ateliê Geográfico**, v. 2, n. 4, p. 102-118, ago. 2008.

GOMEZ, Z. F. F. **Desenho Infantil** - Modos de interpretação do mundo e simbolização do real. Um estudo em Sociologia da Infância. 216 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia da Infância) – Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, Braga, 2009.

GONÇALVES, L. F. de. Geografia Humanística e Turismo: contribuições de enfoque humanista para o estudo do turismo. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, V., 2008, Caxias do Sul, RS. **Anais...** Caxias do Sul: UCS, 2008.

GONÇALVES, T. M. **O processo de apropriação do espaço através dos modos de morar e habitar o lugar** (uma abordagem psico-socio-ambiental do Bairro Renascer/Mina Quatro de Criciúma -SC). 2002. 328 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

GRASSI, M.-C. Transpor a soleira. In: MONDANTON, A. **O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2011. p. 45-53.

GRINOVER, L. A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, ano III, n. 2, p. 29-50, 2. sem. 2006.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1992.

HELLER, A. **Cotidiano e história**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1985.

HISSA, C.E.V.; CORGOSINHO, D. R. Recortes do lugar. **Geografias**: Revista do Departamento de Geografia, UFMG, Belo Horizonte, v. 2, p. 7-21, jan./jun. 2006.

HOLANDA, A. B. **Mini Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo Editora, 2010.

HOLLOWAY, S.; VALENTINE, G. **Children's geographies: playing, living, learning**. London / New York: Routledge, 2000.

HOLZER, W. **A Geografia Humanista: trajetória de 1950 a 1990**. Dissertação (Mestrado) - Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

HOLZER, W. A Geografia Humanista anglo-saxônica - de suas origens aos anos 90. **Revista Brasileira de Geografia**, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, Rio de Janeiro, v. 55, n. 1, p. 90-109, jan./dez. 1993.

HOLZER, W. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: ROSENDAL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2001.

IBGE Cidades. **Matinhos**. Disponível em: <www.cidades.ibge.gov.br> Acesso em: 9/6/2023.

IPARDES (Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social). **Caderno Estatístico Município de Matinhos**. Curitiba, dez. 2012.

JAFARI, J. Tourism research: revamping old challenges for integrative paradigms. Anais do **VII Congresso Nacional y Internacional de Investigación Turística**. Guadalajara, México, 05 out. 2005.

JAMES, A.; PROUT, A. A new paradigm for the sociology of childhood: provenance, promise and problems. In: _____ (Orgs.). **Constructing and reconstructing childhood**. London: Falmer, 1997. p. 5-10.

JERÔNIMO, R. N. T.; GONÇALVES, T. M. O processo de apropriação do espaço e produção da subjetividade. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v.24, n. 2, Apr./Jun. 2008.

- KNAFOU, R. Turismo e território: para um enfoque científico do turismo. In: RODRIGUES, A. (Org.). **Turismo e geografia: Reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 2001.
- KRAMER, S. Pesquisando Infância e educação: um encontro com Walter Benjamin. In: KRAMER, S.; LEITE, M. I. (Orgs.) **Infância: fios e desafios da pesquisa**. Campinas: Papirus, 1996. p. 14-38.
- KRAMER, S.; LEITE, M. I. Apresentação. In: _____ (Orgs.). **Infância e produção cultural**. 4. ed. São Paulo: Papirus, 2005. p. 7-10.
- KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2000.
- KUHLMANN JÚNIOR, M.; FERNANDES, R. Sobre a história da infância. In: FARIA FILHO, L. M. (Org.). **A infância e sua educação – matérias, práticas e representações (Portugal e Brasil)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 15-33.
- KUSHANO, Elizabete S.; BAHL, Miguel; SOUZA, Silvana do Rocio de. Reflexões sobre a importância do estudo do cotidiano e sua interface com o turismo. *Revista Hospitalidade*. São Paulo, volume 13, p. 92-108, ago.2016.
- KUSHANO, E.S.; BAHL, M. O cotidiano das crianças residentes em lugares turísticos: percepções de alunos de uma escola pública localizada em uma pequena cidade litorânea do Brasil. In: SANTOS, M; SERRA, F.; SANTO, J.; ÁGUAS, P. **Desenvolvimento e Planeamento em Turismo**. TMS Conference Series. Universidade do Algarve, Faro, Portugal, 2013. p. 342-353.
- KUSHANO, E. S.; MONTEIRO, R.; MEIRA, C. M. É para turista ou para morador local? Observação dos locais de implantação e do uso das academias da terceira idade no município de Matinhos - PR. In: ENCONTRO NACIONAL DE TURISMO DE BASE LOCAL, 2010, Niterói. **Anais...** Niterói: UFF, 2010. p.1-21.
- KUSHANO, E.S. A importância do brincar e do turismo na infância - um olhar para a Brinquedoteca Keka & Companhia, Itabuna, Bahia. **Caderno virtual de turismo**. v. 7, n. 3, 2007.

KUSHANO, E. S. Adequação de produtos e serviços turísticos para a criança: um olhar para os meios de hospedagem. 141 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo) - Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2008.

KUSHANO, E. S. Criança e Turismo: o resgate da infância e sua implicação no futuro do turismo de aventura e do ecoturismo. In: ANGELI, N. P. et al. (Orgs.). **Responsabilidade e inovação em destinos turísticos e empresas turísticas**: seleção dos melhores trabalhos apresentados no IV Fórum Internacional de Turismo do Iguassu. 1. ed. Foz do Iguaçu, PR: Polo Iguassu Feiras & Eventos, 2011. p. 150-173.

KUSHANO, E. S. Turismo infantil: uma proposta conceitual. **Revista Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 124-146, jan. 2013.

LAGE, B. H. G.; MILONE, P. C. Impactos socioeconômicos do turismo. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 33, p. 5-25, out./dez. 1998.

LARROSA, J. O enigma da infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro. In: KUSHANO, E. S. *Imagens do outro*. Trad Celso Marcio Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

LASTÓRIA, A. C.; MELLO, R. C. "Cotidiano" e "lugar": categorias teóricas da História e da Geografia escolar. **UNIVERSITAS**, Fernandópolis, v. 4, n. 1, s./p., 2008.

LEFEBVRE, H. **La vida cotidiana en el mundo moderno**. Madrid: Alianza Editorial, 1984.

LEITE, M. I. F. P. Desenho infantil: questões e práticas polêmicas. In: KRAMER, S.; LEITE, M. I. F. P. **Infância e Produção Cultural**. 4.ed. Campinas, SP: Papirus, 2005.

LEW, A. Tourism in places and places in tourism. **Tourism Geographies**, n. 5, v. 2, 2003.

LIMA, S. O. Cidadania, participação e organização comunitária. In: MARTINS, C. (Org.). **Turismo, Cultura e Identidade**. São Paulo: Rocca, 2003. p. 13-19.

LOPES, J. J. M. Geografia da Infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias. **R. Educação Pública**. Cuiabá, v. 22, n. 49/1, p. 283-294, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/915/716>. Acesso em: 05/06/2023.

LOPES, J. J. M. Mapa dos cheiros: cartografia com crianças pequena. **Revista Geografares**, n.12, p.211-227, jul. 2012.

LOPES, J. J. M. Geografia das Crianças, Geografia das Infâncias: as contribuições da Geografia para os estudos das crianças e suas infâncias. **Revista Contexto & Educação**, Editora Unijuí. Ano 23, v. 79, p. 65-82, 2008.

LOPES, J. J. M.; VASCONCELOS, T. **Geografia da Infância**: reflexões sobre uma área de pesquisas e estudos. Juiz de Fora: Feme, 2005.

LOPES, J. J. M.; VASCONCELOS, T. Geografia da Infância: Territorialidades Infantis. **Currículo sem Fronteiras**, v. 6, n. 1, p.103-127, jan./jun. 2006.

LOUV, R. **Last child int the Woods**: saving our children from nature-deficit disorder. New York: Algonquin Books of Chapel Hill, 2008.

MAFFESOLI, M. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed, 1995.

LOPES, J. J. M.; VASCONCELOS, T. A terra fértil do cotidiano. **Revista FAMECOS**. n. 36, p. 5-9, 2008.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer – uma introdução**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

MARUJO, M. N.; CRAVIDÃO, F. Turismo e Lugares: uma visão geográfica. PASOS – **Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 10, n. 3, p. 281-288, 2012. Disponível em: <www.pasosonline.org>. Acesso em: 18/5/2013.

MELLO, J. B. F. de. A geografia humanista: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. **Revista**

Brasileira de Geografia, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Rio de Janeiro, v. 52, n. 4, p. 91-114, out./dez.1990.

MENDONÇA, R. Turismo ou meio ambiente: uma falsa oposição? In: LEMOS, A. I. G. (Org.). **Turismo: impactos sócio-ambientais**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 19-25.

MOESCH, M. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2000.

MONDANTON, A. Espelhos da Hospitalidade. In:_____. **O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2011. p. 31-43.

MONTENEGRO, A. T. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 1992.

MOREIRA, H.; CALEFFE L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MURATA, M. **Crianças, Meio Ambiente e Contemporaneidade**. Matinhos: UFPR, 2014. Entrevista.

NEGRINE, A.; BRADACZ, L.; CARVALHO, P. E. G. **Recreação na hotelaria: o pensar e o fazer lúdico**. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

NITSCHKE, L. B. **Desvendando o espaço vivido da comunidade de Guajuvira e sua relação com o turismo, em Araucária, Paraná (PR)**. 224 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

PANOSSO NETTO, A. **Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia**. São Paulo: Aleph, 2005.

PARANÁ. Secretaria de Estado de Turismo. **Estudo da Demanda Turística Litoral-PR 2000-2006**. Disponível em: <www.turismo.pr.gov.br>. Acesso em: 30/5/2014.

PARANÁ. Secretaria de Estado de Turismo. **Guia Litoral do Paraná 2019**. Curitiba, 2019.

PERROTTI, E. A criança e a produção cultural (Apontamentos sobre o lugar da criança na cultura). In: ZILBERMANN, R. (Org.). **A produção cultural para a criança**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 10-27.

PESQUISA NACIONAL por Amostra de Domicílios (PNAD). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9127-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios.html>. Acesso em: 12/06/2019.

PIERRI, N. **Litoral do Paraná**: uma leitura dos limites de sua sustentabilidade sócio-ambiental. Palestra proferida no dia 10/06/2011, na UFPR, Setor Litoral.

PIERRI, N. *et al.* A ocupação e o uso do solo no litoral paranaense: condicionantes, conflitos e tendências. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, Editora UFPR, n. 13, p. 137-167, jan./jun. 2006.

POPCORN, F.; HANFT, A. **O dicionário do futuro**: as tendências e expressões que definirão nosso comportamento. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

PREFEITURA Municipal de Matinhos. **Nossa cidade**. Disponível em: <www.matinhos.pr.gov.br>. Acesso em: 8/6/2023.

PROUT, A. **The future of childhood**: towards the interdisciplinary study of children. New York: Routledge Falmer, 2005.

PUBLICAÇÕES de turismo. Disponível em: <<http://www.each.usp.br/turismo/publicacoesdeturismo/>>. Acesso em: 08/06/2021.

RIBAS, L. C. C.; ZUCULOTO, J. R. M. Os extrativistas da Reserva Extrativista Marinha do Pirajuba (Florianópolis, Santa Catarina, Brasil) – visões endógenas sobre a reserva e o turismo local. **Turismo e Sociedade**, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 391-422, out. 2012.

RODRIGUES, A. B. Espaços de turismo e de lazer urbanos: uma leitura geográfica. **Aportes y Transferencias**, Argentina, Universidad Nacional de Mar del Plata, v.10, n.1,2006.

SAINT-EXUPERY, A. **O pequeno príncipe**. 47. ed. São Paulo: Agir, 2005. p. 9-10.

SARMENTO, M. J. A Sociologia da Infância e a Sociedade Contemporânea: desafios conceituais e praxeológicos. (Org.). **Sociologia da Infância e a formação de professores**. Curitiba: Champagnat Ed. PUC PR, 2013a.

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e da educação**. Porto: Edições Asa, 2004. p. 9-34.

SARMENTO, M. J. Crianças: educação, culturas e cidadania activa. **Perspectiva** - Revista do Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 17-40, jan./jul. 2005.

SARMENTO, M. J. **Conhecer a Infância**: os desenhos das crianças como produções simbólicas – Lição de Síntese para provas de Agregação. Braga: Universidade do Minho, 2007.

SARMENTO, M. J. **Seminário em Sociologia da Infância**. Aula proferida no Programa de Doutoramento em Estudos da Criança. Universidade do Minho, Campus de Braga, 2013b. Notas de aula.

SARMENTO, M.J.; BANDEIRA, A.; DORES, R. **Trabalho domiciliário infantil**: um estudo de caso no Vale do Ave. Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social. Lisboa, 2000.

SARMENTO, M. J.; PINTO, M. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: _____ (Orgs.). **As crianças, contextos e identidades**. Braga, Portugal: Universidade do Minho. Centro de Estudos da Criança: Ed. Bezerra, 1997. p. 7-30.

SARMENTO, J. Geografia Cultural e Geografia do Turismo na Contemporaneidade. [mensagem de trabalho]. Mensagem recebida por: <sayuritur@gmail.com> em: 7/12/2013.

SARMENTO, J. Geografia cultural e Geografia do turismo: configurações para o final da década de 90. **Inforgeo**, v.1, n. 12/13, p. 163-172, 1999.

SELWYN, T. Uma antropologia da hospitalidade. In: LASHLEY, C.; MORRISON, A. (Orgs.) **Em busca da hospitalidade**: perspectivas para um mundo globalizado. Tradução: Carlos David Szlak. Barueri, SP: Manole, 2004. p. 25-50.

SILVA, T.; KUSHANO, E. S.; ÁVILA, M. A. Segmentação de mercado: uma abordagem sobre o turismo em diferentes faixas etárias. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 8, n. 2, p. 105-114, 2008.

SMOLKA, A. L. B. Estatuto de sujeito, desenvolvimento humano e teorização sobre a criança. In: FREITAS, M. C.; KUHLMANN JR, M. (Orgs.). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002.

SOUZA, S. J.; PEREIRA, R. M. R. Infância, conhecimento e contemporaneidade. In: KRAMER, S.; LEITE, M. I. (Orgs.). **Infância e produção cultural**. 4.ed. São Paulo: Papirus, 2005. p. 25-42.

SOUZA, H. R. de. Cotidiano na Geografia, a Geografia no Cotidiano. In: Encontro nacional de prática de ensino em geografia, 10., 2009, Porto Alegre. **Anais ...** Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 1-20.

SOUZA, S. do R. de. **O patrimônio histórico da Lapa como representação social**: algumas relações entre a Geografia e o Turismo. 174 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná - UFPR, Curitiba, 2011.

SWARBROOKE, J. **Turismo sustentável**: setor público e cenários geográficos. v. 3. Tradução: Esther Eva Horovitz. São Paulo: Aleph, 2000.

TELES, R. **Fundamentos geográficos do turismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1992.

TUAN, Y. F. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Y. F. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Ed. DIFEL, 1983.

TUAN, Y. F. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da Geografia**. 2. ed. São Paulo: DIFEL, 1985.

TUAN, Y. F. A view of geography. **Geographical Review**, v. 81, n.1, p. 99-106, 1991.

UNESP TV. **O que é Geografia**. Disponível em: <<http://youtu.be/YktYwin3sk0>>. Acesso em: 08/06/2023.

UNWTO (WORLD TOURISMO ORGANIZATION). **Código de Ética Mundial para o Turismo**. Disponível em: <<http://ethics.unwto.org/sites/all/files/docpdf/portugal.pdf>>. Acesso em: 28/04/2023.

URRY, J. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WAINBERG, J. **Turismo, comunicação e informação**. Apostila apresentada ao Curso de Pós-Graduação Comunicação e Turismo, em nível de extensão, da Universidade Metodista de São Paulo - UMESP. Maringá, 2002. 10 p.

WELLS, N.; KRISTIS, L. Nature and the life course: pathways from childhood nature experiences to adult environmentalism. **Children, Youth and Environments**, v.16, n.1, 2006. Disponível em: <<http://www.colorado.edu/journals/cye/>>. Acesso em: 27/05/2012.

WILLIAMS, S. **Tourism Geography: a new synthesis**. New York: Routledge, 2009.

YÁZIGI, E. **A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas**. São Paulo: Contexto, 2001.

APÊNDICES

QUESTIONÁRIO PARA AS CRIANÇAS RESPONDEREM

DADOS INICIAIS

IDADE:

NATURAL DE:

HÁ QUANTO TEMPO MORA EM MATINHOS: _____

Se mora em outra cidade, citar o nome e dizer há quanto tempo mora lá): _____

RESIDE EM (assinale com um X):

CASA/APARTAMENTO PRÓPRIA ()

CASA/APARTAMENTO ALUGADO ()

CASA CEDIDA, POIS MEU PAI (OU MINHA MÃE, OU AMBOS) SÃO ZELADORES DO PRÉDIO ONDE MORAMOS ()

OUTRO TIPO DE RESIDÊNCIA: () QUAL? _____

PERGUNTAS

1. Desenhe "O lugar onde eu vivo".
2. Como é o seu dia a dia no período que não têm turistas e veranistas onde você mora? Descreva.
3. Como é o seu dia a dia no período de férias e feriados prolongados? Descreva.
4. Você gosta quando chega a época das férias e vem bastante gente de fora em Matinhos? Por quê?
5. Durante as férias você costuma ir à praia?
() Sim. Por quê?
() Não. Por quê?

() Às vezes. Por quê?

6. Nas férias, você e sua família permanecem em Matinhos (ou na cidade onde você mora)?

() Sim. Por quê?

() Não. Por quê?

7. Os pais das crianças ou as próprias crianças que vem de fora conversam com você? Se sim, sobre o que falam?

8. O que os seus pais falam do período de temporada e dos feriados prolongados?

9. Você gostaria de morar em outra cidade? Por quê?

9. Em sua opinião o turismo ajuda a melhorar a cidade de Matinhos? Explique.

10. Quando você for adulto, gostaria de trabalhar no setor turístico?

() Sim. Por quê?

() Não. Por quê?

11. O que é turismo para você? (expressar por meio de desenho e fala)

12. NOME QUE VOCÊ GOSTARIA DE TER OU ACHA BONITO¹ (que seja nome de menina se você for menina ou nome de menino se você for menino): _____

¹ Esta pergunta, inicialmente elaborada para constar no item DADOS, aparece no final do questionário para evitar que as crianças respondam através de um personagem por elas inventado. Ou seja, faz-se necessário um nome fictício para as crianças, com o intuito de resguardá-las, todavia é imprescindível que elas respondam “por elas mesmas”.

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM AS EDUCADORAS DO 5º ANO DAS ESCOLAS PESQUISADAS

1. Existe alguma matéria específica ou um tópico sobre o turismo a ser abordado durante esse ano letivo?
2. Se sim, qual o conteúdo?
3. Qual a sua percepção sobre o que as crianças pensam do turismo em Matinhos?
4. Qual a sua percepção sobre o que as crianças pensam dos turistas?
5. As crianças costumam fazer viagens ou passeios? Se sim, para quais lugares?
6. Que valores são transmitidos às crianças com relação ao bairro e à cidade onde moram?²
7. Em sua opinião, o turismo contribui para melhorar a infraestrutura, bem como a qualidade de vida da população local?
8. Gostaria de deixar um recado ou expressar algum sentimento com relação ao tema Turismo e Infância?

² O intuito foi o de analisar se valores como o da autoestima e o amor à cidade e ao bairro onde moravam estariam presentes, o que se aproximaria à topofilia (TUAN, 1980).

AUTORIZAÇÃO DAS CRIANÇAS – DECLARAÇÃO AUTORIZAÇÃO DAS CRIANÇAS

DECLARAÇÃO



A ELIZABETE SAYURI está fazendo um trabalho para a Universidade Federal do Paraná. Ela quer saber o que nós, crianças, pensamos sobre o turismo em nossa cidade.

Eu, _____
aluno _____ da
Escola _____.

Quero participar neste trabalho, respondendo às perguntas por meio de desenhos, palavras escritas, bem como através de conversas. Nesse trabalho quero me chamar

Não quero participar neste trabalho porque _____

Assinatura

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA OS PAIS OU RESPONSÁVEL)

O menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa **“TURISMO E INFÂNCIA: PERCEPÇÃO DAS CRIANÇAS RESIDENTES EM MATINHOS – PR**, cuja pesquisadora responsável é ELIZABETE SAYURI KUSHANO, doutoranda em Geografia pela Universidade Federal do Paraná. A pesquisa será realizada na escola em que o menor estuda.

Neste trabalho pretendemos descrever o que as crianças percebem com relação ao turismo e ao turista/veranista, bem como se o cotidiano (dia a dia) delas tem algum tipo de alteração no período da temporada e/ou feriados prolongados, bem como em outras épocas do ano, devido à vinda de turistas/veranistas.

O motivo que nos leva a pesquisar esse assunto é a falta de trabalhos sobre o tema do turismo e da infância; ademais, a atividade turística é uma prática social presente no cotidiano dos residentes locais de Matinhos, sendo importante saber o que a população ou parte dela pensa sobre essa atividade. Assim, acredita-se que este trabalho contribuirá para refletir, entre outros assuntos, se o turismo é considerado benéfico para os moradores locais de Matinhos.

Para esta pesquisa, adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): 1. Questionário com no máximo doze (12) perguntas, a serem respondidas pelas crianças em horário de aula; 2. Preenchimento do “Meu Diário” por um período máximo de uma (1) semana, a ser preenchido pelas crianças em horário extracurricular (em casa, sem a presença da pesquisadora); 3. Entrevistas.

Para participar desta pesquisa, o menor sob sua responsabilidade não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Ele será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Você, como responsável pelo menor, poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação dele a qualquer momento. A participação dele é voluntária e a recusa em

participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a identidade do menor com padrões profissionais de sigilo. O menor não será identificado em nenhuma publicação. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada a pesquisa. O nome ou o material que indique a participação do menor não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável, por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo, serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias; uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____,
portador (a) do documento de Identidade _____,
responsável pelo menor _____, fui
informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e
detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento
poderei solicitar novas informações e modificar a decisão do menor sob
minha responsabilidade de participar, se assim o desejar. Recebi uma
cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a
oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Matinhos, ____ de _____ de 20--.

Assinatura do (a) Responsável

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

CARTA À DIREÇÃO DAS ESCOLAS EXPLICANDO OS PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Prezada Sra. Diretora
Diretora do Colégio/Escola – Matinhos/PR

O projeto de tese de Doutorado em Geografia (Universidade Federal do Paraná – UFPR) intitulado “Turismo, Infância e Cotidiano: percepção das crianças residentes em Matinhos – PR” tem como objetivo analisar o que as crianças matinhenses pensam sobre o turismo, se elas percebem alterações em seu cotidiano no advento da baixa temporada, bem como na alta temporada e nos feriados prolongados.

Para tanto, venho, respeitosamente, pedir a anuência do Colégio Dom Bosco para que eu possa aplicar a pesquisa junto aos alunos do 5º ano. Nesse sentido, buscarei detalhar a seguir os procedimentos planejados para o referido trabalho:

Inicialmente, penso em **assistir as aulas de Geografia** para realizar observação das crianças. O intuito é de que os alunos se sintam familiarizados com a pessoa da pesquisadora. Também, por acreditar que muitos dos conteúdos de Geografia podem ter interface com o tema do Turismo. Acredita-se que, no máximo, três (3) encontros sejam satisfatórios para a observação.

Durante esse período, contaria com o apoio da professora responsável pela turma, bem como da Direção e Coordenação Pedagógica do Colégio Dom Bosco para a **entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE** (em anexo) para os Pais ou Responsável pelo Menor, além da **Declaração de Participação dos Alunos** (em anexo).

Somente após o retorno do TCLE e da Declaração, pretendo **aplicar o Questionário** (em anexo) para os alunos do 5º ano do Colégio Dom Bosco. Acredito que, no máximo, duas horas sejam suficientes para o preenchimento. O questionário possui 10 questões abertas, sendo importante a presença da pesquisadora na ocasião da aplicação, para possíveis maiores esclarecimentos junto às crianças.

Após essa etapa, **entregarei para cada aluno um pequeno diário** (modelo em anexo), em formato de livreto, para que ele descreva como é o seu dia a dia. O diário é uma técnica defendida por antropólogos e sociólogos da infância, que tem surtido resultados satisfatórios para interpretar o cotidiano das crianças. Pretendo entregar aos alunos em um período que

coincida com algum feriado prolongado. O diário a ser completado tem a duração de uma (1) semana.

Em paralelo com a pesquisa junto às crianças, pretendo realizar **breves entrevistas semiestruturadas** (modelo em anexo) com a Diretora do Colégio, a Coordenadora Pedagógica, bem como a Professora Responsável pelo 5º ano, com o intuito de perceber a visão dos Educadores sobre a questão do Turismo no município de Matinhos.

Importa dizer que, durante todo o processo da pesquisa, será assegurado aos alunos o anonimato dos mesmos. Também, ao Colégio, cabe-lhe definir a publicização de seu nome.

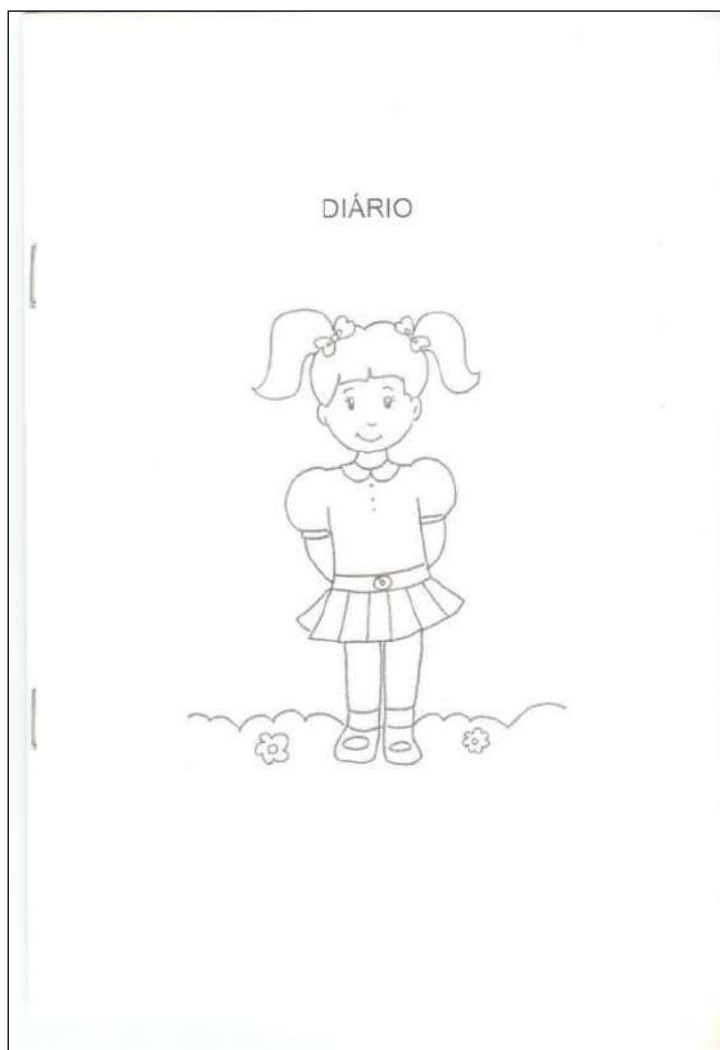
À disposição para maiores esclarecimentos que porventura se fizerem necessários, despeço-me agradecendo imensamente a atenção.

Atenciosamente,

Elizabete Sayuri Kushano

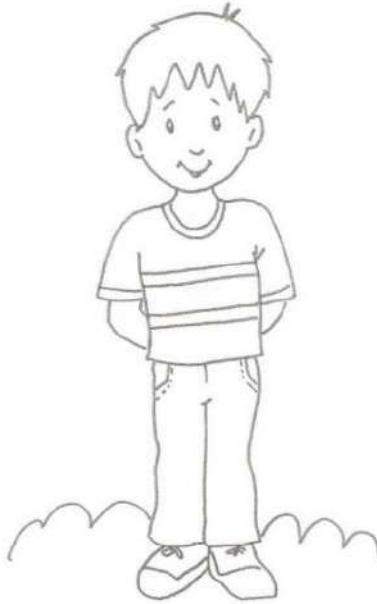
DIÁRIO SEMANAL PARA PREENCHIMENTO DAS CRIANÇAS

CAPA DOS DIÁRIOS³



³ Capa do diário com desenho representando uma menina, a ser entregue às alunas e capa do diário com desenho representando um menino, a ser entregue aos alunos do sexo masculino.

DIÁRIO



DIÁRIO – PARTE INTERNA

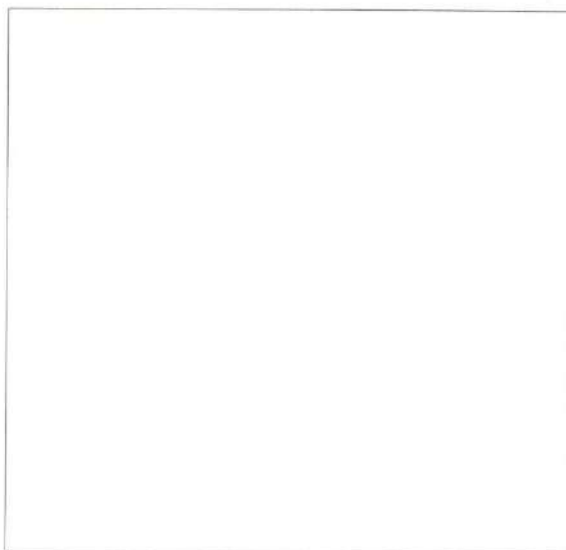
O dia de hoje é _____

O que fiz hoje

Comecei	O que eu fiz	Acabei

Observação: Essa coluna se repete mais seis vezes, com o intuito de cada criança participe da pesquisa preencher o Diário durante uma semana (7 dias).

AUTO-RETRATO



Diário de

Semana

De _____ a _____ de 2014

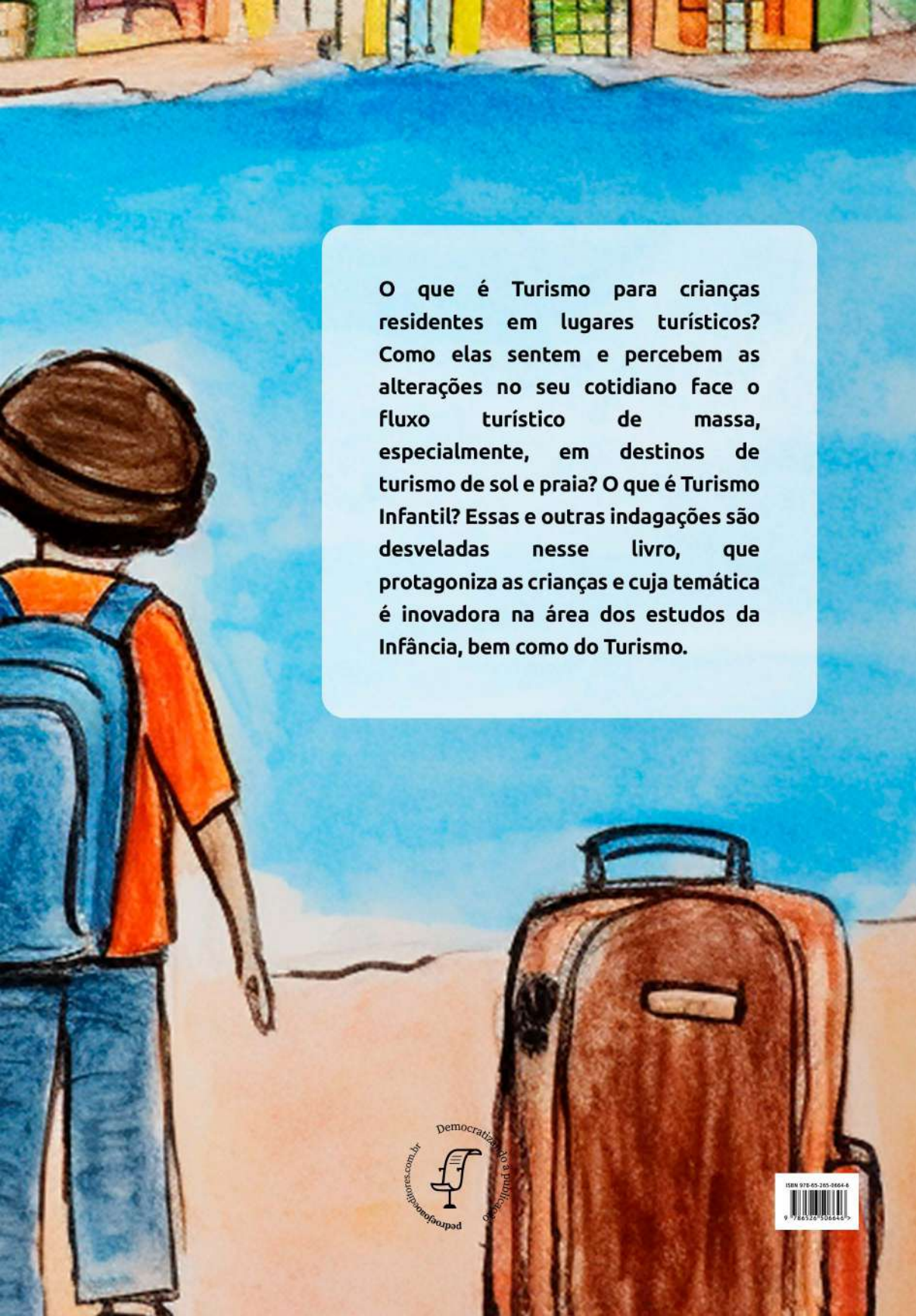
Escola

Observação: Última página e verso do Diário.

RECOMENDAÇÕES PRÉVIAS À APLICAÇÃO DA PESQUISA

1. Lembrar o nome fictício para que seja o mesmo em todos os instrumentos de coleta de pesquisa;
2. Escrever o nome verdadeiro e frisar que não será revelado o mesmo em etapa alguma da pesquisa;
3. Para o preenchimento do formulário “Diário”, caso alguma criança for viajar no feriado, solicitar que escrevam o nome do lugar para onde foi;
4. Incentivar as crianças a descreverem os seus sentimentos. “Como você se sente quando vem turista em Matinhos (ou na sua cidade). Ou como você se sente sendo turista”.
5. Contar com a colaboração das educadoras quanto à neutralidade no processo de aplicação do questionário para que não haja interferência nas respostas das crianças.
6. Agradecer! Agradecer! E, agradecer!
7. Dizer que irá voltar depois de terminada a pesquisa para fazer uma apresentação para as crianças¹

¹ Essa ação foi possível apenas na escola particular. As crianças ficaram surpresas e enquanto a autora apresentava, por diversas vezes escutava: - “Olha, isso fui eu que falei!”. - “Você viu que ela colocou o meu desenho?” Na escola pública municipal, como as turmas vão até o 5º ano, os estudantes são distribuídos em diferentes escolas estaduais a partir do 6º ano. Porém, o produto original do trabalho foi impresso e entregue para as bibliotecas das escolas participantes da pesquisa.

A watercolor-style illustration of a child from behind, wearing a brown hat, an orange shirt, and blue overalls with a large blue backpack. The child is standing on a sandy beach, looking out at a large blue body of water. In the foreground, a brown suitcase with a handle and a pocket sits on the sand. In the background, there are colorful buildings with windows and doors, suggesting a coastal town or resort. The overall style is soft and artistic.

O que é Turismo para crianças residentes em lugares turísticos? Como elas sentem e percebem as alterações no seu cotidiano face o fluxo turístico de massa, especialmente, em destinos de turismo de sol e praia? O que é Turismo Infantil? Essas e outras indagações são desveladas nesse livro, que protagoniza as crianças e cuja temática é inovadora na área dos estudos da Infância, bem como do Turismo.